



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



FERNANDA DO NASCIMENTO PAIVA

**UM ESTUDO SOBRE O SENTIDO DA PALAVRA “COISA”:
RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS E REFERENCIAÇÃO NA
INTERPRETAÇÃO TEXTUAL**

JOÃO PESSOA – PB

2016

FERNANDA DO NASCIMENTO PAIVA

**UM ESTUDO SOBRE O SENTIDO DA PALAVRA “COISA”:
RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS E REFERENCIAÇÃO NA
INTERPRETAÇÃO TEXTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz.

JOÃO PESSOA – PB

2016

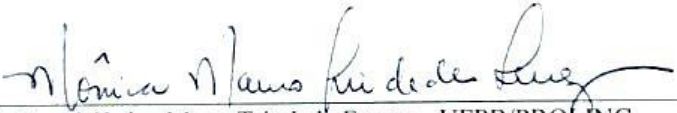
FERNANDA DO NASCIMENTO PAIVA

**UM ESTUDO SOBRE O SENTIDO DA PALAVRA “COISA”:
RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS E REFERENCIAÇÃO NA
INTERPRETAÇÃO TEXTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING,
da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Linguística.

APROVADA EM: 24 / 08 / 2016

BANCA EXAMINADORA



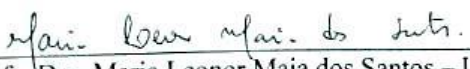
Prof. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz – UFPB/PROLING
ORIENTADORA



Prof. Dr. José Ferrari Neto – UFPB/PROLING
EXAMINADOR



Prof. Dr. Magdêl Medeiros Aragão Neto – UFPB
EXAMINADOR



Prof. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos – UFPB/PROLING
SUPLENTE

P149u Paiva, Fernanda do Nascimento.

Um estudo sobre o sentido da palavra "coisa": relações
semântico-lexicais e referência na interpretação textual /
Fernanda do Nascimento Paiva.- João Pessoa, 2016.

142f. : il.

Orientadora: Mônica Mano Trindade Ferraz

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Aos meus pais, minha fonte de aprendiza'
Aldenôra e Fernando.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, meu Pai, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos. Mesmo que as dificuldades tenham tentado me desanimar, Ele sempre esteve presente comigo.

Aos meus **pais**, que me educaram a lutar com vontade e determinação e cuidaram de mim com muito amor. Agradeço a vocês, Aldênora e Fernando, meus heróis!

A minha orientadora, Profa. Dra. **Mônica Mano Trindade Ferraz**, por ter tido a coragem de me aceitar como orientanda e por me conduzir, com paciência, dedicação, compreensão e competência, à construção do meu conhecimento. Obrigada pelos ensinamentos e pelos momentos de cobrança, sinceridade e conversas que tivemos ao longo desta caminhada.

Ao meu irmão, **Leandro Paiva**, pelas brincadeiras e risadas que serviram de impulsos para que eu concluísse mais essa etapa.

À **Pastoral da Crisma**, por me devolver todos os sábados a alegria de amar a Deus.

Ao meu amigo e irmão de fé, **Victor Paiva**, que confiou a mim a sua amizade, o seu carinho, a sua história. Obrigada pelos anos que passamos juntos na coordenação, você, por muitas vezes, fez com que eu acreditasse em mim.

À **Ana Caroline**, pela força de cada dia, pelo entusiasmo criado a cada novo desafio que enfrento e pelo amor ofertado em todos os momentos que precisei.

Aos meus colegas **José Wellisten** e **Mariana Lins**, por partilharmos conhecimento nas reuniões, por todo o incentivo e por toda a ajuda durante o mestrado.

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística/PROLING**, da Universidade Federal da Paraíba, pelo profissionalismo com que realizam suas atividades. Em especial, agradeço à **profa. Maria Leonor**, pelo carinho com que sempre conversou comigo e pela disponibilidade para dialogar sobre o meu trabalho, bem como agradeço ao professor **José Ferrari**, pelo compromisso de me auxiliar nesta pesquisa, e ao professor **Magdiel**, responsável por me apresentar o fascinante terreno movediço da Semântica.

Por vezes, sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar, mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

(Madre Tereza de Calcutá)

RESUMO

Como estratégia de coesão, as palavras, enquanto elementos efetivos da constituição de um texto, falado ou escrito, têm seu significado alterado por meio de recursos específicos de elaboração textual, podendo se ligar a elementos que se encontram dentro (endofóricos) ou fora (exofóricos) do texto, através da substituição lexical. Nessa perspectiva, objetivamos, com este trabalho, descrever e analisar o uso da palavra “coisa”, comumente apreendida como de significação genérica e vaga, mostrando de que modo esse termo adquire sentido específico ao funcionar como elemento de coesão referencial no texto oral. Para tal, recortamos como corpus de nosso trabalho 18 (dezoito) ocorrências do uso de “coisa”, coletadas do corpus “O Linguajar do Sertão Paraibano”, observando tanto o processo de referenciação textual quanto as relações semânticas estabelecidas no processo de substituição lexical. Trata-se de uma investigação qualitativa, de cunho descritivo e interpretativista, que adota os princípios teórico-metodológicos da Semântica Lexical. Para as discussões teóricas a respeito da relação que as palavras mantêm entre si e na sua textualização, embasamo-nos em Antunes (2005, 2012), Henriques (2011), Ilari (2006, 2008), Koch (2004, 2012), Lyons (1981, 1979), Marcuschi (2004, 2008), Oliveira (2008) e Tamba-Mecz (2006). Ainda servem de embasamento teórico, Cavalcante (2003, 2013) e Mondada (2013). As análises revelam que, ao estabelecer referências exofóricas e endofóricas com o seu referente textual, a palavra “coisa” constrói relações semântico-lexicais capazes de permitir sua interpretação. Assim, o emprego dessa forma remissiva, numa dada situação comunicativa, deixa de lado seu caráter de vagueza e passa a ter seu sentido determinado discursivamente, por meio de relações de sinonímia, antonímia, hiponímia/hiperonímia e meronímia/holonímia. Com isso, podemos dizer que a substituição de um nome, com sentido próprio, pela palavra “coisa”, genérica e vaga, nem sempre torna indeterminada a sua informação. A troca de uma palavra que tem sentido particular pela palavra “coisa”, que possui generalização máxima, requer um ato de interpretação e pode ser empregada, por exemplo, para estender ou para restringir uma informação já introduzida ou que ainda será projetada no discurso.

Palavras-chave: Coisa. Sentido. Referência textual. Relações lexicais.

ABSTRACT

As a cohesion strategy, words as effective elements of the constitution of a written or spoken text have their meanings changed through specific features of textual construction and they are able to connect the elements that are inside (endophoric) or outside (exophoric) the text through the lexical substitution. In this perspective, the aim of this research is to describe and analyze the use of the word from Portuguese language “*coisa*”, commonly understood as a generic and vague meaning, showing how this term acquires particular meaning to function as a reference element of cohesion in the oral text. To this end, we used as a corpus eighteen (18) occurrences of the use of “*coisa*” collected from the corpus “*O Linguajar do Sertão Paraibano*” observing the process of textual referencing as well as the semantic relationships established in the lexical substitution process. This qualitative, descriptive and interpretive research adopted the theoretical and methodological principles of Lexical Semantics. For the theoretical discussions about the relationship the words have among each other and their textualization, we based our discussion on Antunes (2005, 2012), Henriques (2011), Ilari (2006, 2008), Koch (2004, 2012), Lyons (1981, 1979), Marcuschi (2004, 2008), Oliveira (2008) and Tamba-Mecz (2006). Cavalcante (2003, 2013) and Mondada (2013) served as a theoretical basis as well. The analyses showed that, when establishing exophoric and endophoric references with its textual referent, the word “*coisa*” builds semantic-lexical relations able to allow its interpretation. Thus, the use of this remitting form, in a given communicative situation, sets aside its character of vagueness and its meaning becomes discursively determined through synonymy, antonymy, hyponymy/hypernym and meronymy/holonymy relations. Thus, we may say that replacing a noun with proper sense for the generic and vague word “*coisa*” does not always make its indeterminate information. The swapping of a word that has a special meaning for the word “*coisa*”, which has a maximum generalization, requires an act of interpretation and can be used, for instance, to extend or to restrict some information already introduced or which will be projected in the speech.

Keywords: *Coisa*. Sense. Textual reference. Lexical relations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CP	<i>Corpus</i> de Pesquisa
E	Entrevista
ER	Entrevistador
EO	Entrevistado
AS	Entrevista A em Sousa
BS	Entrevista B em Sousa
AP	Entrevista A em Pombal
BP	Entrevista B em Pombal
API	Entrevista A em Princesa Isabel
BPI	Entrevista B em Princesa Isabel

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Princípios de referenciação.....	47
Quadro II – Relações, Procedimentos e Recursos.....	56
Quadro III – Operações de textualização marcadas pela coesão referencial.....	68
Quadro IV – Mecanismos coesivos na construção do sentido.....	68
Quadro V – Quantitativo das ocorrências totais da palavra “coisa” no corpus “O Linguajar o Sertão Paraibano”.....	71
Quadro VI – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” nos municípios de Sousa, Pombal e Princesa Isabel.....	71
Quadro VII – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” na área urbana das cidades de Sousa, Pombal e Princesa Isabel.....	72
Quadro VIII – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” na fala de dois entrevistados de cada uma das três cidades (Sousa, Pombal e Princesa Isabel).....	73
Quadro IX – Quantitativo das referências exofóricas e endofóricas por dois entrevistados de cada uma das três cidades (Sousa, Pombal e Princesa Isabel).....	73
Quadro X – Quantitativo de ocorrência das relações lexicais.....	105
Quadro XI – Quantitativo de ocorrência das relações referenciais.....	105
Quadro XII – Número de ocorrência com referência exofórica.....	106
Quadro XIII – Número de ocorrência com referência endofórica.....	106
Quadro XIV – Quantitativo das relações textuais.....	108

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	x
LISTA DE QUADROS.....	xi
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A SEMÂNTICA LEXICAL.....	18
2.1 A NOÇÃO DE SIGNIFICADO NOS ESTUDOS LEXICAIS.....	18
2.2 AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO.....	22
2.2.1 Sinonímia.....	26
2.2.2 Antonímia.....	30
2.2.3 Hiponímia/Hiperonímia.....	37
2.2.4 Meronímia.....	40
3 A TEXTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES LEXICAIS.....	44
3.1 DA REFERÊNCIA AO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO.....	45
3.2 O PAPEL DO LÉXICO NO DISCURSO.....	50
3.3 OPERAÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO MARCADAS PELA COESÃO REFERENCIAL.....	55
4 ANÁLISE LINGÜÍSTICA DO CORPUS DE PESQUISA (CP).....	70
4.1 REFERÊNCIA EXOFÓRICA.....	74
4.1.1 Análise do trecho 01 da entrevista AS.....	74
4.1.2 Análise do trecho 05 da entrevista AS.....	75
4.1.3 Análise do trecho 01 da entrevista BS.....	77
4.1.4 Análise do trecho 08 da entrevista BS.....	78

4.1.5 Análise do trecho 02 da entrevista AP.....	80
4.1.6 Análise do trecho 13 da entrevista API.....	81
4.1.7 Análise do trecho 01 da entrevista BPI.....	83
4.2 REFERÊNCIA ENDOFÓRICA.....	85
4.2.1 Análise do trecho 08 da entrevista AP.....	85
4.2.2 Análise do trecho 10 da entrevista AP.....	87
4.2.3 Análise do trecho 01 da entrevista BP.....	89
4.2.4 Análise do trecho 02 da entrevista BP.....	91
4.2.5 Análise do trecho 05 da entrevista BP.....	92
4.2.6 Análise do trecho 06 da entrevista AS.....	93
4.2.7 Análise do trecho 04 da entrevista BS.....	96
4.2.8 Análise do trecho 01 da entrevista API.....	97
4.2.9 Análise do trecho 06 da entrevista API.....	99
4.2.10 Análise do trecho 05 da entrevista BPI.....	101
4.2.11 Análise do trecho 06 da entrevista BPI.....	102
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	119
ANEXO A: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AS e BS da área urbana de Sousa.....	120
ANEXO B: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AP e BP da área urbana de Pombal.....	128
ANEXO C: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas API e BPI da área urbana de Princesa Isabel.....	135

1 INTRODUÇÃO

Há palavras que são capazes de substituir todos os substantivos da língua, em virtude de sua condição genérica, como é o caso da palavra “coisa”. Para Oliveira (2008), essa palavra funciona como um dos termos mais gerais em português, tendo até sinônimos para sua forma substantiva: “negócio” e “treco”. De acordo com Antunes (2005), a forma nominal “coisa”, por ser genérica, pode ser compreendida como pertencente ao grupo dos hiperônimos, assim como outras que representam diferentes níveis de generalidade (ex. “item”, “elemento”, “entidade”, “recipiente”, “produto” etc.).

Dado que a palavra “coisa” é considerada como sendo capaz de substituir substantivos da língua, em virtude de sua condição genérica, e é extremamente comum na língua falada, interessa-nos investigar o que permite a sua interpretação numa dada situação comunicativa. O nosso ponto de partida situa-se na hipótese de que os processos de referenciação, mais especificamente, o da coesão referencial, envolvidos no emprego da palavra “coisa”, constroem relações semânticas capazes de permitir a sua interpretação. Tendo isso em vista, a nossa pesquisa está fundamentada no estudo sobre alguns fenômenos de natureza semântica, como a sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia. Embasamo-nos também no fenômeno da coesão, de natureza referencial.

De uma maneira geral, a perspectiva da referenciação assume a premissa de que os fenômenos referenciais ocorrem nas práticas discursivas, ou seja, “uma expressão referencial só chega a sua referência concreta quando empregada num discurso” (MARCUSCHI, 2008, p. 140). Essa noção de referência, enquanto “resultado de um processo dinâmico” (MONDADA, 2013, p.11), constrói e reconstrói referentes na medida em que elementos linguísticos estabelecem relações de sentido com outros elementos dentro (endofóricos) ou fora (exofóricos) do texto.

No que diz respeito à produção de sentido, Antunes (2012) reforça que as palavras são elementos efetivos da constituição de um texto e que é a lexicalização que fornece o vocabulário. Diante disso, Cambrussi e Hoffmann (2015, p. 39) esclarecem que “as relações lexicais podem ser investigadas de diferentes perspectivas: na relação entre si, estabelecida entre os itens, ou na sua textualização”. O ponto de partida para a análise de nosso objeto de estudo, nesta pesquisa, encontra-se entre essas duas abordagens.

Para a nossa investigação, utilizamos de um *corpus* já construído e disponibilizado academicamente para fins de investigação científica. Ele foi desenvolvido por um professor-pesquisador¹ da Universidade Federal da Paraíba, junto a três estudantes, também da UFPB. Esse corpora, intitulado “O Linguajar do Sertão Paraibano”, patenteia a fala da população de nove municípios – Cajazeiras, Catingueira, Catolé do Rocha, Conceição, Itaporanga, Patos, Pombal, Princesa Isabel e Sousa –, a partir de entrevistas orais feitas nas áreas urbana e rural do sertão paraibano. A estrutura ‘perguntas e respostas’ é característica comum de todas as entrevistas observadas e analisadas nesta pesquisa.

Essa coleção recebeu o apoio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Grupo de Estudos em Fonética (GEfone) e do Ministério da Educação (MEC). É composta de seis volumes, e cada um deles reúne entrevistas em três cidades. O primeiro e segundo volumes apresentam os registros orais dos municípios urbanos e rurais de Cajazeiras, Catingueiras e Catolé do Rocha; o terceiro e o quarto, dos municípios urbanos e rurais de Conceição, Itaporanga e Patos; o quinto e o sexto, dos municípios urbanos e rurais de Pombal, Princesa Isabel e Sousa.

Os entrevistados têm como características: a) ter nascido na localidade em que vive; b) não ter se ausentado dela por um período contínuo igual ou superior a 05 anos completos; c) ter pais também nascidos na região em que vive; d) não apresentar problemas de dicção que interfiram na fluência oral ou na qualidade de pronúncia dos vocábulos; e) ser reconhecido pelo grupo social em que se insere como um seu típico representante, no nível dialetal.

Para as entrevistas desenvolvidas na zona urbana, foram disponibilizadas salas de aula e de reuniões e, para as de zona rural, as residências dos próprios entrevistados, ou ainda algumas áreas próximas a elas. Em todas elas – as entrevistas –, os entrevistados foram registrados audiovisualmente, pois cederam autorização para isso e, ao final de cada uma, preencheu-se a ficha social de cada entrevistado. Destacamos que todos os arquivos sonoros foram transcritos em formato PDF, por meio do programa Transcriber.

Partindo daquilo que buscamos alcançar com esta pesquisa, isto é, a função textual que a palavra “coisa” exerce, na fala dos entrevistados, quando faz referência a elementos do discurso e, cientes da necessidade de se realizar um recorte no *corpus*

¹ Cirineu Cecote Stein (STEIN, Cirineu S. et al. **O Linguajar do Sertão Paraibano**. Editora Universitária: UFPB, 2012).

disponibilizado, interessa-nos, mais precisamente, as ocorrências dessa palavra na fala urbana dos entrevistados de três cidades: Sousa, Pombal e Princesa Isabel. Adotamos a área urbana como recorte para a nossa análise porque não estamos considerando a localização geográfica como fator de influência para o emprego da palavra “coisa”. Além disso, como não temos a pretensão de medir quantitativamente a frequência em que é empregada a palavra “coisa”, esse recorte é resultado do caráter qualitativo adotado para esta pesquisa, pois nossa finalidade consiste em apreciar o significado dado a essa palavra no *corpus* “O Linguajar do Sertão Paraibano”.

De forma mais delimitada, formulamos os seguintes objetivos: i) identificar as ocorrências da palavra “coisa” nas entrevistas fornecidas pelo material que adotamos para investigação do nosso objeto de estudo; ii) investigar se a palavra “coisa” faz referência a elementos do discurso; iii) descrever e analisar os sentidos gerados pela ocorrência da referência (endofórica e/ou exofórica) a outros elementos discursivos por meio da sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia; iv) verificar como tais relações semânticas se constituem em uma característica das ocorrências da palavra “coisa” nas entrevistas do *corpus* selecionado.

Embora o foco não esteja nos dados quantitativos, complementamos esta pesquisa com os dados estatísticos que julgamos importantes para uma melhor compreensão acerca do nosso objeto de investigação. Analisamos, no total, 18 ocorrências da palavra “coisa”, pois selecionamos 02 entrevistados de cada município, totalizando 06 entrevistados e 03 ocorrências de cada um deles.

No que diz respeito à estrutura textual desta dissertação, convém notificar que ela está dividida em quatro capítulos, intitulados, respectivamente: “Introdução”, “A Semântica Lexical”, “A textualização das relações lexicais” e “Análise linguística do *Corpus* de Pesquisa (CP)”.

Neste primeiro capítulo, esclarecemos pontos acerca do tema, dos objetivos, da hipótese, da justificativa, enfim, do desenvolvimento da pesquisa. No segundo capítulo, trazemos uma breve discussão teórica sobre a semântica e o seu objeto de estudo, partindo da concepção de significado linguístico até chegar à descrição de como o sentido é construído a partir de relações que itens do léxico estabelecem entre si. Com efeito, abordamos brevemente questões referentes ao debate terminológico que aponta como movediço o espaço da semântica, em seguida, passamos a caracterizar a Semântica lexical como sendo uma das várias semânticas, apresentando a distinção entre paradigma e sintagma, léxico e vocabulário, campo lexical e campo semântico.

Por fim, dedicamo-nos a uma caracterização pormenorizada da sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia.

Sequencialmente, no terceiro capítulo, fazemos uma abordagem textual-discursiva do léxico², numa trajetória que parte das relações que as palavras estabelecem umas com as outras até chegar aos recursos de textualização por que passam essas relações ao serem empregadas em situações de coesão referencial. Nesse sentido, destacamos o papel do léxico nos discursos produzidos pelos falantes de uma língua e as operações de textualização marcadas pela coesão referencial, situando no discurso as referências exofóricas e as referências endofóricas.

No quarto e último capítulo deste trabalho, o enfoque é dado às análises das ocorrências da palavra “coisa” encontradas no *corpus* “O Linguajar do Sertão Paraibano”. Agrupamos, inicialmente, as análises das ocorrências cuja referência é exofórica, depois, as de referências do tipo endofórica. Ao final das análises, fazemos uma discussão concernente aos resultados obtidos. Essas discussões servem de base para a interpretação geral dos resultados, que está registrada nas considerações finais.

Para finalizar o trabalho, apresentamos as referências relativas às teorias e estudos consultados para as discussões de ordem teórica e, ainda, três anexos, a saber: ANEXO A: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AS e BS da área urbana de Sousa; ANEXO B: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AP e BP da área urbana de Pombal; ANEXO C: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas API e BPI da área urbana de Princesa Isabel.

2 A SEMÂNTICA LEXICAL

A semântica, domínio particular da linguística, é tributária de grandes correntes teóricas, que carregam em si definições que servem de ponto de partida para o estudo do significado. Nessa perspectiva, seu campo de investigação pode ser caracterizado

² Não adotamos o termo “discurso” como discurso ideológico sob a ótica da Análise do Discurso (AD). Aqui, neste trabalho, o que se entende como “discurso” é o contexto linguístico e extralinguístico do texto.

segundo opções teórico-metodológicas distintas, as quais são marcadas por um olhar diferenciado sobre o mesmo objeto. Com efeito, cabe à Semântica Lexical estudar o significado das palavras e outros elementos, como os lexemas, afixos e as expressões idiomáticas, e as relações de sentido entre elas. Além disso, é ainda de seu domínio estudar as alterações de sentido geradas dentro do texto, a partir da relação que as palavras mantêm umas com as outras num dado contexto. Essas relações semântico-lexicais envolvem fenômenos como a sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e a meronímia.

Neste capítulo, fazemos breves considerações a respeito do objeto de estudo da semântica, mais particularmente, do tratamento que a semântica lexical dá ao significado linguístico³, uma vez que o nosso foco de investigação se encontra na perspectiva da textualização das relações lexicais. Admitimos que as palavras podem ter seus sentidos alterados de acordo com o seu emprego no discurso, concepção essa que será mais nitidamente abordada no próximo capítulo. Neste, porém, dedicamo-nos, sobretudo, às relações que as palavras estabelecem entre si, numa variação de ponto de vista (sinonímia), de polaridade (antonímia), de grau hierárquico (hipo/hiperonímia) ou de totalidade (meronímia). Para tanto, discutiremos a diferença entre paradigma e sintagma, léxico e vocabulário, campo lexical e campo semântico.

Para as discussões teóricas, embasamo-nos em Lyons (1981, 1979), Oliveira (2008) e Tamba-Mecz (2006) e outros estudiosos que nos ajudaram a construir um painel dos estudos da semântica, em especial, da semântica lexical.

2.1 A NOÇÃO DE SIGNIFICADO NOS ESTUDOS LEXICAIS

De acordo com Lyons (1979), a palavra *semântica*, de origem relativamente recente, foi criada a partir do verbo grego *semantike*⁴, que quer dizer “significar”. Talvez, isso permita afirmar que o estudo do significado é uma das mais antigas buscas do ser humano, pois estamos sempre buscando entender o significado de enunciados, desde uma chamada publicitária na tevê à fala de um amigo dirigida a nós. São muitas as definições atribuídas à semântica e, quando se fala em significado, as pessoas

³ O objeto de toda e qualquer semântica é o significado, mas trata-se aqui de um estudo do significado linguístico, pautado na preocupação com o léxico, diferentemente do que fazem a semântica cognitiva ou argumentativa.

⁴ Henriques (2011, p. 01).

envolvidas com questões da linguagem já o definem como objeto de estudo da semântica.

Essa definição de tomar o significado como objeto de investigação da Semântica parece ser o único ponto em comum entre os semanticistas, já que o significado linguístico pode ser investigado por várias perspectivas teóricas, com pressupostos, propósitos e métodos diferentes. Logo, estamos diante de um objeto heterogêneo, razão pela qual há várias semânticas dentro da Semântica.

No tocante ao domínio da investigação semântica do significado, Ilari e Geraldini (2006, p. 06) complementam:

[...] a semântica é um domínio de investigação de limites movediços; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre tão óbvias.

Esse debate terminológico, que aponta como movediço o terreno da semântica, não desconsidera a validade dos estudos da Semântica, pois o significado não pode ser comprovado igualmente às exigências do cientificismo positivista, como também é o ponto, na matemática. De acordo com Lyons (1979), o significado de uma sentença é dependente tanto do significado lexical quanto do significado gramatical, isto é, do significado dos lexemas⁵ constituintes e das construções gramaticais que relacionam lexemas ou lexemas sintagmáticos⁶ a outros.

Assim, o significado não é uma entidade, mas uma relação (HENRIQUES, 2011). E essa relação não se estabelece entre um item lexical e um objeto do mundo, e sim entre uma expressão linguística e algo não linguístico. Com efeito, nos estudos semânticos, as redes de significação às quais o léxico geral se submete estão constantemente passíveis a estabelecer uma conexão de sentidos. É o que Pottier (1992, p. 11) afirma ao dizer que a semântica se preocupa com “mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais”. É nesse panorama que os manuais contemporâneos chegam a definir em consenso o objeto de estudo da

⁵ Lexema é a “palavra que possui significado lexical mesmo quando está isolada”, cuja forma é uma forma-vocabular, de acordo com Lyons (1979).

⁶ Lexemas sintagmáticos são “lexemas cuja forma é um sintagma, no sentido tradicional do termo inglês ‘phrase’”. [...] Os lexemas sintagmáticos, em geral, são ou gramaticalmente ou semanticamente **idiomáticos**, ou ambos; isto é, sua distribuição nas sentenças ou seu significado é imprevisível a partir das propriedades sintáticas e semânticas de seus constituintes”. (LYONS, 1981, p. 109).

semântica: o sentido apreendido por meio das formas e estruturas significantes das línguas (TAMBA-MECZ, 2006). Mas essa é a única unanimidade em torno do significado linguístico, pois muitos semanticistas divergem com relação à ênfase em diversos aspectos desse objeto.

Na perspectiva de estudo da Semântica Lexical, adotada neste trabalho, o significado linguístico resulta da relação entre as palavras, como podemos perceber na aproximação semântica (ou quase equivalência) estabelecida entre as palavras “ultrasecretos”, “sigilo” e “segredo”, no trecho exposto por Antunes (2012, p. 80):

Depois de muita vacilação, tudo indica que a versão final da Lei de Acesso à Informação disporá que os documentos brasileiros classificados como **ultrasecretos** estarão protegidos pelo **sigilo** por um máximo de dois períodos de 25 anos cada um. Guardar um **segredo** de estado por meio século é muito? (Veja, 29 de junho, 2011, p.13)

Mesmo que, nesse trecho, não haja retomada de um mesmo referente, ainda assim observamos uma relação de equivalência entre as palavras destacadas, tal como se tratasse de dois sinônimos. Essa abordagem das relações semântico-lexicais trata de fenômenos como a sinonímia, a antonímia, a hipo/hiperonímia e a meronímia, envolvidos, por exemplo, em fenômenos de anáforas lexicais, conforme veremos no capítulo 03. Considerada então a “ciência que estuda a significação” (ILARI; GERALDI, 2006, p. 05), a semântica e, em especial, a lexical descreve não só as relações de sentido entre palavras, mas as alterações de sentido geradas dentro do texto.

Cambrussi e Hoffmann (2015, p. 37) esclarecem que as relações de sentido, a exemplo da sinonímia e da hiperonímia, podem vir a “[...] receber interpretações distintas daquelas convencionalmente atribuídas às sentenças ou a palavras quando observadas em seu estado semântico, em termos de conteúdo e de estrutura semântica”. Ao considerarmos que as unidades do léxico são elementos efetivos da constituição do texto, pode acontecer, no caso da substituição de uma palavra por outra, um acréscimo de informações ou o fornecimento de dados sobre a referência anteriormente introduzida no texto. Vejamos o exemplo dado por Antunes (2005, p. 97):

Saia de bolinhas, colete preto e cabelos presos, **Madonna** estava mais para a Santa Evita que para a demoníaca *material girl* quando desembarcou em Buenos Aires, no sábado 20. A tática usada pela **pop star** era para aplacar um pouco os ânimos argentinos, mas não deu muito certo: escalada pelo diretor Alan Parker para viver no cinema o papel de Eva Perón (1919-1952), a **estrela americana** vem enfrentando a ira dos peronistas. Foi recebida com pichações e bombardeada pela imprensa. Tentando contornar a situação, **Madonna** foi logo dizendo que

estava em missão de paz.

Reparemos que a substituição do nome “Madonna” permite que tenhamos mais conhecimento da pessoa de quem se fala (“Madonna”, “a pop star”, “a estrela americana”), tornando o texto mais informativo. A referência feita pelo nome “Madonna” é retomada pelos termos substitutos “pop star” e “a estrela americana”, numa estratégia de manter na memória a referência já feita à pessoa em questão. Sobre essa textualização das relações lexicais, a exemplo da sinonímia que ocorre nesse último trecho, Cambrussi e Hoffmann (2015, p. 38) explicam:

O que ocorre é que, no texto, quando temos as palavras em uso, questões que estão para além da informação linguística em torno delas são acionadas, definidas, delimitadas. Os recortes do mundo e do conhecimento não linguístico que temos sobre seu funcionamento passam a interagir com o conhecimento linguístico: dessa interação surge a necessidade de reanalisarmos as relações linguísticas (entre elas, as lexicais).

De fato, como ressalta Antunes (2005, p. 100), a substituição de um termo por outro envolve muitas restrições de significado, pois, “nem mesmo aquelas palavras que, no dicionário, são tidas como sinônimas podem, sempre, ser usadas como totalmente equivalentes entre si”, como no caso das palavras “casa” e “residência”, nas sentenças “Ana comprou uma casa” e “Ana comprou uma residência”. A substituição de “casa” por “residência” parece construir uma sentença relativamente insólita ou até semanticamente inaceitável.

A respeito dessas relações que se estabelecem em um nível combinatório básico, numa associação entre uma interpretação semântica estável e um conjunto restrito de construções mínimas, daremos maior relevo na próxima seção.

2.2 AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

A significação das unidades da língua pode ser definida, por um lado, através das unidades cujo significado remete aos fenômenos do mundo extralinguístico, e por

outro, através das unidades que remetem ao interior do próprio sistema linguístico (ANTUNES, 2012). Os elos que existem entre os comportamentos discursivos das palavras, numa dada situação comunicativa, requerem o uso de mecanismos e operações diversos para se chegar ao sentido. Dito isso, a estrutura semântica dos *sistemas lexicais* pode ser explicada em função das relações de sentido tanto no plano paradigmático quanto no plano sintagmático.

Vem de Saussure o princípio dicotômico das *relações paradigmáticas* e *sintagmáticas*. Esse autor define as paradigmáticas como as organizadas fora do discurso, sendo construídas a partir das associações que se podem fazer entre os signos linguísticos; e as sintagmáticas articuladas por meio de combinações que se baseiam no encadeamento de duas ou mais formas consecutivas num enunciado⁷. Convém assinalar que o discurso pode ser aqui entendido como qualquer fragmento conexo de escrita e fala, sendo resultado da combinação e organização dos signos linguísticos.

Além dessa distinção dicotômica de que falamos, Saussure diferenciou *léxico* de *vocabulário*: enquanto o léxico é um conjunto estruturado das unidades lexicais de uma língua, o vocabulário é a soma de vocábulos que constitui uma *nomenclatura* (TAMBA-MECZ, 2006). Em vista dessa dicotomia saussuriana é que podemos dizer que o vocabulário de uma língua conterà um certo número de *sistemas lexicais*.

Quanto à investigação empírica da estrutura da língua, Lyons (1979, p. 471) assim completa:

[...] pode-se definir o sentido de um elemento lexical não só como dependente do conjunto de relações que ele mantém com outros elementos do mesmo sistema lexical mas também como idêntico ao conjunto dessas relações.

Como podemos perceber, o sentido é definido em termos de relações estabelecidas entre unidades do vocabulário. Com isso, os semanticistas não ficam comprometidos com as pressuposições acerca da existência⁸ de objetos e das

⁷Esclarecemos, em virtude de evitar a confusão com o significado de sentença, que o significado de um enunciado “resulta da combinação dos significados das palavras e sintagmas que o compõem” (HENRIQUES, 2011, p. 74), em contraste àquele, cujo significado é considerado como advindo das unidades do sistema linguístico a que pertencem (LYONS, 1981).

⁸De acordo com Lyons, “a fonte [...] das noções de “existência” e “referência” se encontra na sua aplicação fundamental ou primária a objetos físicos no uso cotidiano da língua”. (LYONS, 1981, p. 451). Vale ressaltar que “referência” e “aplicação”, para Lyons (1981), são noções distintas: “quando unidades lexicais de línguas diferentes podem ser postas em correspondência uma com a outra com base na identificação de traços e situações comuns nas culturas em que elas operam podemos dizer que essas unidades têm a mesma ‘aplicação’. São duas razões para usar esse termo, e não ‘referência’. A primeira é

propriedades fora do vocabulário da língua. Pode-se, pois, dizer que as relações entre duas ou mais unidades vocabulares é uma questão de sentido e não de correspondência a objetos do mundo real.

É certo que a associação entre palavras pode se dar por ligações de sentido, mas não só, pois pode acontecer por motivos puramente formais ou até por uma combinação entre forma e significado. Nessa direção dos tipos de relações associativas, chamaremos de *campo lexical* o “conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa” (HENRIQUES, 2011, p. 78); e de *campo semântico* o conjunto de significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. Nesse caso, podemos dizer, por exemplo, que “escravidão”, “escravizar” e “escravatura” fazem parte do mesmo campo lexical porque apresentam o mesmo radical na sua composição, já “escravidão”, “dependência” e “submissão” fazem parte do mesmo campo semântico em virtude de seus sentidos por compartilharem do sentido de “vínculo que restringe a liberdade de uma pessoa”.

Acrescentamos ainda dois postulados a esse último campo: é o enunciado que define os empregos da palavra e faz o levantamento dos termos aos quais ela pode vir a se associar ou a se opor; e que “nenhuma unidade lexical é *a priori* um termo, e só se torna um termo à medida que essa condição é ativada em um ambiente textual e discursivo” (HENRIQUES, 2011, p. 26).

De acordo com Lopes e Pietroforte (2008), algumas das transformações por que passa esse semanticismo das palavras são derivadas de seu emprego em discurso. Isso pode ser observado através da composição das palavras de um campo lexical. Para isso, faz-se mão de elementos mínimos de sentido (TAMBA-MECZ, 2006) que colocarão à mostra o que há em comum entre essas unidades lexicais, assim como aquilo que é específico de umas e outras. Estamos falando da *análise sêmica* ou *componencial*, cuja função é ordenar da maneira mais clara possível “os conteúdos focalizados dentro de um campo lexical” (LOPES; PIETROFORTE, 2008, p. 119).

A finalidade da análise componencial é chamar a atenção para os “contrastes distintivos que servem para separar um significado ou um conjunto de significados dos outros” (OLIVEIRA, 2008, p. 70). Oliveira (2008) assim argumenta com o intuito de deixar claro que essa análise não tenta descrever, detalhadamente, todos os traços ou

que ele tem sido usado para a relação que se estabelece entre as situações e as expressões que nelas ocorram. [...] E a segunda é que isso nos permitirá uma caracterização semântica das unidades lexicais que não têm referência” (LYONS, 1981, 459-460p).

ainda as características dos lexemas em relação, assim, não há a necessidade de examinar todos os componentes semânticos de cada lexema em questão.

Dito isso, a análise sêmica do léxico tem uma terminologia⁹ que favorece aos seus próprios interesses. Ela afirma que o *lexema* é uma entrada de dicionário, ou seja, “uma palavra ou uma expressão idiomática tomadas em uma única acepção bem determinada” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 46). Além disso, considera o *sema* como a unidade mínima de significação e o *semema* o conjunto de semas. Para complementar, Ilari (2008, p. 39) caracteriza a *análise componencial* como recurso para organizar o léxico:

A *análise componencial* parte do princípio de que a significação das palavras pode ser “quebrada” em unidades menores (geralmente chamadas de “componentes” ou “traços semânticos”) e que as unidades encontradas na análise de uma determinada palavra reaparecerão em outras palavras.

Dessa maneira, seria possível verificar o que duas ou mais palavras têm em comum, como em “quadrado”, que apresenta os traços: [+ FIGURA GEOMÉTRICA], [+ PLANA], [+ CÔNCAVA], [+ COM QUATRO LADOS], [+ LADOS IGUAIS] e [ÂNGULOS IGUAIS], sendo esses traços compartilhados na caracterização também de um losango, retângulo, pentágono etc.

Ainda como forma de ilustração, assim diz alguns dicionários da língua portuguesa sobre a palavra “faca”¹⁰: “Instrumento cortante formado por uma lâmina com gume engastada em um cabo” (Dicionário Michaelis online); “Instrumento cortante, provavelmente a mais útil das ferramentas usadas pelo homem”¹¹ (Dicionário Houaiss online); “Instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo” (Dicionário Aurélio impresso).

Nota-se em todas essas definições que “faca”¹² é apresentada como um “instrumento”, que, por sua vez, é: “todo objeto que serve para auxiliar ou levar a efeito

⁹ A acepção considerada para *terminologia* é a que “designa não só um conjunto de práticas e métodos utilizados na compilação, descrição, gestão e apresentação dos termos de uma determinada linguagem de especialidade (= terminologia enquanto atividade), como também o conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada, incluídos aí os termos, evidentemente (=terminologia enquanto teoria)” (HENRIQUES, 2011, p. 26).

¹⁰ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/faca%20_963884.html> Disponível em 12 de out. 2015.

¹¹ <<http://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=faca>>. Disponível em: 12 de out. 2015.

¹² <<http://www.dicio.com.br/instrumento/>>. Disponível em: 12 de out. 2015.

uma ação física qualquer” (Dicionário Houaiss). Isso nos leva a dizer que um instrumento se insere entre a categoria de objetos e a dos sujeitos, pois, uma vez que ele atua como meio para fazer algo e o fazer não é visto culturalmente como um atributo dos objetos, o instrumento é um adjuvante de uma ação praticada por sujeitos.

Por conseguinte, o “significado de uma palavra é formado por um conjunto de elementos significativos, chamados *componentes semânticos*” (OLIVEIRA, 2008, p. 68), ou seja, “chamaremos *componente* semântico o que esses diferentes grupos de palavras têm em comum” (LYONS, 1979, p. 500). De certa forma o dicionário é uma análise componencial informal, na qual cada parte da definição é um componente.

Para Lyons (1979), o componente básico é essencial para se descrever o significado de um lexema. Dessa forma, podemos dizer que o significado de “homem” é o produto dos componentes [MACHO], [ADULTO] e [AQUINO].

Nesse ponto de vista, as palavras não são reflexos das coisas, mas são definidas umas em relação às outras, pois, segundo Lopes e Pietroforte (ILARI, 2008, p. 125), “é a partir de mecanismos de linguagem que se constrói efeitos de sentido tanto de denotação quanto de conotação”.

Quanto a essa diferença entre denotação e conotação, Lyons (1979) já havia invocado, como muitos outros semanticistas, a exemplo de Ilari, a distinção entre significado “cognitivo” e “afetivo”, em virtude de que o falante, ao usar a língua, faz a distinção de duas ou mais faculdades psicológicas, o intelecto, por um lado, e, por outro lado, a imaginação e a afetividade. Sobre esse comportamento linguístico, Lyons (1979, p. 477) argumenta:

Diz-se frequentemente que, em contraste com o vocabulário do discurso científico e técnico, as palavras da “linguagem cotidiana” estão carregadas de associações “afetivas” ou “conotações”, que se superpõem ao seu significado primário, puramente “intelectual”.

É claro que há muitos outros fatores que influenciam ou determinam nossa escolha entre palavras e expressões, e que a discussão entre significado cognitivo e afetivo está longe de ser clara, mas o trecho acima citado identifica que as palavras assumem sentido(s) diverso(s) no contexto. Isto porque o uso frequente de uma palavra em uma certa gama de contextos no lugar de outra usualmente possibilita várias associações entre a tal palavra e o que houver, segundo Lyons (1981, p. 113), “de distinto em relação a seus **contextos físicos de ocorrência** (grifo nosso). Disso Ilari

(2008) extrai que a denotação é um efeito de sentido pelo qual o mundo é falado de forma neutra¹³ através das palavras.

Por fim, e de acordo com o ponto de vista construído nesta seção, as palavras são unidades de sentido à medida que se prestam a estar em relação umas com as outras a partir de processos semânticos de veiculação de sentido. Dessa maneira, podemos dizer há palavras que se relacionam por uma semelhança de significado, como é o caso de “casa” e “residência”; por oposição de significado, como entre “ligado” e “desligado”; por uma estrutura hierárquica, identificada em “animal” e “cachorro”; ou ainda pela idéia de parte-todo, como em “dedo” e “mão”.

É a partir desses modos de organização semântica que discutiremos a seguir as relações semântico-lexicais de sinonímia, antonímia, hiponímia/hiperonímia e meronímia.

2.2.1 Sinonímia

Ao explorar as relações semânticas entre as palavras, um fenômeno que chama a atenção quando observamos um campo lexical é a sinonímia, definida pela teoria semântica contemporânea como uma relação na qual “dois termos são sinônimos se têm o mesmo sentido” (LYONS, 1979, p. 474). Poder-se-ia se pensar, portanto, qual a utilidade de uma língua possuir palavras diferentes que significam a mesma coisa, já que, a partir disso, as palavras ficam passíveis de serem intercambiáveis numa dada construção sintagmática, como podemos observar nas seguintes sentenças:

(01) *Pegue o pano e **seque** os copos.*

(02) *Pegue o pano e **enxugue** os copos.*

Nesses dois exemplos, nota-se que as palavras “seque” e “enxugue” são sinônimas porque significam a mesma coisa e visam ao mesmo resultado, que é retirar com o pano o excesso de água dos copos. Essa interpretação é possível porque a substituição de um termo pelo outro não causa prejuízo algum no que se pretende comunicar nestes exemplos, podendo, pois, admitir que há uma relação sinonímica entre eles. Com isso, encontramos razão para ao menos suscitar a probabilidade de que a

¹³ Essa palavra está baseada no emprego que Ilari (2008) faz do advérbio ‘neutramente’ para caracterizar a denotação como “significado primário” de que fala Lyons (1979).

sinonímia também é a aproximação dos semas que constituem as palavras colocadas em relação aqui, já que “secar” e “enxugar” compartilham do mesmo traço semântico enquanto unidade mínima de significação: [PERDER A UMIDADE].

Pode-se, pois, segundo Tamba-Mecz (2006), chamar *sinônimas* as palavras de sentido quase equivalentes ou, na expressão de Lyons (1979), em função da implicação recíproca. Essa definição considera que se F1 e F2 implicam bilateralmente o mesmo conjunto de frases, então elas são equivalentes uma à outra, assim como vimos nas sentenças (1) e (2). Além disso, Tamba-Mecz (2006) ressalta que no uso corrente se podem considerar *sinônimas* as palavras diferentes de mesma categoria gramatical, exemplificada no domínio da morfologia, com a troca de significantes, conforme vemos nos seguintes contextos dados por Henriques (2011, p. 80):

(03) *Por favor, **alojem** os mantimentos num lugar de fácil acesso.*

(04) *Por favor, **guardem** os mantimentos num lugar de fácil acesso.*

(05) *Por favor, **armazenem** os mantimentos num lugar de fácil acesso.*

Observemos que as palavras “alojar”, “guardar” e “armazenar” são intercambiáveis no contexto construído em torno de uma situação em que um comerciante fez as compras da semana e, após isso, pede a dois de seus funcionários que organizem tudo. Nesse caso, temos que “alojar”, “guardar” e “armazenar” são equivalentes nessas sentenças em destaque, logo *sinônimas* por uma implicação recíproca. Ademais, elas fazem parte da mesma categoria gramatical, a dos verbos.

De acordo com essa noção comum de sinonímia, podemos caracterizar esse fenômeno através das unidades lexicais codificadas sobre as quais ela incide, de modo a excluir uma concepção vaga da sinonímia para assumir uma particular equivalência de sentido. Essas unidades que mantêm entre si uma relação sinonímica são consideradas na linguagem comum e na prática lexicográfica como elementos constituintes de certas estruturas frásticas, deixando de lado a concepção de que elas se relacionam na própria estruturação do sistema lexical.

Tendo em vista que a identidade de sentidos dos vocábulos não diz respeito aos termos abstratos do sistema lexical, não há, portanto, como considerar plenamente a existência de uma sinonímia perfeita, dado que os vocábulos podem ter sentidos idênticos em apenas alguns de seus usos. Dessa forma, a sinonímia tem uma direção contrária da polissemia em termos de economia linguística: enquanto a sinonímia é uma

relação que liga dois ou mais elementos lexicais de “mesmo sentido” (LYONS, 1979), a polissemia é a propriedade que uma palavra tem de possuir dois ou mais possíveis sentidos relacionados entre si.

Quanto aos sentidos que os dicionários atribuem às palavras, Tamba-Mecz (2006, p. 90) acrescenta dizendo que, efetivamente, “os dicionários vinculam os sinônimos não diretamente ao item lexical posto como verbete, mas às diferentes acepções registradas no artigo”. Em vista disso é que para “igual”, por exemplo, o dicionário aponta “idêntico” como sinônimo; além de “medir quantidades iguais”; ou ainda “regular”, em “um ritmo igual”. No entanto temos conhecimento de que “regular” e “igual” não são sinônimas uma da outra, pois, de acordo com o que se postula sobre a sinonímia puramente absoluta, a possibilidade de intercâmbio sem modificação de sentido em todos os seus contextos de uso é a condição para a sua existência, e assim a concebemos aqui.

Relativamente raros, esses sinônimos perfeitos estão restritos provavelmente a uma nomenclatura técnica e de cunho descritivo, como é o caso dos dois nomes do português de Portugal usados para se referir à inflamação do intestino ceco, *caecitis* e *typhlitis*. Ressalta-se que ainda assim, “durante um curto período de tempo, um deles passa a ser o termo-padrão, aceito para aquele significado” (LYONS, 1981, p. 112), tendo o outro desaparecido ou vinculado a um novo significado.

Geralmente se reconhece que há poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais, sendo opinião corrente a sua rara existência. Isto porque, de acordo com Lyons (1979), há duas condições para a sinonímia perfeita ou total: ser intercambiável em todos os contextos e idêntico tanto no sentido cognitivo, ligado ao intelecto, como no afetivo, associado à imaginação e à afetividade.

Como todas as relações de sentido, a sinonímia é dependente do contexto com uma particular importância e como consequência das relações estruturais mais fundamentais da língua: a hiponímia e a incompatibilidade, as quais serão discutidas mais adiante nas seções subsequentes.

Sobre essa dependência de contexto, em conformidade com Ilari e Geraldini (2006, p. 44), “para que duas palavras sejam sinônimas é preciso que façam, em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase”, ou seja, elas apenas serão sinônimas se contribuírem de forma equivalente para o sentido global das frases em que se inserem. Quando estas se referem ao mesmo conjunto de fatos, podemos dizer que

elas têm o mesmo sentido se forem ambas falsas ou ambas verdadeiras, como nas sentenças abaixo:

(06) O **primeiro** filho de Maria é engenheiro.

(07) O filho **primogênito** de Maria é engenheiro.

Nos exemplos (6) e (7), as palavras “primeiro” e “primogênito” são sinônimas por serem intercambiáveis nas duas orações, haja vista que a referência das duas sentenças é idêntica. Sendo assim, as duas sentenças têm a mesma *extensão* (ILARI; GERALDI, 2006, p. 44), ou seja, denotam a mesma pessoa, logo, são coextensivas. Além disso, elas têm *intensão*, isto é, os seus sentidos são idênticos. Por consequência, há a possibilidade de serem substituídas uma pela outra sem que nenhuma das construções frasais passe de falsa a verdadeira ou vice-versa.

Com isso, fica evidente que a sinonímia tem uma dimensão referencial, em que *X significa a mesma coisa que Y*. Porém, segundo Tamba-Mecz (2006, p. 92), “não é suficiente que duas unidades lexicais se apliquem a um mesmo referente”, pois, embora seja possível, por exemplo, que “mãe” e “mamãe” se referiram à mesma pessoa, quando comparamos os sintagmas “tua mãe” e “tua mamãe”, percebemos que há uma diferença de sentido: a palavra “mamãe” é marcada na língua enquanto forma carinhosa, familiar. Por outro lado, “ali está a mãe” e “ali está a mamãe”, indicam relações de parentesco. Logo, os sintagmas em destaque têm entre si a mesma *extensão*, mas não têm *intensão*.

Com base nessa noção de referência é que Tamba-Mecz (2006) situa a sinonímia no nível do sentido *conotativo*, pois este “*enxerta valores subjetivos suplementares no sentido denotativo*”, que tem função na categorização e identificação dos referentes, cujos traços são marcados por ele.

A respeito disso, Ilari e Geraldi (2006, p. 47) explicam que essa graduação ocorre porque “as palavras presumidamente sinônimas sofrem sempre algum tipo de especialização, de sentido ou uso”. Em vista disso, os falantes de uma língua “escolhem” a palavra que melhor atenda à exigência, por exemplo, do grau de formalismo da fala e das características regionais de se fala. Para acrescentar, Ullmann (1964) afirma:

[...] é perfeitamente verdade que a absoluta sinonímia vem contra o nosso habitual de considerar a linguagem. Quando vemos palavras diferentes, supomos haver também alguma diferença no significado, e,

na vasta maioria dos casos, há de fato uma distinção, muito embora ela possa ser difícil de formular.

Assim, um fator relevante para os semanticistas, e também para os lexicógrafos, é a delimitação dos sinônimos, ou como diz Ilari e Geraldi (2006), a “busca da palavra certa”. Essa condição da sinonímia de considerar a nuance de sentido nas relações entre palavras, num dado contexto, revela a preocupação do falante em diferenciar um sinônimo de outro, seja pelo intuito de ressaltar as diferenças de sentido entre palavras, a exemplo de “furto” e “roubo”, ou as diferenças entre objetos de que se fala, como “mandioca”, “aipim” e “macaxeira”, ou ainda certos aspectos de forma e função, como, por exemplo, na descrição de um prédio, que, em momentos diferentes, pode ser descrito como uma casa, uma sede de um clube etc. (ILARI, 2008).

É importante ter em mente que “os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações” (ILARI, 2008, p. 169). Afinal de contas, segundo Lyons (1979, p. 481), “a determinação contextual duma unidade léxica pode ser uma questão de probabilidade, e não de ação absoluta”, por isso que a escolha entre duas palavras sinônimas acaba tornando-se dependente de vários fatores, muitos dos quais falamos aqui. Na seção a seguir, discutiremos sobre a antonímia, que também pode ser observada por meio da dependência contextual. É a relação de oposição de sentido que vai tornar a sinonímia e a antonímia relações de sentido de espécie bastante diversa.

2.2.2 Antonímia

Desde muito tempo a antonímia é considerada uma das mais importantes relações semânticas. Informalmente, as pessoas chamam *antônimas* quaisquer palavras que podem ser colocadas em oposição, como nos pares “casado” e “solteiro”, “grande” e “pequeno”, “comprar” e “vender” etc. No entanto, os antônimos têm sido alvo de muita confusão, a primeira delas é, segundo Lyons (1979), a visão de que a antonímia é complementar da sinonímia.

De fato, há características parecidas entre elas, conforme aponta Lopes e Pietroforte (2008, p. 127) ao afirmar que “assim como não existe semelhança total de sentido entre sinônimos, não há oposição absoluta entre antônimos”. Isso significa dizer que palavras diferentes podem ter um mesmo antônimo desde que tenham ao menos um

sentido em comum. Destaca-se também que os antônimos costumam ser separados em pares, havendo sempre uma propriedade em comum entre eles: “casado” e “solteiro” indicam a situação de uma pessoa em relação ao matrimônio ou à sociedade conjugal; “grande” e “pequeno” indicam tamanho; “comprar” e “vender” indicam uma mesma transação.

Em virtude de não haver a princípio antônimos absolutos, palavras diferentes podem ter o mesmo antônimo, caso compartilhem de um mesmo sentido, como podemos exemplificar por meio do par “fresco” e “jovem”, que têm como antônimo “velho”. Isto porque “fresco” significa “que acabou de ser preparado”, quando se refere a alimentos. Por essa razão, usam-se as expressões “pão fresco” e “pão velho” (LOPES; PIETROFORTE, 2008). Dessa maneira, a antonímia se manifesta de forma similar com a sinonímia ao se estabelecer no nível de contextos mínimos, uma vez que a troca de um termo por outro provoca um sentido oposto e não no nível de uma unidade lexical isolada (TAMBA-MECZ, 2006).

Não obstante, a antonímia é, em conformidade com Lyons (1979), uma relação de sentido de espécie muito diferente da sinonímia, sobretudo por três motivos que Tamba-Mecz (2006) ressalta: o seu caráter binário, as suas estreitas relações com a negação e os tipos de relações de oposição dicotômica que ela implica.

A respeito do seu caráter binário e de sua relação com a negação, é indiscutível que a antonímia é uma relação semântica entre duas palavras de mesma categoria gramatical, cujos significados estão ligados por oposição de um *sema* ou *traço* semântico. Isso pode ser claramente compreendido se comparado o par “ir” e “vir”, que partilham entre si o traço [DESLOCAMENTO], porém, opõe-se entre si à proporção que “ir” apresenta o traço [PROGREDIR] ao passo que “vir” possui o traço [REGRESSAR].

No tocante a essas “realidades opostas”, Ilari (2008) e Henriques (2011) apontam que os antônimos formam pares através da ligação entre ações, qualidades ou relações:

(08) *Entrei por uma porta e ela **saiu** por outra.*

(09) *Uma irmã é **alta**; a outra é **baixa**.*

(10) ***Agora** você fica **perto** da janela. **Depois**, você fica **longe** da janela.*

Nesses exemplos usados por Henriques e retomados aqui, entende-se que em (8) a antonímia de ações é construída por dois verbos, (entrei/saiu); em (9) há antonímia de qualidades, com o emprego de dois adjetivos (alta/baixa); e em (10) há antonímia indicadora de relações temporais e espaciais, através de dois pares de advérbios, um de tempo (agora/depois) e um de lugar (perto e longe). É possível então encontrar antônimos entre verbos, adjetivos e advérbios, mas também entre substantivos e preposições (e não só), respectivamente em: (11) enquanto Maria preza pela **bondade**, João preza pela **maldade** e (12) dormi com o celular **sobre** a cama e acordei com ele **sob** a cama.

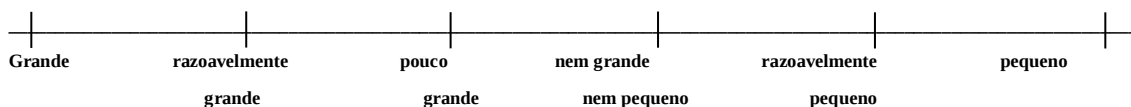
Com base na oposição existente entre os pares de antônimos exemplificados até o momento é que se pode perceber que essa oposição tem fundamentos diferentes, conforme explica Ilari (2008) ao informar que, na ocasião de palavras binárias se relacionarem por meio de negação, algumas veiculações de sentido são permitidas, de modo a exprimir, por exemplo, diferentes posições numa mesma escala (quente/frio'), início e fim de um mesmo processo (florescer/murchar) e diferentes papéis numa mesma ação (bater/apanhar).

De acordo com Lyons (1979), outra confusão em torno da antonímia deve-se ao fato de que por muito tempo os semanticistas não deram a devida atenção a essas diferentes espécies de oposição de sentido. Hoje, sob terminologias diversas, há um certo consenso sobre as relações binárias de oposição de sentido que duas unidades lexicais estabelecem em suas construções. Compreendemos cinco tipos de antonímia que expressam oposições lexicais diferentes: *gradual*, *contraditória*, *recíproca*, *inversa* e *equipolente*.

A oposição *gradual* (ou *polar*) é a que ocorre, por exemplo, entre o par de palavras “grande” e “pequeno”, uma vez que essas unidades são regularmente graduáveis ao estabelecer uma oposição entre dois pontos extremos de uma propriedade em comparação. Como observa Oliveira (2008, p. 80), esse é um “fenômeno que ocorre apenas com o significado de adjetivos ou advérbios derivados de adjetivos que permitem construções comparativas e superlativas”.

Frequentemente, trata-se de uma oposição situada em polaridades diferentes, mensuráveis entre um polo negativo e um polo positivo. Desse modo, segundo Tamba-Mecz (2006, p. 100), “o comparativo de cada unidade lexical marca um aumento ou uma diminuição de uma propriedade unidimensional”. Se a antonímia está ligada à ideia

de negação, os antônimos graduais estão ligados à ideia de comparação. Vejamos a escala a seguir.



Verifica-se, nessa escala, que a relação de oposição gradual entre grande/pequeno é uma relação de mais ou menos, uma vez que os significados de cada termo representam os extremos não absolutos de uma escala de comparação. Além disso, os termos podem ser modificados por advérbios de intensidade, que servirão de quantificadores. Algo pode ser um pouco grande, razoavelmente grande, ou grande, por exemplo; assim como algo que é pouco grande está um pouco próximo de algo pouco pequeno e vice-versa. No entanto, algo grande ou razoavelmente grande está bem distante de algo pequeno ou razoavelmente pequeno. Dessa maneira, o que é grande em um contexto pode ser pequeno em outro contexto e vice-versa.

Outro tipo de antonímia é a *contraditória* (ou *privativa*), que se estabelece numa relação excludente entre os significados de dois antônimos, cujo par não é gradual e, de acordo com Lyons (1979), a negação de um funciona como afirmação do outro. Vale ressaltar que essa oposição não se limita a adjetivos, como solteiro/casado, mas também inclui verbos, a exemplo de vivo/morto.

Pode-se dizer, com base nessas três características que vivo/morto são excludentes entre si porque ou alguém está vivo ou está morto; não possui graduação, tendo em vista que não há condição literal para se considerar que alguém pode estar pouco vivo ou pouco morto; e a negação de um é a afirmação do outro, pois “não vivo” é a negação de “vivo” e a afirmação de “morto”.

Quanto a essa modificação dos opostos graduais por meio de advérbios de intensidade (a exemplo de pouco/muito), o mesmo não ocorre nos pares de opostos contraditórios, como vimos em vivo/morto, a não ser com o objetivo de provocar um efeito estilístico. Isso é possível quando, por exemplo, alguém visita o Rio de Janeiro e diz “Aqui eu me sinto mais viva do que nunca”.

Com essas considerações, entende-se, em concordância com Tamba-Mecz (2006), que os antônimos contraditórios caracterizam-se por sua complementaridade, ou seja, eles se pressupõem e se excluem mutuamente.

Já no tocante à antonímia por oposição *recíproca* (ou *conversa*), o mesmo fato ou evento pode ser expresso sob duas perspectivas distintas, uma implicando a outra. Diferente da *gradual* e da *contraditória*, esse tipo de oposição não acontece com o significado de adjetivos, mas de nomes, verbos e preposições (OLIVEIRA, 2008), como nos pares pai/filho, comprar/vender e acima/abaixo, respectivamente. Para exemplificar:

(11) a. *José é **pai** de Pedro*

b. *Pedro é **filho** de José.*

(12) a. *Lucas **comprou** o carro de Tereza.*

b. *Tereza **vendeu** o carro para Lucas.*

(13) a. *A nota de Ana está **acima** da média da turma.*

b. *A média da turma está **abaixo** da nota de Ana.*

A respeito dessas sentenças, podemos dizer que a primeira de cada par implica conversamente a segunda, de modo que a relação de oposição existente remete, de acordo com Tamba-Mecz (2006), “ao duplo ponto de vista dos participantes implicados”. Em vista disso, as proposições são semanticamente equivalentes, numa construção entre frases passivas e ativas (LYONS, p. 1979). Trata-se, portanto, de uma relação de reciprocidade entre lexemas de significado semelhante.

O quarto tipo de antonímia considerada é a *inversa*, que se estabelece nos pares avançar/recuar, antes/depois e vestir/desvestir, exemplificadas nas orações a seguir:

(14) *Às vezes é preferível **recuar** em vez de **avançar**.*

(15) *Sempre fico assustada ao ver o **antes** e o **depois** de uma pessoa.*

(16) *Não adianta **desvestir** um santo para **vestir** outro. (ditado popular)*

Nota-se que os pares avançar/recuar e antes/depois nas orações (16) e (17) elucidam uma das características dos antônimos inversos, que é indicar a direção espaciotemporal de sentido oposto. Além disso, os *antônimos inversos* designam uma atividade na qual se leva em conta a finalização (positiva ou negativa) em detrimento do processo, como em (18), através do vestir/desvestir.

A quinta oposição de sentido é a que reúne antônimos *equipolentes*, cuja relação é de incompatibilidade. Pode-se definir essa incompatibilidade em função da relação entre palavras que se aproximam por terem o mesmo hiperônimo, pois, de acordo com Lyons (1979, p. 487), os co-hipônimos “são diferentes dentro de um grau qualquer na semelhança de sentido”. Isso quer dizer que ao passo que essas palavras se aproximam, em virtude de possuírem o mesmo hiperônimo, elas se opõem porque expressam propriedades distintas.

Para usar como exemplo, temos que os lexemas “segunda” e “sexta” são equipolentes devido a duas características: se opõem ao nomearem categorias diferentes entre si e apresentam alguma identidade, concomitantemente, por serem dias da semana. Não é difícil entender que “segunda” não tem como antônimo a “sexta”, nem vice-versa e nem qualquer outro dia da semana, mas se opõe a todos eles, por esse motivo “segunda” é um dia diferente, apesar de compartilhar com os outros dias a propriedade de ser um dia da semana.

Até o momento discutimos a antonímia numa oposição lexical, no entanto, quando essas oposições se inserem no nível da sentença, ocasiona outras oposições, como a *contradição* e a *contrariedade*.

Na *contradição*, lidamos com sentidos impossíveis de serem verdadeiros ou falsos ao mesmo tempo. Ao falar sobre a oposição *contraditória*, um dos exemplos usados foi o par solteiro/casado, aqui, essas palavras binárias podem aparecer em sentenças do tipo:

(17) a. *Pedro está solteiro.*

b. *Pedro está casado.*

Nesses exemplos, como é possível observar, “solteiro” e “casado” estão numa oposição contraditória, uma vez que se for verdade que Pedro está solteiro, é falso que Pedro está casado e vice-versa. Dessa maneira, ou **a** é verdadeira, ou **b** é verdadeira, não havendo possibilidade de considerar ambas verdadeiras ou ambas falsas. Vale ressaltar a observação que Lyons (1979, p. 490) faz sobre a oposição binária solteiro/casado: “O uso dos termos dicotômicos “casado” e “solteiro” pressupõe a aplicabilidade de todos os critérios de “casabilidade” (ou “nubilidade”) que poderiam ser culturalmente aceitos”. Por conseguinte, as unidades lexicais que apresentam essa relação pressupõem a aplicabilidade dos termos que as tornam válidas.

Além das palavras binárias que se relacionam por oposição *contraditória*, podendo tornar contrárias duas sentenças, há as de oposição *equipolente* que provocam uma espécie de *contrariedade* entre as sentenças, como podemos perceber ao tomar o par segunda-feira/sexta-feira:

(18) a. *Hoje é **segunda-feira**.*

b. *Hoje é **sexta-feira**.*

Das duas sentenças acima apenas uma pode ser verdadeira, porém não há nada que impeça ambas de serem falsas, pois se hoje for terça-feira as sentenças em (20) são falsas. O mesmo ocorre com pares de palavras graduais, pois grande/pequeno constroem níveis dentro de uma escala de opções:

(19) a. *O meu carro é **grande**.*

b. *O meu carro é **pequeno**.*

Com o exemplo acima, podemos notar que um carro pode não ser grande nem pequeno, já que ele pode ser razoavelmente grande ou razoavelmente pequeno, pouco grande ou pouco pequeno e assim por diante.

Em suma, todas as oposições abordadas através dos tipos de antonímia vistos aqui se diferenciam por suas relações semânticas com a negação. Conforme salienta Tamba-Mecz (2006, p. 102), “mesmo que a antonímia seja uma relação de oposição entre dois lexemas, cuja validade depende do sistema em que ela se inscreve, ela pode ser posta em jogo no discurso”. Isso vem de uma consideração de que até mesmo as relações paradigmáticas variam de acordo com a situação ou o contexto.

Na seção seguinte, falaremos sobre a hiponímia/hiperonímia, que, ao lado da antonímia, é uma das mais fundamentais relações paradigmáticas de sentido, pois é em função dela que se estrutura o vocabulário de uma língua.

2.2.3 Hiponímia/hiperonímia

Muitos semanticistas se interessaram pela possibilidade de descrever o vocabulário de uma língua com base numa classificação hierárquica e taxionômica,

partindo do mais geral para o mais específico. Esse interesse vem da observação de que “ao falar das mesmas realidades, podemos aplicar a essas realidades palavras que evocam conceitos mais ou menos abrangentes” (ILARI, 2008, p. 87). Isso pode ser percebido, por exemplo, quando se diz que um “pinscher” e um “poodle” são ao mesmo tempo “cães” (e “canídeos”, “mamíferos”, “não humanos”, “seres vivos” etc.).

Dessa relação, compreende-se que há uma hierarquia entre o significado de termos específicos e o significado de termos mais genéricos do campo (OLIVEIRA, 2008). Pode-se notar que há uma implicação unilateral: “pinscher” implica “cão”, mas “cão” não implica “pinscher”, assim como “poodle” implica “cão”, mas “cão” não implica “poodle”. Dessa maneira, “pinscher” e “poodle” são ambos *hipônimos* de seu *hiperônimo*, “cão”, e, portanto, *co-hipônimos* em relação um ao outro.

De acordo com essa definição, há uma relação paradigmática que é característica da estruturação vertical do léxico (TAMBA-MECZ, 2006), uma vez que ela permite uma implicação lógica satisfatória ao encaixamento sucessivo de classes cada vez mais gerais: *se isso é um pinscher, então é um cão*.

Essa noção bastante tradicional foi frequentemente denominada *inclusão*, já que os significados de “poodle” e de “pinscher” estão incluídos no significado de “cão”, assim como o de “vôlei” e “futebol” estão no de “esporte”. Essa relação, que inclui um termo mais específico num mais geral, encontra razão em função da lógica de classes, já que a classe de entidades a que se faz referência pela palavra ‘esporte’ é mais ampla do que a classe de entidades referidas por “vôlei” e “futebol”.

Destaca-se que essa relação de inclusão repousa na noção de referência, pois opera com a classe das “entidades”, isto é, com as coisas que são designadas por unidades lexicais. Somado a isso, preferiu-se o termo técnico *hiponímia* em detrimento a *inclusão*, pois, em razão de maior importância, este gera ambiguidades: ou “esporte” é mais inclusivo que “vôlei” e “futebol” porque se refere a uma classe mais ampla de coisas, ou “vôlei” e “futebol” são mais inclusivos que “esporte”, pois transmitem mais traços que compõem o significado de “esporte”.

Sob esse ponto de vista, há, de fato, a necessidade de esclarecer que a *hiponímia* é uma relação de sentido que se estabelece entre unidades lexicais e que, em virtude disso, aplica-se tanto aos termos que têm referência quanto aos que não têm referência. Contudo, uma maneira de se conceber melhor o termo *inclusão* é considerar a distinção que as teorias semânticas fazem entre *extensão* e *intensão*. Sobre isso, Lyons (1979, p. 482) complementa:

A extensão de um termo é a classe de entidades a que ele é aplicável ou a que ele se refere; a sua compreensão é o conjunto de atributos que caracterizam qualquer entidade a que ele é corretamente aplicado. Extensão e compreensão são inversamente proporcionais: quanto maior a extensão de um termo, tanto menor é a sua compreensão e vice-versa.

De acordo com essa explicação, pode-se compreender que a extensão de “esporte”, cuja hierarquia está sendo discutida aqui, é maior do que a de “vôlei” e “futebol”, visto que ‘esporte’ se refere a mais coisas; em contrapartida, a compreensão de “vôlei” e “futebol” é maior do que a de “esporte”, porque as suas características definidoras devem fazer referência a um conjunto maior de atributos do que os que satisfazem para descrever os esportes.

Já em virtude dos significantes dessa dicotomia serem muito parecidos, Lyons (1979) prefere o termo *superordenação* em detrimento a *hiperonímia*, enquanto que a semântica estrutural chama de *arquilexema* o termo mais geral de um campo lexical (OLIVEIRA, 2008). Por comodidade, continuamos com *hiperonímia*.

Segundo Tamba-Mecz (2006, p. 105), esse esquema de categorização, que generaliza e especifica, fornece, a partir de um nível de base, “o *protótipo* que vai fundamentar a categoria e que corresponde ao grau máximo de generalização esquemática que se pode alcançar na ordem da percepção”. Por isso, ao tomar esse nível de base, tanto a categoria irá progredir com características cada vez mais gerais quanto mais traços diferenciais serão lançados sobre ela.

Destaca-se que, quando ocorre de um termo passar de hipônimo a um hiperônimo, neutralizam-se as diferenças; quando ocorre o inverso, isto é, quando o hiperônimo transita para hipônimo, especifica-se a diferença. Assim, ainda de acordo com Tamba-Mecz (2006, p. 106), “a generalização máxima leva a termos desprovidos de toda propriedade categorial distintiva, como ‘coisa’, ‘troço’”. A autora trata esses termos como “curingas”, devido a sua categoria indefinida.

Sob o ponto de vista das formas, essa possibilidade de transição de hiperônimo a hipônimo e vice-versa pode acontecer por acréscimo de uma determinação semântica, como: “fuzil”->”fuzil” de caça; “fuzil”->”fuzil metralhadora”. Outra característica a respeito das formas é que as hierarquias lexicais são passíveis de uma mudança de denominação, como “fuzil”/“carabina”, formados independentemente um do outro,

mesmo que por uma diferença de sentido e não de sua forma, como é o caso. Nota-se, portanto, que a relação de hiponímia é mais lexicalizada que a de hiperonímia.

É interessante notar que assim como os sinônimos, “os hiperônimos e os hipônimos de uma hierarquia lexical são cambiáveis contra um mesmo objeto de referência, mas em função de um princípio semântico diferente” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 108). Enquanto a sinonímia propõe uma equivalência referencial numa determinação situação, a hiponímia e a hiperonímia regulam o nível de abstração ou concisão de um objeto.

Segundo Lyons (1979, p. 484), a sinonímia é um caso especial de hiponímia porque tem a propriedade adicional de ser uma relação simétrica. Cambrussi e Hoffmann (2015, p. 44) exemplificam:

Sobre **o abacaxi**, não há surpresas: se ele é encontrado com fartura no Brasil e sempre remete à nossa terra, é porque tem suas origens aqui. As formas primitivas **da fruta** são originárias das terras brasileiras e se espalharam pelo continente americano provavelmente antes da chegada dos europeus. [...]

Nosso país ainda é considerado a terra **do abacaxi**, sendo um dos maiores produtores **da fruta** no mundo. No entanto, desde os anos 1990, cedeu os primeiros lugares da produção mundial para a Tailândia, Filipinas e China. O Brasil ainda não domina todas as técnicas que permitem maior produtividade das culturas asiáticas, ainda que tenha uma área maior de cultivo **da fruta**.

Chamar **o abacaxi** de fruta, aliás, é apenas uma convenção: botanicamente, é uma infrutescência, quer dizer, um agrupamento de frutos. Cada gomo do abacaxi é, na verdade, um fruto originado do ovário de uma flor. Como são aglomeradas em um eixo, formam uma estrutura compacta e parecem uma fruta única.

Ao tratarmos da palavra “fruta”, enquanto item lexical em um contexto neutro, sabemos que ela pode se referir à “abacaxi” e, também, a muitas outras frutas. No entanto, se pensarmos na referência efetiva da palavra “fruta”, no exemplo citado, percebemos que ela perde seu caráter superordenado para fazer referência a apenas um de seus possíveis hipônimos, ou seja, “abacaxi”. Além disso, percebemos que a propriedade de implicação unilateral não mais se aplica, e o que vemos é uma implicação bilateral: além do sentido de “abacaxi” implicar “fruta”, “fruta” também exclusivamente “abacaxi”. Dessa maneira, o que determinará o hiperônimo no sentido de um de seus hipônimos é o contexto situacional ou a sua modificação numa dada construção sintagmática. Essa é a origem da sinonímia contextual.

Dado que tanto a hiponímia quanto a hiperonímia podem ser caracterizadas por denominações diferentes, a hiponímia ocorre através de uma relação categorial assimétrica do tipo *é uma espécie*, de modo que sua composição é especificadora. Por conseguinte, ela exerce função imprescindível nos mecanismos anafóricos e referenciais no domínio discursivo.

Conforme Ilari (2006), a hiponímia afeta o discurso de várias maneiras. Entre essas, Henriques (2011) ressalta que quando se precisa evitar a repetição de uma palavra dentro de um texto, os hiperônimos e hipônimos são uma ferramenta coesiva importante. No domínio do discurso, elas desempenham uma dupla função referencial anafórica, pois “oferecem uma denominação heteronímica ampla, cambiável com uma denominação hiponímica mais estreita” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 110).

Outra relação que também tem relevância na dimensão discursiva é a meronímia, pois essa relação mobiliza, sobretudo, nosso conhecimento de mundo, evidenciando a “estreita relação entre o conhecimento do léxico de uma língua e o conhecimento de como as coisas se organizam e se esquematizam no universo de nossas experiências” (ANTUNES, 2012, 39). É sobre essa relação léxico-semântica que discutiremos na próxima seção.

2.2.4 Meronímia

A meronímia é geralmente compreendida como uma relação que conjuga as ideias de “parte” e “todo”. Essa relação parte-todo, designada de meronímia, une, por exemplo, as unidades lexicais “unha”, “dedo” e “mão”, de modo que cada um desses significantes integra o significado de outro significante.

Cruse (1986) caracteriza a meronímia como uma relação lexical que parte de um princípio hierárquico, pois possui as propriedades de i) assimetria e de ii) inclusão. Assim, essa relação é unilateral, já que é possível dizer que “unha” e “dedo” fazem parte da “mão”, mas não se admite que “mão” seja uma parte da “unha” ou do “dedo”, logo, a relação entre essas unidades do léxico se estabelece entre a e b e não entre b e a. Da mesma forma, pode-se entender que uma parte está necessariamente incluída em um todo, pois, como já dissemos, o traço “parte de” é justamente um componente do sentido lexical dos merônimos, mas “nenhum traço lexical inerente especifica o estatuto de holônimo do termos que remetem a uma totalidade estrutural ou funcional” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 110).

Vale destacar que essa formulação da relação de “inclusão” repousa, segundo Lyons (1979, p. 482), na noção de referência, uma vez que “opera com classes de ‘entidades’ que são designadas por unidades lexicais”.

Com o objetivo, então, de diferenciar as relações de parte-todo das relações lexicais hierárquicas da hiponímia, Cruse (1986) propôs o termo *meronímia*, porque, mesmo partilhando claramente as mesmas propriedades de assimetria e de inclusão, as relações de hiponímia e de meronímia caracterizam-se por traços semânticos distintos. Sobre isso, Tamba-Mecz (2006, p. 111) esclarece:

A hiponímia corresponde a uma hierarquia em *ser-um*, fundada na relação *é um tipo/espécie de*, enquanto que a meronímia é uma hierarquia em *ter-um*, fundada na relação *é uma parte/um elemento de*. Dois modos de hierarquização incompatíveis, como fica demonstrado pela impossibilidade de incluir uma parte em um todo recorrendo à ajuda de *é-um N* (**um dedo é uma mão*) e uma classe em outra recorrendo à ajuda de *ter-um N* (**uma flor tem uma rosa*).

De acordo com a citação acima, compreendemos que a relação de hiponímia e hiperonímia se dar quando consideramos, por exemplo, “gato” e “cachorro” como partes do conjunto “animais”, uma vez que “gato” e “cachorro” (hipônimos) são tipos de “animais” (hiperônimo). Por outro lado, quando dizemos que “gato” tem “pata”, “rabo”, “orelhas”, “bigodes” e “dentes” reconhecemos que esses substantivos fazem parte do conjunto ‘gato’, mas essas palavras não são tipos de gatos.

No entanto, mesmo sendo válido reconhecer que a hiponímia e a meronímia são duas relações semânticas distintas, “é bastante problemático estabelecer a existência de uma estruturação lexical de meronímia” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 111), pois, enquanto a transitividade da hiponímia é regular, a da meronímia está sujeita a várias restrições. Isso pode ser demonstrado a partir do exemplo que Tamba-Mecz (2006, p. 111) propõe como demonstração: “passamos de *casca* parte do *tronco* e de *tronco* parte da *árvore* a *tronco de árvore*, mas não de *nervura* parte de uma *folha* e de *folha* parte de uma *árvore* a *nervura de árvore*”.

Trindade (2006, p. 32) lembra que, inicialmente, Cruse (1986) propôs a seguinte definição para a meronímia: “**X é meronímia de Y se e somente se sentenças da forma Y tem X e X é parte de Y são verdadeiras.**” Todavia, essa condição não era produtiva quando aplicada nos testes, pois muitos pares de palavras seriam considerados como meronímia, como podemos observar nos exemplos (22), (23) e (24):

- (20) *Mão tem dedos.*
 (21) *Violão tem cordas.*
 (22) *Cadeira tem assento.*

Com essa definição genérica, poder-se-ia considerar meronímia não apenas relações de pares, mas também relações de características, como nos exemplos abaixo:

- (23) *Filho(a) tem uma mãe.*
 (24) *Uma TV tem uma tela.*

A partir disso, Trindade (2006) considera que a meronímia ocorre quando as situações satisfazem as duas condições aqui apresentadas. Vejamos dois exemplos:

- (25) *Filho tem uma mãe / Mãe é parte do filho. (?)*
 (26) *Uma mão tem dedos / dedo é parte da mão.*

Para Cruse (1986), a relação do tipo dedo/mão identifica uma meronímia canônica, uma vez que há outros tipos de relações que envolvem a relação parte/todo. Essas meronímias facultativas podem ser demonstradas no par trinco/porta, cuja relação é opcional.

A meronímia, segundo Tamba-Mecz (2006, p. 114), “aparece menos como uma estrutura lexical do que como um traço definitório de alguns lexemas”. Se a palavra ‘quarto’ for tomada como holônimo, seus merônimos podem ser: “cama”, “guardarroupa”, “cômoda” etc. Entretanto, ‘quarto’ pode ser um dos merônimos de ‘apartamento’ e fazer par com cozinha, sala, varanda, entre outros. Assim, entendemos, de acordo com Henriques (2011, p. 117):

MERO- (psedopref. Grego)	HOL(O)- (pseudopref. grego)
Parte, pedaço	Todo, totalidade

Todos os fenômenos que vimos neste capítulo de algum modo nos levaram a observar que as relações de sentido entre as palavras se fazem a partir de interpretações e representações. No plano do discurso, essas relações mobilizam, sobretudo, nosso

conhecimento de mundo, pois envolvem, segundo Antunes (2012, p. 39), “o saber acerca dos diferentes conjuntos e subconjuntos de entidades concretas ou abstratas que povoam nosso mundo”.

Dessa maneira, evidenciamos a estreita relação entre o conhecimento do léxico de uma língua e o conhecimento de como as coisas se organizam e se esquematizam no universo de nossa experiência. Chegar a um resultado satisfatório é colocar em permanente discussão e avaliação as seguintes relações de sentido: sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia.

No próximo capítulo, alongaremos nossas discussões no que tange à textualização das relações lexicais discutidas até o momento.

3 A TEXTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES LEXICAIS

Neste capítulo, propomos-nos adotar uma abordagem textual-discursiva do léxico, destacando os recursos de textualização envolvidos na transformação por que passam as relações entre as palavras ao serem empregadas em contextos de coesão referencial, sobretudo, na estratégia de retomada anafórica. Ao considerar tal

perspectiva, trataremos das relações que surgem através das condições em que a palavra é utilizada.

Para isso, iniciaremos uma trajetória que vai da referência ao processo de referenciação, ou seja, das relações que as palavras mantêm entre si aos recursos específicos de elaboração textual em que estão empreendidas essas relações semânticas. Nesse percurso, a questão referencial ocupa um lugar fundamental nas atividades de produção e compreensão de um texto, uma vez que esse fenômeno é responsável por modificar, transformar, recategorizar, construir ou reconstruir as entidades em referência (KOCH, 2011). Dessa maneira, o sentido está sempre se renovando, pois as condições da textualização são continuamente refeitas no discurso real.

Logo em seguida, procuramos evidenciar o papel que o léxico tem ao ser utilizado no discurso pelos falantes de uma língua, assumindo o postulado de que as suas palavras são, conforme Antunes (2012), elementos efetivos da constituição de um texto, cuja continuidade e unidade se dão no domínio da referenciação.

Também discutiremos as operações de textualização marcadas pela coesão referencial, as quais ocorrem sempre quando há uma dependência entre os elementos do discurso. Dessa maneira, a relação existente entre eles é o que chamaremos de *referência*, logo, segundo Marcuschi (2008), ela pode ser estabelecida num domínio situacional (exofórica) ou textual (endofórica).

Essas ligações feitas entre os elementos da superfície textual se dão através do sistema léxico-gramatical, ou seja, há formas de coesão realizadas através do léxico e da gramática. Essa dependência de ordem lexical e gramatical atribui aos mecanismos coesivos “uma espécie de semântica da sintaxe textual” (MARCUSCHI, 1983).

As palavras diferem, portanto, quanto ao tipo de nexos que promovem, podendo ser por reiteração, associação ou conexão, ao utilizar-se de recursos como a sinonímia, hiperonímia, antonímia, por diferentes modos de relações de parte-todo e diferentes conectores (ANTUNES, 2012).

Em suma, é no âmbito dessa discussão textual-discursiva que demonstraremos como o termo “coisa” funciona na construção da coesão textual.

3.1 DA REFERÊNCIA AO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Entre os temas que assumem diferentes formas teóricas e que perpassam a filosofia da linguagem e a linguística, a questão da referência é, sem dúvidas, um dos

mais recorrentes e desafiadores na explicação dos mecanismos de produção do significado. Borges Neto (2003) lembra que o “significado não é uma entidade”, mas uma “relação”, a qual não se dá entre um item lexical e um objeto do mundo e sim entre uma expressão linguística e algo não-linguístico.

Saber *como referimos o mundo com a língua* é uma das questões mais antigas, sobretudo porque esse tema fundamental da semântica é de origem fregeana. Conforme Marcuschi (2004, p. 263), “o problema da significação não é resolver se às palavras corresponde algo no mundo externo e sim o que fazemos do ponto de vista semântico quando usamos as palavras para dizer algo”. Pode-se admitir, de acordo com Marcuschi (2008), que a questão referencial é central tanto na produção textual como na compreensão, mas a natureza da significação não é consensual. Na tradição dos estudos semântico-discursivos, há duas tendências substanciais no tratamento da referência:

A primeira, mais antiga e ainda predominante nos estudos lógico-semânticos, é a que se funda numa concepção objetiva e realista de linguagem como transparente e referencialista (extensionalista), tendo por base uma visão instrumentalista da língua. Essa posição garante uma relação extensional entre linguagem e mundo e vem sendo postulada pelas teorias vericondicionais, entre outras. A segunda posição postula uma noção de linguagem como atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial. Esta posição não se confunde com o nominalismo (MARCUSCHI, 2008, p. 139).

De uma maneira geral, encontram-se saliente no trecho acima duas noções para a questão da referência: de um lado, numa visão mais tradicional, há uma correspondência ou não entre formas linguísticas e objetos do “mundo real”, de modo que os referentes são os próprios objetos do mundo e a atividade de referi-los consiste num processo de designação extensional; do outro lado, cuja concepção é mais recente, postula-se que a referência é “resultado de um processo dinâmico [...] que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos” (MONDADA, 2013, p. 11).

Assim, os fenômenos referenciais, enquanto práticas discursivas, ilustram de forma expressiva a mútua relação constitutiva entre linguagem e realidade. Diante dessa atual concepção, em que a textualização (ou discursivização) do mundo através da linguagem não é um mero ou simples processo de elaboração de informações, mas de (re)construção do próprio real (KOCH, 2013), Mondada (2001) propõe a substituição do

termo *referência* por *referenciação*. Assim, “da trajetória que vai da referência à referenciação, segue-se a que vai do significante à significação¹⁴”.

Nessa perspectiva, “os referentes” não preexistem às práticas referenciais, mas são construídos e reconstruídos na realização e durante a atividade referencial, de modo que esta acontece conforme é reconhecidamente organizada. Se a referência continua sendo um dos importantes temas de discussão na Linguística é porque ela – a referência – introduz e refaz a questão da significação (MONDADA, 2013). Isto porque, segundo Marcuschi (2004), as relações que se estabelecem são muito mais profundas do que uma correlação biunívoca entre palavra e referente do mundo.

Dessa maneira, compreendemos aqui a referência não sob o ponto de vista que lhe é mais tradicionalmente atribuído, mas como o “resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade” (KOCH, 2011, 79).

Nessas operações de referenciação, as entidades designadas são concebidas, de acordo com Koch (2013, p. 34), como *objetos de discurso*, isto é, “entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da enunciação” e, uma vez introduzidos, podem ser modificados, transformados, recategorizados, construindo ou reconstruindo, desse modo, o sentido, no curso da progressão textual (KOCH, 2011). O objeto do discurso não remete a uma verbalização de um objeto fora das práticas de linguagem.

A referenciação, portanto, pode ser entendida como um fenômeno discursivo em virtude de esclarecer enunciativamente os processos de significação que nela estão envolvidos. Segundo Marcuschi (2008, p. 140), “uma expressão referencial só chega a sua referência concreta quando empregada num discurso. Caso contrário, sua significação lexical, de caráter linguístico, não passará de uma referência virtual”.

De acordo com Lopes e Pietroforte (2008), quando passamos a deixar de lado essa concepção virtual da referência e assumimos a função discursiva de uma unidade lexical, pelo menos duas transformações ocorrem simultaneamente:

Uma mobilização desigual dos semas contidos em seu semema, pois a atualização em discurso corresponde a uma seleção dos semas que ganharão destaque no texto em pauta; o núcleo sêmico – o conjunto daqueles semas já reconhecidos nas definições dos dicionários – é acrescido de semas contextuais.

¹⁴Reflexão suscitada por Koch, Morato e Bentes, na introdução do livro *Referenciação e Discurso*, publicado em 2013.

Desses dois fenômenos, podemos compreender que não se trata de buscar o referente ou a existência real da coisa no mundo, mas as significações de uma unidade lexical que são possíveis de serem realizadas. Vale ressaltar que essas transformações por que passa o semanticismo das palavras, em virtude de sua seleção e do seu emprego no discurso, não significa o abandono das acepções dicionarizadas, mas sim o reconhecimento de que informações são acionadas dentro do texto a partir da especificação de certos semas de um semema e do acréscimo dos semas contextuais.

De acordo com Mondada (1994, p. 45), dentro do discurso há constantes ativações e desativações de informações, uma vez que, sob o ponto de vista discursivo, uma informação tanto pode ser mantida como pode sofrer acréscimo de informações, por meio de estratégias referenciais. Sobre isso, Koch (2011, p. 83) destaca três princípios de referenciação:

Quadro I – Princípios de referenciação

1. <i>Ativação</i>	Um referente textual até o momento não citado é introduzido, de modo a ocupar uma locação (ou nóculo), na rede conceptual do modelo de mundo textual.
2. <i>Reativação</i>	Uma locação já introduzida é novamente ativada na memória de curto termo, através de uma forma referencial, tornando saliente o referente textual.
3. <i>De-ativação</i>	Uma nova locação é ativada, de modo a deslocar a atenção para um outro referente textual.

Fonte: (próprio autor)

Dentro dessas estratégias de referenciação, podemos entender que a forma referencial que representa o referente textual é colocada em foco na memória de trabalho (ou de curto tempo), de modo que o referente¹⁵ fica saliente; a memória discursiva, por sua vez, pode vir a receber uma nova forma referencial da locação que já está presente nela – na memória discursiva; e, ocorrendo um novo referente textual, instaura-se uma desfocagem daquele já presente, podendo este voltar à posição focal a qualquer momento.

¹⁵ Após a explicação da visão tradicionalista sobre *referente* e o que dele se entende na perspectiva da textualização (ou discursivização), passamos a compreendê-lo aqui enquanto “termo que denomina o componente do mundo real ou imaginário que é passível de argumentação, descrição ou relato por meio de palavras” (HENRIQUES, 2011, p. 45). Consequentemente, a noção empregada a respeito da *referência*, nesse trabalho, passa a ter um uso diverso daquele que se lhe atribui na literatura semântica em geral. Para ela, adotamos uma noção não extensional, objetivando dar conta do processo de referenciação textual (MARCUSCHI, 2008).

Pela repetição frequente dos procedimentos enquadrados mais acima, a autora propõe que é assim que ocorre a construção de um modelo textual, sem perder de vista a sua contínua elaboração e modificação através de novas referências. Podemos entender com isso que se trata de um princípio de distribuição da informação (MARCUSCHI, 2008), assim, na organização do texto, há a informação dada (sobre a qual é falada) e a informação nova (o que se diz sobre o que é falado), denominadas, respectivamente, *tema* e *rema*.

Diante disso, a referência, enquanto atividade discursiva (KOCH, 2013), assume aqui uma abordagem segundo a qual a remissão textual por meio de formas nominais referenciais constrói e reconstrói referentes textuais (objetos-de-discurso), podendo o falante retomá-los numa categorização ou recategorização à medida que realiza escolhas significativas para representar estados de coisas.

Em conformidade com Koch (2011, p. 84), há diferença entre três categorias que frequentemente vêm sendo tomadas como equivalentes: *referir*, *remeter* e *retomar*:

- A retomada implica remissão e referência;
- A remissão implica referência e não necessariamente retomada;
- A referência não implica remissão pontualizada nem retomada.

De uma maneira geral, convém destacar que a referência é uma atividade de designação realizável através da língua sem implicar uma relação especular entre a língua e o mundo. A referência pode ocorrer por meio da remissão com ou sem retomada de elementos textuais. Quando uma forma referencial apenas remete ao seu referente textual, a referência se dá por correferência, com ou sem recategorização, quando uma forma referencial retoma o seu referente textual, a referência se dá por associação, conforme veremos na seção 2.3.

O que queremos dizer, neste momento, é que essas atividades compõem hierarquicamente um processo denominado *progressão textual* (MARCUSCHI, 2008, p. 141), que diz respeito à “introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às *estratégias de referentes* e formando o que se pode denominar *cadeia referencial*”. Portanto, ao adotar a perspectiva de que a referência consiste numa operação de elementos designadores, a progressão textual renova as condições da textualização e, por conseguinte, a produção de sentido (KOCH, 2011).

É nesse universo, baseado na referenciação, que a determinação referencial se dá como um acionamento da referência na relação com as demais unidades linguísticas presentes no cotexto (ou contexto), não importando se há correferenciação ou não. Dessa maneira, *referir* não implica uma relação entre as palavras e as coisas, uma vez que sua designação acontece através da língua; da mesma maneira com *remeter* e *retomar*, que são atividades que ocorrem na co-textualidade. Em face disso, Koch (2011, p. 84) complementa:

Na atividade específica envolvida pela *remissão*, deve-se ter em conta algum tipo de relação (de ordem semântica, cognitiva, associativa, pragmática ou de outro tipo). A noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais. Assim, o fato de se progredir mediante a atividade de remeter não envolve uma retomada, já que *retomar* é uma atividade particular de remissão que subentende *continuidade referencial*, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade material (caso da correferenciação), seja de não-identidade material (caso da associação).

Como podemos observar no trecho em destaque, a autora citada sugere em suas considerações a necessidade de uma noção não extensional de referência para dar conta do processo de referenciação textual. Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 142) enfatiza que “*referir* não é uma atividade de ‘etiquetar’ um mundo preexistente extensionalmente designado, mas sim uma atividade discursiva (essencialmente criativa)”. Por isso, os *referentes* podem passar a ser chamados de *objetos-de-discurso* (MONDADA, 2013, p. 09).

Do ponto de vista da textualidade, esses referentes são vistos, de acordo com Antunes (2012, p. 76), como *unidades da língua* e como *unidades do discurso*; isso quer dizer que “seus sentidos são definidos tanto pelo sistema lexical quanto pelos contextos de sua atualização discursiva”. Essa perspectiva é particularmente abrangente, por isso, abordaremos nas próximas seções o papel das unidades do léxico quanto à coesão, para uma posterior exploração contextualizada das relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia/hiponímia e meronímia como ação discursiva.

3.2 O PAPEL DO LÉXICO NO DISCURSO

No que tange à produção de sentido, o léxico é uma parte central nos discursos que construímos nas várias situações do dia a dia, pois ao mesmo tempo em que ele tem

uma identidade própria, sendo concebido como um amplo repertório sistemático de palavras à disposição dos falantes de uma língua, também é verdade que o léxico é aberto ao ponto de ser constantemente renovável (ANTUNES, 2012). Marcuschi (2004, p. 270) já havia discutido isso ao propor que o léxico “é o nível de realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”.

Essa volatilidade de que falamos não consiste em admitir que as palavras sejam desprovidas, total ou parcialmente, de significado, e que a criação de seus sentidos cabe à situação discursiva; nem muito menos queremos dizer que o léxico é uma lista de palavras, cuja função é rotular ou etiquetar as coisas. Ao contrário, pretendemos assumir que as palavras, bem como suas propriedades, são um tipo de conhecimento linguístico que constantemente se refaz nas situações concretas da fala (CASTILHO, 2010).

Em conformidade com Antunes (2012, p. 29), “às palavras são associados significados básicos, que constituem, isso mesmo, a base para a derivação de outros significados, próximos, associados, afins”. Isso nos ajuda a compreender que a instabilidade que as palavras do léxico adquirem na língua é essencial para que os falantes as ajustem às suas necessidades interacionais. Em vista disso, podemos entender que o léxico apresenta certa sistematicidade ao passo que é também volátil, já que ao mesmo tempo em que a linguagem verbal é instável, uma base estável e definida é construída.

A questão envolvida aqui vai além da compreensão de que o léxico é útil na construção do sentido. Trata-se muito mais de observar como o léxico funciona no discurso ao ser operacionalizado pelos falantes de uma língua do que analisar se o sentido das palavras é definido pelo léxico. Como vimos na seção anterior, um exemplo disso é a atividade referencial, que é “muito mais um processo ligado a atividades inferenciais situadas, do que uma simples relação linguagem e mundo” (MARCUSCHI, 2004, p. 270).

Nessa perspectiva que vimos discutindo, a palavra pode ser percebida enquanto unidade do sistema lexical da língua e enquanto constituinte efetiva de um texto, podendo, de acordo com o tratamento dado a ela, ser designada com os termos *lexema* ou *vocábulo*, respectivamente (ANTUNES, 2012).

Convém esclarecer a distinção que Castilho (2010) faz entre léxico e vocabulário: enquanto o léxico é um inventário pré-verbal, o vocabulário é um inventário pós-verbal. Daí a percepção de que as palavras, segundo Antunes (2012), podem ser simultaneamente *unidades da língua* e *unidades do discurso*. Dessa forma,

“seus sentidos são definidos tanto pelo sistema lexical da língua quanto pelos contextos de sua atualização discursiva”.

Nesse âmbito textual-discursivo, as palavras do léxico são elementos efetivos da constituição do texto, as quais podem sofrer um processo que Antunes (2012) denominou de “deslexicalização”, isto é, sair do uso, como também uma nova palavra pode surgir, em num processo inverso, o de “lexicalização”. Para Castilho (2010, p. 110), “a lexicalização é o processo por meio do qual conectamos o léxico, inventário pré-verbal, ao vocabulário, inventário pós-verbal”. Assim, entendemos que o léxico é uma instância prévia ao processo de lexicalização.

É a lexicalização que fornece o vocabulário. Nesse sentido, podemos entender que a definição de vocabulário é mais restrita do que a do léxico, uma vez que é possível empregar uma palavra num dado discurso sem que ela esteja lexicalizada.

Segundo Antunes (2012), os sentidos são construídos por duas classes de unidades: as do léxico e as da gramática, sobre as quais ela propõe uma distinção. Evidentemente, essa diferença não é definida de maneira rígida, mas, para efeito do presente trabalho, torná-la-emos relevante, uma vez que nossa atenção não está centrada no estudo dos pronomes, conjunções ou preposições, mas nas palavras do léxico. Sendo assim, essa autora sugere, respectivamente, a seguinte distinção:

Por um lado, as unidades cujo significado remete às coisas, aos fenômenos do mundo da experiência, do mundo extralinguístico, a seus modos de existir, a suas propriedades e manifestações. [...] e, por outro, as unidades cujo significado remete ao interior do próprio sistema linguístico, constituindo-se em índices da função e da relação que as formas constituintes de um enunciado exprimem (ANTUNES, 2012, p. 32).

Com isso, as primeiras unidades correspondem aos substantivos, adjetivos e verbos, designadas de *unidades lexicais*, e as segundas, aos artigos, pronomes, preposições, conjunções e advérbios, designadas de *unidades gramaticais*. Se por um lado unidades dependem do gênero e do tema em desenvolvimento, por outro, há unidades que ocorrem com muita frequência e em qualquer tipo ou gênero textual. Destaca-se que essas últimas são também chamadas de *unidades da gramática*, *palavras funcionais* ou ainda de *palavras relacionais*, uma vez que têm a função de tecer sentido ao se relacionarem morfossintaticamente com outras unidades lexicais.

De acordo com Tamba-Mecz (2006, p. 115), diferente das unidades lexicais, as unidades gramaticais “organizam-se em *paradigmas* fechados relativamente estáveis”:

enquanto o substantivo pode variar de uma gramática para outra, a depender de sua nomenclatura, a significação dos artigos, por exemplo, será determinada por oposições paramétricas, ou seja, se definido ou indefinido, contável ou não contável, singular ou plural. Essa divisão está longe de ser uniforme e visível, mas o que nos cabe aqui compreender é que o sentido pode ser linguisticamente estruturado por “um sistema lexical orientado pelo eixo da referenciação” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 118), cujo componente é a palavra, e “um gramatical fechado sobre si mesmo, que tem por eixo as operações produtoras de sentido”.

Como dissemos, abordamos o léxico na perspectiva textual-discursiva, mas sem desconsiderar as unidades gramaticais, pois estas, junto com as lexicais, constroem os sentidos do texto. Dessa maneira, esses sentidos “não resultam nem apenas do léxico nem da gramática sozinha” (ANTUNES, 2012, p. 106). Ao mesmo tempo em que esses componentes geram possibilidades de uso de uma língua, também representam delimitações para essas possibilidades.

No âmbito dos fatores que condicionam a escolha por certas unidades do léxico ou da gramática em vista à construção dos sentidos pretendidos numa atividade discursiva qualquer, cabe aqui esclarecer brevemente o que entendemos quando falamos em gramática e que função ela desempenha na constituição de um texto. Para isso, adotamos a seguinte concepção de Antunes (2005, p. 167) sobre a gramática:

[...] é uma condição para que aquilo que dizemos, numa determinada situação, faça sentido e possa funcionar como atividade de interação. Ultrapassa, portanto, os ditames da norma-padrão. Caso contrário, fora da norma-padrão, não haveria regra e, aí, cada pessoa falaria como bem quisesse e entendesse. A gramática está presente, portanto, em qualquer atividade verbal, formal ou informal, prestigiada ou não; tenhamos ou não consciência disso.

De acordo com a citação acima, a gramática passa da noção de prescrição, em que é comumente entendida pela tradição como regras que orientam na correção de erros, para ocupar um lugar num conjunto de possibilidades responsáveis pelo funcionamento efetivo da língua. Seus componentes linguísticos, marcados ou não, criam, estabelecem e sinalizam o sentido ao encadear as palavras na promoção de uma unidade temática do texto. Essa sua função articuladora é marcadamente costurada pelos diferentes pronomes, artigos, numerais, conectores e elipses (ANTUNES, 2005, p. 167).

De fato, os componentes gramaticais, presentes nos variados textos orais ou escritos, assumem um papel singular na textualização, de modo que, para Antunes (2005, p. 169), “não se pode fazer texto algum sem gramática”. Na verdade, linguisticamente, nenhum discurso é possível fora do léxico ou da gramática.

Não queremos afirmar que tudo é discurso, mas defender, em conformidade com Marcuschi (2004, p. 278), que “a significação pretendida se determina discursivamente de maneira progressiva até a identificação”, pois é através da textualização que o léxico, ao designar referentes (textuais), constrói uma rede de significações. Essa rede ratifica que o conhecimento lexical não se dá de modo isolado, pois o “*significado não é uma entidade*”, e sim uma “*relação*”, como já afirmamos anteriormente. Daí a trajetória da referência à referenciação.

Nesse domínio das propriedades textuais, quando usamos referencialmente uma palavra, além de ligarmos o vocábulo ao que se pretende dizer, estamos estabelecendo relações com outros vocábulos, na tentativa de dar continuidade e unidade ao texto. Conforme Antunes (2012, p. 76), essa “continuidade referencial é aquela que é conseguida no eixo da referenciação, ou seja, no eixo das referências feitas aos distintos indivíduos de que se fala”. A fim de exemplificação, segue um trecho de fala retirado do *corpus* de análise desse trabalho:

ER: A senhora chegou a pegar algum período de seca muito forte aqui? EO: Eu, quando eu tinha oito anos de idade eu peguei uma seca muito grande. EO: Ahn, o governo mandava assistência, né. EO: O feijão preto, rapadura. EO: Bocado de coisa aí dava pro pessoal ir comendo, né... EO: E o meu pai ia vender pão.

Nesse recorte, observa-se que a conversação se inicia com uma pergunta feita pelo entrevistador (ER) e segue com a resposta do entrevistado (EO) até o final do trecho. Ao ser indagado sobre se já sofreu com algum período de seca, o EO afirma que sim e, na sequência, destaca que, durante a estiagem, o povo da cidade recebia alimentos do governo, como o “feijão preto” e a “rapadura”. Logo em seguida, o entrevistado emprega a expressão referencial “coisa” para fazer remissão aos dois referentes anteriormente explicitados por ele numa relação de referência com os (outros) alimentos entregues aos moradores da cidade onde reside.

Dessa maneira, podemos perceber que, nesse processo de referir, estabelece-se uma relação que Murphy (2010) denomina como sendo do **tipo de**. Noutras palavras, o

termo “coisa” está funcionando textualmente como hiperônimo, uma vez que esse vocábulo – ‘coisa’ – está superordenando hierarquicamente os alimentos fornecidos pelo governo ao povo que passou pela seca, de modo que o entrevistado cita dois dos tipos de alimentos recebidos – “feijão preto” e “rapadura” –, os quais assumem uma relação de pertença ao serem subordinados como hipônimos de “alimentos”.

Como pudemos verificar, os vocábulos estabelecem nexos coesivos entre si, de forma a preservar a continuidade referencial, que é construída no eixo da referenciação. Sobre essas relações, Antunes (2005, p. 76) complementa:

[...] a coesão resulta de uma rede de relações que se criam num texto. Por isso, chamei-as de **relações textuais**. Tais relações, ou seja, as ligações, os elos criados, no entanto, são de natureza semântica, isto é, têm a ver com os sentidos do texto. Diferem quanto ao tipo de nexo que promovem.

O exame do estatuto dessas relações, como já vimos no capítulo anterior, evidencia que todas elas se constituem por meio de princípios semânticos regulares e específicos, de modo que suas diferenças estão vinculadas, segundo Tamba-Mecz (2006, p. 114), a “uma variação de ponto de vista (sinonímia), de polaridade (antonímia), de grau hierárquico (hiper/hiponímia) ou de totalidade (meronímia)”. Numa abordagem textual-discursiva do léxico, todo esse conjunto de relações contribui para a continuidade semântica que caracteriza a atividade textual, pois a unidade do texto não é resultado do sentido isolado de cada palavra, mas da “rede de sentidos criada, explícita ou implicitamente, pelas palavras presentes à linha do texto” (ANTUNES, 2012, p. 40).

Na próxima seção, daremos sequência aos processos envolvidos na atividade de referenciação, de modo a situar, na continuidade referencial, casos que envolvem procedimentos de variação lexical através dos recursos de textualização.

3.3 OPERAÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO MARCADAS PELA COESÃO REFERENCIAL

Persiste aqui, com mais detalhe, a visão de que os elementos linguísticos de um texto estabelecem relações de sentido na superfície textual, de modo a preservar a unidade significativa do texto. Se há sentido naquilo que dissemos, é porque os componentes do sistema semântico estão interligados através dos mecanismos formais de uma língua. Assim, quando a interpretação de algum elemento do discurso é

dependente da de outro, a continuidade do texto se dá no âmbito da coesão. A respeito desse critério da textualidade, Koch (2012, p. 16) esclarece:

A coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo”.

De acordo com a citação acima, para que um elemento linguístico possa ser compreendido efetivamente, é preciso que recorra a outro, estabelecendo, portanto, algum tipo de relação de sentido. Assim manifestada no nível microtextual, a coesão, conforme Fávero (2010, p. 10), “refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência”.

Assim, a continuidade textual, que é instaurada pela coesão ao estabelecer relações semânticas entre os segmentos do texto, é fundamentalmente uma continuidade de sentido, a qual pode ser expressa por três *relações* que resultam de vários *procedimentos* que, por sua vez, utilizam de *recursos* para se efetivarem. É dessa maneira que Antunes (2005, p. 51) elabora as propriedades da coesão do textual:

Quadro II – Relações, procedimentos e recursos

Relações textuais (campo 1)	Procedimentos (campo 2)	Recursos (campo 3)	
1. REITERAÇÃO	1.1. Repetição	1.1.1. Paráfrase	
		1.1.2. Paralelismo	
		1.1.3. Repetição propriamente dita	• Unidades do léxico • Unidades da gramática
	1.2. Substituição	1.2.1. Substituição gramatical	Retomada por: • pronomes • advérbios
		1.2.1. Substituição lexical	Retomada por: • sinônimos

			• hiperônimos • caracterizadores situacionais
		1.2.3. Elipse	Retomada por: • elipse
2. ASSOCIAÇÃO	2.1. Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	• por antônimos • por diferentes modos de relações de parte/todo.
3. CONEXÃO	3.1. Estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos	Uso de diferentes conectores	• preposições • conjunções • advérbios e respectivas locuções

Fonte: (ANTUNES, 2005, p. 51)

Desse quadro, as relações textuais que interessam à nossa investigação são a reiteração e a associação, mais especificamente, importam-nos os procedimentos da substituição lexical, que se dá por meio de sinônimos e hiperônimos, e da seleção lexical, que ocorre através de antônimos e a merônimos. Todos esses mecanismos enquadrados acima são bem mais esclarecedores das relações de sentido existentes no interior do texto do que aqueles propostos anteriormente por Halliday/Hassan¹⁶ (1976), pois estamos considerando as estratégias particulares da sua realização textual com as noções de *coesão remissiva* ou *coesão referencial* e *coesão sequencial* ou *sequeciação* (KOCH, 2012). Para efeito do presente trabalho, fixaremos nossa discussão na modalidade da *coesão referencial*, que assim é definida por Koch (2012, p. 31):

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.

Com base na definição dada acima, podemos elucidar duas noções, a primeira delas é o elemento de referência, que pode ser representado por um nome, um sintagma nominal, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. Além disso,

¹⁶Não nos aprofundaremos nos mecanismos propostos por Halliday/Hassan (1976), mas, para efeito de comparação, esses autores distinguem cinco meios pelos quais os sentidos são estabelecidos “dentro do texto”: 1) referência (pessoal, demonstrativa, comparativa), 2) substituição (nominal, verbal, frasal), 3) elipse (nominal, verbal, frasal), conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa) e 5) coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação).

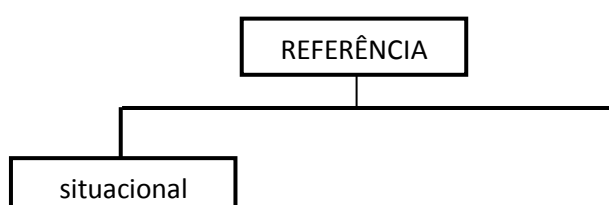
entende-se que referente não é uma “entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera” (CAVALCANTE, 2013, p. 125), de forma a ser modificado “a cada novo ‘nome’ que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo ‘nome’” (KOCH, 2012, p. 31). Daí a compreensão de que o referente é (re)construído textualmente.

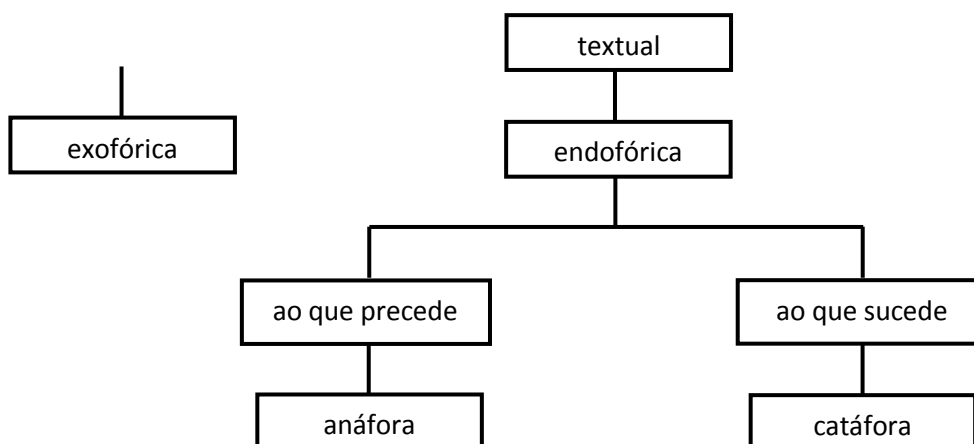
Tendo em vista esses elementos que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas a partir da remissão a outros itens do discurso, uma vez que estes contribuem para a sua interpretação, haverá um elo de “foricidade” entre eles. Segundo Henriques (2011), esse tipo de referência pode ser chamada genericamente de *referência fórica*, cujo adjetivo vem do radical grego *phoros*, que significa “que conduz, carrega”. Por conseguinte, esse autor define *fóricos* como sendo:

Termo genérico que designa a propriedade de algumas unidades linguísticas (como certos pronomes, advérbios, substantivos e verbos) de fazer referência a um componente do próprio texto [referência endofórica] ou ao contexto situacional [referência exofórica], em vez de serem interpretados semanticamente por si sós (HENRIQUES, 2011, p. 47).

Como pudemos observar, a *referência fórica* pode ser de dois tipos: *endofórica*, quando o referente se acha no próprio texto (*endo* = “para dentro”), e *exofórica*, quando o referente está fora do texto (*exo*- = “para fora”). Vale ressaltar que a distinção feita entre elas por meio das expressões “dentro do texto” e “fora do texto” tem, segundo Marcuschi (2008, p. 110), “a mera função heurística de lembrar que a solução referencial se dá em relações intratextuais” ou “em relações do texto com os enquadres externos”.

No caso da *referência endofórica*, há dois subtipos: se o referente antecede o item coesivo, tem-se a *anáfora*, se o referente sucede o item coesivo, tem-se a *catáfora*. Sendo assim, ainda de acordo com Marcuschi (2008), enquanto a *anáfora* refere entidades já introduzidas e vem depois das expressões correferidas (ou não), a *catáfora* refere entidades lançadas depois, de modo que sua ocorrência se dá antes da expressão correferida (ou não). Vejamos, no esquema abaixo, como se distribuem as referências *endofóricas* e *exofóricas*, na textualização:





Diante desse esquema, convém ratificar, de acordo com Cavalcante (2013, p. 126), que a ideia de *referência* e *anáfora* não constituem termos intercambiáveis, “já que algumas vezes se introduz um objeto novo no discurso sem que nenhum elemento contextual o engatilhe, ou ancore”. Dessa maneira, os referentes textuais podem ser construídos, em conformidade com Koch (2004, p. 33), através de dois processos: *ancorada* e *não-ancorada*:

A introdução será *não-ancorada* quando um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no texto, passando a ter um ‘endereço cognitivo na memória do interlocutor. Quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma categorização do referente [...]. Têm-se uma ativação *ancorada* sempre que um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação.

À vista desses dois processos, diremos que de um lado estão as *introduções referenciais* (CAVALCANTE, 2013), que se dão quando um referente é introduzido na expressão referencial sem que nenhum outro elemento do contexto discursivo ou da situação imediata da comunicação o tenha evocado, e do outro lado, encontra-se a *anáfora*, que recupera uma âncora do contexto por meio de uma expressão referencial¹⁷. Por conseguinte, podemos compreender que o termo *referência* engloba não somente o fenômeno da *anáfora*, mas também o da introdução referencial. Isso nos leva a postular, em concordância com Cavalcante (2013, p. 127), que o “termo *referência* e *anáfora* não se superpõem completamente”.

¹⁷ “Constituem *expressões referenciais* todas as formas de designação de referentes” (CAVALCANTE, 2003, p. 106).

Diante desse processo de remissão textual, convém esclarecer que chamamos *referente* o “termo que denomina o componente do mundo real ou imaginário que é passível de argumentação, descrição ou relato por meio de palavras” (HENRIQUES, 2011, p. 45) e, por conseguinte, *referentes textuais* os mecanismos linguísticos endofóricos, cuja função é a de estabelecer a conectividade e a referência entre as partes do texto, seja por retrospecção ou prospecção, em vista à construção da coesão. Além disso, a noção de correferencialidade diz respeito à “identidade referencial entre a anáfora e o seu antecedente” (MARCUSCHI, 2013, p. 55), ou seja, os elementos em referência retomam o mesmo referente (KOCH, 2005).

Observemos, agora, como ocorrem as referências fóricas em trechos retirados do *corpus* de análise desse trabalho:

Trecho 1

ER: A questão, assim, você estuda aqui, né, sempre estudou aqui,
 ER: ahn, a questão da educação?
 ER: Eu queria que você desse, assim, um panorama, falasse aqui da escola, como é aqui.
 EO: A educação aqui que, ahn, a escola transmite é muito boa.
 EO: Os professores são maravilhosos, né.
 EO: Aí, vai depender de quem quiser aprender, né, alguma **coisa** (grifo nosso).
 EO: A escola é muito boa, ahn, a escola oferece muita educação, aí, vai bastar...
 EO: ...vai que/ vai que/ vai, ahn, depender de quem quiser aprender, né, a, essa educação, né.

Nesse recorte da fala entre o entrevistador e o entrevistado, o termo “coisa” não estabelece relação com nenhum elemento do texto, digo, dentro do texto, pois a relação que ele estabelece é com algum elemento fora do texto, de modo que “coisa” pode substituir, nessa situação, qualquer unidade lexical que denomine qualquer assunto do processo de ensino-aprendizagem proposto como conteúdo escolar ao aluno. Logo, essa é uma referência do tipo exofórica, uma vez que a apreensão do referente só é possível no contexto situacional. De modo diferente, ocorre no trecho a seguir:

Trecho 2

ER: Como é que é a questão da violência aqui?
 EO: A questão da segurança pública ainda é falha, mas eu acredito que tenha um status tão grande.
 EO: Porque violento, eu acredito que é a cidade que todos os dias, ahn, ocorrem assaltos, crimes, e Sousa não é assim.
 EO: Ahn, geralmente no, nos bairros mais carente há muita incidência de, de drogas...
 EO: ...desse tipo de, de **coisa** (grifo nosso), assim, que é o que gera mais a vio/violência.

Como podemos verificar, o termo “coisa” faz referência ao elemento “drogas”, facilmente recobrado no interior do texto, o qual antecede a forma remissa “coisa”, numa relação de referência do tipo endofórica anafórica. Vejamos outra ocorrência:

Trecho 3

ER: Quem é que toma conta de lá, do, do vale, é o governo?
 EO: Bem, é.
 EO: É a prefeitura que dá uma ajuda, o governo também dá uma ajuda, também, mas, aquele negócio...
 EO: ...é um querendo, né, passar por cima do outro, aí, no final das conta, ninguém ajuda em nada, né, fica aquela **coisa** (grifo nosso), aquela competição e no final ninguém ajuda em nada.

Agora, observando esse último recorte de fala, encontramos o termo ‘coisa’ numa relação de referência com o elemento “competição”, o qual aparece depois da forma remissiva. Logo, essa é uma referência do tipo endofórica catafórica.

Com base nessas ocorrências da forma nominal “coisa”, vistas brevemente, podemos compreender que referir não consiste simplesmente na atividade de localizar um antecedente ou segmento linguístico, e nem muito menos situar um objeto particular no mundo, sobretudo, busca-se identificar “algum tipo de informação alocada na memória discursiva” (KOCH, 2013), a partir da relação de sentido que ocorre entre o elemento referido e a forma remissiva.

Segundo Koch (2011), as formas nominais referenciais constituem recursos coesivos dos mais produtivos na construção da textualidade, as quais, como vimos, podem funcionar tanto como anafóricas quanto como catafóricas. Dessa maneira, essa autora acrescenta:

Quando catafóricas, na maioria dos casos, o referente da expressão nominal é apresentado apenas de maneira vaga, inespecífica, de forma que, apenas depois de “rebatizado” lexicalmente, fica claro em que consiste verdadeiramente esse “objeto de discurso”. Há casos em que são simultaneamente anafóricas e catafóricas (KOCH, 2011, p. 92).

Sobre essa questão de precisar ou não as expressões nominais, a seleção do determinante desempenha papel de destaque, uma vez que estabelece relações de caráter mais ou menos específicas. Por conseguinte, os pronomes e os artigos são frequentemente apontados como determinantes dessas formas referenciais, constituindo, assim, formas *remissivas gramaticais presas* (KOCH, 2012). Exercem, portanto, a função de acompanhar um nome, antecedendo-o.

De modo geral, o artigo definido funciona como catafórico, uma vez que faz remissão à informação subsequente, e o artigo indefinido funciona como catafórico, pois remete à informação que precede no texto. Já o pronome, em especial, o demonstrativo, é empregado quando, por exemplo, o demonstrativo não seria passível de substituição por um definido, quando a finalidade é a de manter o seu valor referencial, ou ainda quando, no caso de uso de hiperônimos, pretende-se evitar uma referência genérica (KOCH, 2012).

Além das formas remissivas gramaticais¹⁸, que “não têm autonomia referencial” (MARCUSCHI, 2013, p. 56), Koch (2012) levanta as *formas remissivas lexicais*, que englobam instruções de sentido, pois fazem referência a algo no mundo extralinguístico, a exemplo dos *sinônimos*, *hiperônimos*, *nomes genéricos* etc.

A esses grupos que denominam um componente do mundo real ou imaginário, Koch (2004, p. 244) chamou de formas nominais referenciais anafóricas, cuja função consiste em remeter “a elementos presentes no co-texto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes”. Estamos tratando especialmente da anáfora, cuja ocorrência pode dar-se com ou sem a retomada de referentes anteriormente expressos.

Essa divisão funcional da anáfora, segundo Cavalcante (2003), coloca de um lado a correferencialidade e a recuperação parcial dos referentes e de outro, a não-correferencialidade e a introdução de um referente novo sob o modo do conhecido. À vista disso, é que Koch (2004) caracteriza, sob duas formas, a anáfora com retomada:

- a presença de correferência entre a expressão anafórica e o seu antecedente textual, ou
- a ocorrência de recategorização do antecedente textual.

Além desses critérios para a anáfora com retomada, há um critério definidor da anáfora sem retomada de referentes textuais, o qual diz respeito à construção do referente da expressão nominal a partir daquilo que chamamos de *âncora*, isto é, de um elemento ou conjunto de elementos explícitos no co-texto.

¹⁸ Há também as formas remissivas gramaticais livres, a exemplo dos “pronomes pessoais de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.) que têm a função pronominal propriamente dita, bem com os advérbios pronominais” (KOCH, 2012, p. 35).

Para uma visão mais clara, dividimos essa discussão em dois grupos: o das anáforas *correferenciais* e o das anáforas *não correferenciais*. Nas primeiras estão inclusos os casos de anáforas diretas (AD) e nas segundas, os de anáforas indiretas (AI).

a) As anáforas correferenciais

De acordo com Marchuschi (2004), anáforas com retomada de antecedentes textuais podem efetuar-se por meio de a) *anáforas correferenciais sem recategorização*; b) *anáforas correferenciais com recategorização*. As primeiras ocorrem a partir da repetição (total ou parcial) do antecedente e de sinônimos ou quase sinônimos; as segundas, através de hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais¹⁹.

Pelo procedimento coesivo da *repetição*, que é resultado da relação de *reiteração* entre os elementos textuais, entende-se como “uma estratégia de voltar a um segmento anterior do texto, *mantendo* algum elemento da forma e do conteúdo” (ANTUNES, 2005, p. 60). Vejamos o exemplo dado por Marcuschi (2008, *apud* NURC/SP DID 18: 354-364):

Doc. Agora... éh::não não se fazia farinha?

Inf. o **fubá**?... ele é feito uma::... num **moinho de fubá**... o **moinho** tem uma pedra aliás aí acho que é:: igual pra... pra tudo né?... o **moinho** tem uma pedra que é a:: **mó**... e a **pedra** vai virando e... e vai moendo os grãos de milho... até transformar em **fubá**

Doc. e e... e é movida a quê?... essa **mó**?

Inf. a **mó** é:: era ... olha na na fazenda de Campinas sempre foi movida a eletricidade...

Pode-se observar no trecho acima que o núcleo da forma nominal repete, total e parcialmente, o núcleo do antecedente que está sendo retomado, fazendo reaparecer palavras que já ocorrem anteriormente. É por meio dessa reiteração que a continuidade do texto é assegurada.

¹⁹Sobre os casos de ocorrências dessa anáfora, não nos deteremos a explicá-los aqui, em virtude do nosso recorte.

Outro procedimento que está presente nas anáforas correferenciais sem recategorização e que, em especial, envolve variação lexical, é a sinonímia ou parassinonímia. Isto porque esse recurso coesivo promove a substituição como procedimento para ligar uma palavra à outra, com a condição de que tenha, segundo Antunes (2005), o mesmo sentido ou, pelo menos, um sentido aproximado. Para exemplificar, temos:

Os segredos de quem tem qualidade de vida **na terceira idade** e o que fazer para chegar lá de forma produtiva e feliz. Saiba quais as oportunidades de trabalho, lazer e bem-estar para **os idosos** no Brasil. (IstoÉ, junho, 2011).

Podemos encontrar, no trecho acima, certa correspondência referencial entre o grupo designado como “terceira idade” e o outro “os idosos”, mesmo que essa não seja reconhecidamente uma relação estrita de sinonímia (parassinonímia ou quase-sinônimas). Dessa maneira, o referente “terceira idade” é apreendido pelo anafórico “idosos”, cujo sentido é mais ou menos aproximado do sentido daquele, recebendo informações novas ao ser designado por outro nome. Já que não existe sinonímia perfeita, convém considerá-la uma substituição sinonímica, a qual favorece a coesão do texto.

No que tange às anáforas correferenciais com recategorização, podemos encontrar um nexos possibilitado pelo uso de um hiperônimo, cuja retomada referencial é bastante comum. Segundo Antunes (2005, p. 102), os hiperônimos “são palavras que podem substituir grande número de outras; basta que designem entidades do mesmo tipo”. Assim, muito mais do que os sinônimos, os hiperônimos têm uma frequência muito alta, em virtude de sua indiscutível equivalência referencial, podendo estabelecer níveis distintos de generalidade. A respeito desse recurso, é possível complementar:

A retomada, por meio de um hiperônimo, de um objeto previamente introduzido por um hipônimo constitui estratégia referendada pela norma, que assegura um mínimo de estabilidade informacional, visto que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais. Isto é, o hiperônimo contém, em seu bojo, todos os traços lexicais do hipônimo (KOCH, 2004, p. 248).

Pelas razões consideradas acima, pode-se afirmar que um menor grau de recategorização é lançado na retomada por hiperônimo, pois, quando ele se ajusta ao seu antecedente por meio da anáfora, apenas são selecionados aqueles traços definidores do

elemento textual a que faz referência. Segundo Antunes (2005), em decorrência da disposição hierárquica em que se organizam os seres da experiência, é natural que haja, para as palavras hiperônimas, níveis distintos de generalidade. Vejamos esse dois exemplos:

Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. **Uma epidemia** de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (MARCUSCHI, 2004, p. 249)

Nesse caso, pode-se observar que “uma epidemia” e “uma catástrofe” estabelecem entre si uma relação de hiperonímia e hiponímia, respectivamente. Esse tipo de anáfora tem a função, sobretudo, de especificar ou esclarecer o referente, de modo que o artigo indefinido aparece funcionando como determinante.

Para Marcuschi (2004, p. 248), a sequência hiperonímia/hiponímia não é rara, podendo ocorrer nos “contextos em que se faz necessário um refinamento da categorização inicial do referente”, nesse caso, tem-se uma *anáfora especificadora*. Todavia, pode-se ainda verificar em outras ocorrências, como a que segue, que esse tipo de nexos dar-se também do hipônimo para o hiperônimo:

Vimos **o carro** do ministro aproximar-se. Alguns minutos depois, **o veículo** estacionava adiante do Palácio do Governo (KOCH, 2012, p. 50).

Em exemplos como este, observamos que há um menor grau de recategorização, uma vez que se trata de uma anáfora por hiperonímia, logo, o termo “o veículo” retoma “o carro” num nível maior de generalização. Como vimos, o recurso da hiperonímia procede através da substituição lexical, numa relação de reiteração entre o referente e a forma remissiva. A vantagem desse nexos é que os segmentos guardam entre si limites de generalidade que atendem às necessidades da situação de comunicativa.

Além da substituição por sinônimos e hiperônimos, que “são cambiáveis contra um mesmo objeto de referência, mas em função de princípios semânticos diferentes” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 108), as anáforas podem operar em retomadas por termo genérico. Segundo Marcuschi (2004), essa retomada é muito comum na língua falada,

uma vez que, na fala, o planejamento do que se pretende dizer e a verbalização são quase simultâneos.

Dessa maneira, Tamba-Mecz (2006) considera que o termo “coisa” é desprovido de toda propriedade categorial distintiva, de modo que, para Oliveira (2008), “coisa” é capaz de substituir todos os substantivos da língua, bem como nomes de pessoas, agregando em si o conjunto de traços semânticos da palavra substituída. Vejamos o exemplo a seguir dado por Koch (2012, p. 50):

A multidão ouviu o ruído de **um motor**. Todos olharam para o alto e viram **a coisa** se aproximando.

Como podemos notar, o termo “coisa”, nesse trecho, funciona como um referente textual que remete, anaforicamente, a “um motor”, numa equivalência que não prejudica a informação, pois o sentido continua o mesmo. Oliveira (2008) já aponta a existência de sinônimos para a forma substantiva “coisa”, como as unidades lexicais “negócio” e “treco”.

b) As anáforas não correferenciais

Nas anáforas não correferenciais, isto é, sem retomada de um mesmo referente, encontram-se as anáforas indiretas, cujas continuidades referenciais se dão apenas com remissão a uma âncora no cotexto (ou contexto²⁰). Elas são, conforme Cavalcante (2003), mais complexas do que as relações entre a anáfora direta e o seu antecedente, pois envolvem processos cognitivos e, sobretudo, estratégias inferenciais.

Para Schonotz & Strohner (1985, p. 08 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 249), “uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação velha num dado contexto”. Assim, a atividade de interpretação referencial pode ter base textual, contextual ou nem textual e nem contextual. No entanto, dedicamo-nos a explorar as inferências de base textual por questões de associação semântica. Portanto, quando algum novo objeto-de-discurso é introduzido, sob o modo do dado, algum tipo de associação entre ele e o(s) elemento(s) presente(s) no cotexto é estabelecida. Para complementar, Koch (2011) acrescenta:

²⁰ Sempre que empregarmos o termo *contexto*, estamos considerando os aspectos intratextuais, isto é, dentro do texto.

As anáforas indiretas caracterizam-se, assim, pelo fato de não existir no contexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa), que se pode denominar *âncora* e que é decisivo para a interpretação; ou seja, trata-se de formas nominais que se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, o que permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais, possibilitando, assim, a mobilização de conhecimento dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.

Da citação acima, podemos evidenciar três características fundamentais das anáforas indiretas: (i) a não vinculação com a *correferencialidade*, (ii) a não vinculação com a noção de *retomada* e a (iii) *introdução de referente* novo sob o modo do conhecido. Dessa maneira, nas AI não há uma retomada de referentes, mas sim uma ativação de novos referentes em virtude da presença de uma *âncora* no universo textual. Logo, dois processos contribuem para a progressão textual: a *ativação* e a *reativação*, isto é, a inserção de novos referentes na estrutura de referencialização mental, na função de ampliar o modelo textual ao inserir uma nova locação informacional, e a remissão constante aos mesmos domínios de referência, na responsabilidade de garantir a continuidade referencial.

De acordo com Koch (2004, p. 253), um subtipo das anáforas indiretas são as *anáforas associativas*, cuja espécie mais representativa é a que se instala por relações de meronímia, ou seja, por “todas aquelas em que entra a noção de ingrediente”, a exemplo das associações meronímicas. Vejamos um exemplo:

Uma das mais animadas atrações de Pernambuco é o **trem** do forró. Com saídas em todos os fins de semana de junho, ele liga o Recife à cidade de Cabo de Santo Agostinho, um percurso de 40 quilômetros. Os **vagões**, adaptados, transformam-se em verdadeiros arraiais. Bandeirinhas coloridas, fitas e balões dão o tom típico à decoração. Os **bancos**, colocados nas laterais, deixam o centro livre para as quadrilhas. (KOCH, 2004, p. 254)

Conforme se verifica, os anafóricos “vagões” e “bancos” não retomam a âncora ‘trem’; embora sejam parte dela, são compreendidos, nesse trecho, como uma entidades autônomas e, por isso, considerados referentes novos, categorizados pela primeira vez.

Numa perspectiva semântico-lexical, outras possibilidades de anáfora indireta têm sido consideradas, porém, em virtude das restrições teórico-metodológicas deste

trabalho, encerraremos com apenas mais um fenômeno que frequentemente é tomado como um de seus tipos: as *anáforas rotuladoras*, que são bastante comuns em se tratando de remissão textual. Pode-se dizer que essas anáforas ocorrem quando uma forma nominal recategoriza segmentos precedentes ou subsequentes do contexto, com função de sumarizar e encapsular o referente. A esse respeito, é possível complementar:

Trata-se, nesses casos, [...] de anáforas “complexas”, que não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, como *estado*, *fato*, *circunstância*, *condição*, *evento*, *atividade*, *hipótese* etc. São, portanto, nomes-núcleos genéricos e inespecíficos, que exigem a realização lexical no co-texto, realização que vai constituir uma seleção particular e única dentre uma infinidade de lexicalizações possíveis, efetuada a partir das proposições veiculadoras das informações-suporte (KOCH, 2013, p. 38).

Dessa maneira, tais expressões nominais são muitas vezes introduzidas por um demonstrativo, na realização de duas funções: rotular parte do cotexto que as precede (x é um acontecimento, um fato, uma hipótese, uma cena etc.) e estabelecer um novo referente. Como exemplificação, observemos o trecho que segue:

... e eu fui à:: à Europa e a Paris numa época de muito frio eu fui... proximadamente nesta época eu eu embarquei em novembro e voltei nas vésperas de Natal... então eu andava muito a pé... *circunstância* que talvez não ocorresse se eu tivesse ido no verão... (NURC\ SP DID 137, 168-172p *apud* KOCH (2004, p. 256).

No exemplo acima, o rótulo “circunstância” não tem um antecedente pontual a que possa remeter, mas, à semelhança de uma anáfora direta, esse rótulo recupera (sem retomar) o que há no contexto. Assim, podemos observar que anáforas baseadas no léxico apresentam legítimas relações de parte-todo, ao manter uma relação semântica de meronímia ou ingrediência.

Em síntese ao que foi dito nesta seção, as operações de textualização, provocadas pela coesão referencial, podem ser sistematizadas da seguinte forma:

Quadro III – Operações de textualização marcadas pela coesão referencial

TIPOS DE REFERÊNCIA FÓRICA	SUBTIPOS	EFEITO COESIVO NA TEXTUALIZAÇÃO OU NO DISCURSO
Exofórica	X	Recupera entidades situadas fora do texto e não

		diretamente nele.
Endofórica	Anáfora	Refere entidades já introduzidas e vem depois das expressões correferidas (ou não).
	Catáfora	Refere entidades projetivamente, de modo que sua ocorrência se dá antes da expressão correferida (ou não).

Fonte: (próprio autor)

Conforme vimos, nas operações de textualização, há uma dependência entre os elementos do discurso, assim, as formas remissivas, enquanto estratégias de coesão referencial, podem estabelecer referência a partir de mecanismos ligados à significação. Esses mecanismos agem de acordo com suas possibilidades referidoras, podendo operar numa relação de sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia ou meronímia, seja com correferência e/ou recategorização ou nem uma coisa nem outra. Esse retrospecto pode ser organizado da maneira que segue:

Quadro IV – Mecanismos coesivos na construção do sentido

FORMAS REMISSIVAS REFERENCIAIS	CORREFERÊNCIA	RECATEGORIZAÇÃO
Sinônimos	+	-
Antônimos	-	-
Hipo/hiperônimos	+	+
Merônimos	-	-

Fonte: (próprio autor)

No próximo capítulo, analisaremos o funcionamento textual do termo “coisa”, segundo esses parâmetros, na construção da coesão.

4 ANÁLISE LINGUÍSTICA DO *CORPUS* DE PESQUISA (CP)

De acordo com Cambrussi e Hoffmann (2015, p. 39), “as relações lexicais podem ser investigadas de diferentes perspectivas: na relação entre si, estabelecida entre itens, ou na sua textualização”. Do ponto de vista da textualidade, as palavras ligadas por sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e meronímia, por exemplo, constroem uma “rede de sentidos criada, explícita ou implicitamente, uma remetendo a outra, anterior ou posterior, próxima ou distante” (ANTUNES, 2012, p. 40).

Propusemos fazer, para este trabalho, um recorte analítico que nos levasse à demonstração de que a palavra “coisa”, quando empregada numa situação real de comunicação, não só desempenha uma função referencial como estabelece nexos coesivos com referentes que não se encontram na superfície textual, mas que são possíveis de serem interpretados semanticamente. Para isso, utilizaremos como *corpus* o

trabalho de pesquisa denominado “O Linguajar do Sertão Paraibano”, já construído e disponibilizado para fins de investigação.

Nesse *corpus*, os textos produzidos oralmente pelos interlocutores apresentam a estrutura marcada por perguntas e respostas. Segundo Marcuschi (2008, p. 154), o gênero textual é uma entidade empírica em situação comunicativa que se expressa em designações diversas. Nesta pesquisa, o gênero que constitui os textos que servem de material de análise para o nosso objeto de estudo é a entrevista. Sobre esse gênero, Hoffnagel (2007, p. 181) esclarece:

[...] podemos dizer que o modelo canônico da entrevista de pelo menos dois interlocutores, cada um com papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas e o entrevistado, que é responsável pelas respostas.

Podemos observar que a entrevista é uma prática da linguagem altamente padronizada, uma vez que o entrevistado e o entrevistador participam de um jogo de papéis: O ER abre e fecha a entrevista e o EO responde e fornece informações pedidas.

A partir desse panorama das entrevistas de que dispõe o *corpus* apresentado, ao fazer um levantamento quantitativo das ocorrências da palavra “coisa”, totalizamos 1.545 empregos desse termo na fala dos entrevistados, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro V – Quantitativo das ocorrências totais da palavra “coisa” no corpus “O Linguajar o Sertão Paraibano”

CIDADES (Urbana e Rural)	OCORRÊNCIAS (Total)	PORCENTAGEM (%)
Sousa	120	7,76%
Pombal	179	11,58%
Princesa Isabel	174	11,26%
Cajazeiras	213	13,78%
Catingueira	179	11,58%
Catolé do Rocha	225	14,56%
Conceição	222	14,4%
Itaporanga	86	5,6%
Patos	147	9,5%
TOTAL	1.545	100% (valor aproximado)

Fonte: (próprio autor)

A partir dessa verificação, fizemos o primeiro recorte do *corpus*, limitando-nos a três cidades: Sousa, Pombal e Princesa Isabel, que constituem o volume 05 desse material. O presente recorte encontra razão no fato de que nossa pesquisa não é quantitativa, mas qualitativa, pois não objetivamos medir a frequência com que é empregada a palavra “coisa”. Além disso, os municípios de Sousa, Pombal e Princesa Isabel foram selecionados de forma eventual, sem que houvesse uma motivação metodológica. Assim, esta pesquisa segue um paradigma fenomenológico em vista à apreciação do significado que os entrevistados dão a essa palavra.

A escolha por este recorte enquadra ocorrências cada vez mais precisas, já que há uma delimitação maior e representativa de como geralmente aparece o emprego da palavra “coisa”. Para essa visualização, observemos a seguinte disposição:

Quadro VI – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” nos municípios de Sousa, Pombal e Princesa Isabel

CIDADES (Urbana e Rural)	ENTREVISTADOS (Total)	OCORRÊNCIAS (Total)	PORCENTAGEM DAS OCORRÊNCIAS (%)
Sousa	12	120	25,4%
Pombal	12	179	37,8%
Princesa Isabel	13	174	36,8%
TOTAL	37	473	100%

Fonte: (próprio autor)

De acordo com esse quadro, podemos observar que a palavra “coisa” ocorreu 473 vezes, nas áreas urbanas e rurais dos municípios de Sousa, Pombal e Princesa Isabel. Para o segundo recorte, selecionamos como parâmetro de investigação a área urbana dessas três cidades, pois não temos a finalidade de fazer uma pesquisa que considere a localização geográfica (e suas implicações no nível de formalidade, escolaridade dos entrevistados etc.) como fator de influência para o emprego da palavra “coisa”.

A partir disso, os dados lançados no quadro abaixo constatarem que, na área urbana das cidades de Sousa, Pombal e Princesa Isabel, o termo “coisa” teve 251 ocorrências:

Quadro VII – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” na área urbana das cidades de Sousa, Pombal e Princesa Isabel

CIDADES (Urbana)	ENTREVISTADOS (Total)	OCORRÊNCIAS (Total)	PORCENTAGEM DAS OCORRÊNCIAS (%)
Sousa	06	57	22,7%
Pombal	06	90	35,9%
Princesa Isabel	07	104	41,4%
TOTAL	19	251	100%

Fonte: (próprio autor)

Do recorte acima, selecionamos a fala de 06 entrevistados (EO) para constituírem as 06 entrevistas (E), duas de cada cidade. Dessa maneira, consideramos o quadro que segue como representativo do material de análise assumido para este trabalho:

Quadro VIII – Quantitativo das ocorrências da palavra “coisa” na fala de dois entrevistados de cada uma das três cidades (Sousa, Pombal e Princesa Isabel)

CIDADES (Urbana)	ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS		PORCENTAGEM DAS OCORRÊNCIAS (%)	
		Total	Seleção	Total	Seleção
Sousa	EO 1	17	03	16,67%	16,67%
	EO 2	18	03	17,64%	16,67%
Pombal	EO 1	15	03	14,70%	16,67%
	EO 2	11	03	10,8%	16,67%
Princesa Isabel	EO 1	22	03	21,6%	16,67%
	EO 2	19	03	18,6%	16,67%
TOTAL	06	102	18	100% (valor aproximado)	100% (valor aproximado)

Fonte: (próprio autor)

Com base no *corpus* acima, a soma das ocorrências da palavra “coisa” na fala dos entrevistados escolhidos registra, por enquanto, 61 casos em que aparece essa palavra. Analisaremos, contudo, 18 desses casos, sendo 03 ocorrências feitas por cada um dos dois entrevistados das cidades de Sousa, Pombal e Princesa Isabel. Essas ocorrências se dão por meio de referências exofóricas e referências endofóricas, o que será o nosso primeiro critério de análise, como podemos observar no seguinte quadro:

Quadro IX – Quantitativo das referências exofóricas e endofóricas por dois entrevistados de cada uma das três cidades (Sousa, Pombal e Princesa Isabel)

CIDADES (Urbana)	ENTREVISTADOS	REFERÊNCIAS EXOFÓRICAS		REFERÊNCIAS ENDOFÓRICAS	
Sousa	EO 1	11	15,7%	06	17,1%
	EO 2	14	20%	04	11,4%
Pombal	EO 1	11	15,7%	04	11,4%
	EO 2	07	10%	04	11,4%
Princesa Isabel	EO 1	18	25,7%	04	11,4%
	EO 2	09	12,9%	13	37,1%
TOTAL	06	70	100%	35	100% (valor aproximado)

Fonte: (próprio autor)

Diante desses últimos dados apresentados até o momento, ocorreram 45 empregos da palavra “coisa” com referência exofórica e 18 com referência endofórica. Desses números serão analisadas, no total, 18 ocorrências dessa palavra, como já dissemos. Para isso, dividimos as nossas análises de acordo com a função referencial que a palavra “coisa” assume em cada ocorrência analisada: referência exofórica e referência endofórica.

Entendemos que, através de nossas análises, ficará demonstrado que a palavra “coisa”, ao estabelecer referência até mesmo exofórica, pode ser interpretada por meio de relações como a sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia.

4.1 REFERÊNCIA EXOFÓRICA

A partir de então, dedicar-nos-emos às análises dos trechos retirados das falas dos entrevistados, mais especificamente dos fragmentos textuais em que a palavra “coisa” aparece com referência exofórica. Nesse tipo de foricidade, o referente a que a forma nominal faz referência não se encontra explícito na superfície do texto, podendo ser recuperado através do contexto situacional, (HENRIQUES, 2011) ao estabelecer relações de sentido.

4.1.1 Análise do trecho 01 da entrevista AS

ER: Eu queria que você falasse um pouco da cidade, o que é que você sabe da cidade tanto pra apresentar pra gente.
 EO: Assim, a cidade de Sousa, no sertão, é conhecida como a cidade sorriso.
 EO: Ahn, ela abrange vários monumentos turísticos, como o Vale dos Dinossauros...
 EO: ...ahn, também tem o açude de São Gonçalo, que é o, o açude que abastece a cidade...
 EO: ...e Cajazeiras e as re/ e as cidades da região, Aparecida, Marisópolis.
 EO: Ahn, também tem a igreja da matriz, Bom Jesus...
 EO: ...e também, ahn, todo mês de setembro tem a festa da padroeira da cidade, que tá acontecendo agora, é dia oito também.
 EO: E, ahn, entre outras **coisas**.

Nesse primeiro trecho, através da pergunta feita pelo entrevistador (ER) sobre a cidade de Sousa, o entrevistado (EO) apresenta alguns atrativos de sua cidade, denominando-os de “monumentos turísticos”: o “Vale dos Dinossauros”, o “açude de São Gonçalo”, a “Igreja matriz, Bom Jesus” e “a festa da padroeira da cidade”. Após designá-los, ele acrescenta a expressão “entre outras coisas”, ou seja, além de todos os citados, ainda há outros, os quais são objetos de referência, mas não são apresentados.

Dessa maneira, o termo “coisa” reúne, nessa situação de fala, outros monumentos turísticos da cidade de Sousa. Nesse caso, temos o sentido “conjunto”, que é um dos sentidos elencados no dicionário *Michaelis* online, já que é o termo mais amplo que designa um conjunto de termos mais específicos do campo dos atrativos da cidade onde reside o entrevistado.

Sobre esse esquema de categorização de termos mais gerais e outros mais específicos, dissemos na subseção 1.2.3. que o nível de base fornece o que Tamba-Mecz (2006, p. 105) chama de *protótipo*, ou seja, o termo que melhor fundamenta a categoria e que corresponde ao grau máximo que se pode perceber ao generalizá-lo

esquemáticamente. Sendo assim, podemos dizer que a referência da forma nominal “coisa” é qualquer hipônimo que represente os atrativos não citados pelo EO. Logo, estamos diante de uma relação de referência que se textualiza por meio de hiperonímia/hiponímia, uma vez que “coisa” funciona, no trecho em destaque, como um hipônimo ou vários outros hipônimos para o hiperônimo “atração”.

Isso é possível de ser verificado quando percebemos a relação fórica que “coisa” estabelece com outros atrativos turísticos a partir dos citados pelo entrevistado – “Vale dos Dinossauros”, “açude de São Gonçalo”, “Igreja matriz, Bom Jesus” e “festa da padroeira da cidade”. Assim, a interpretação de “coisa” pode ser realizada a partir de informações já dadas no discurso, as quais fornecem a base para a inferência (SCHONOTZ & STROHNER, 1985, p. 08 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 249).

Tendo em vista que no trecho 01 o termo “coisa” não pode ser interpretado semanticamente por si mesmo, consideramos que há uma remissão a outros itens, os quais estão no domínio situacional, isto é, numa relação exofórica (MARCUSCHI, 2008), em que o referente encontra-se fora do texto. Em consequência da remissão que ocorre entre os elementos já enumerados acima, é que entendemos que “coisa”, nessa situação de fala, faz referência a outros atrativos turísticos fora do texto.

4.1.2 Análise do trecho 05 da entrevista AS

ER: Qual, o que é que tu acha desse forró de hoje? EO: Assim, eu acho muito pejorativo. EO: Tem algumas músicas, assim, que dá pra escapar, mas a maioria delas é f/... EO: ...falando mal de alguma coisa ... EO: Isso eu acho ridículo. EO: Tem música que eu não gosto.
--

Nesse trecho 05, o entrevistador (ER) inicia a sua fala com uma pergunta sobre a opinião do entrevistado (EO) no que diz respeito ao forró tocado e cantado atualmente. Ele responde que a maioria de suas músicas se dedica a falar mal de “alguma coisa”, e por essa razão esse estilo musical o faz não gostar de todas as suas composições. Observe que o EO não explicita textualmente o que a maioria das músicas de forró denigre, deixando à disposição do ER o entendimento do seu ponto de vista.

Apesar de o EO não especificar a mordacidade de que fala, ou seja, a sua referência, o objeto a que o vocábulo “coisa” se refere encontra-se nos temas das músicas de forró. Nesse caso, temos o sentido “assunto”, que é um dos sentidos

elencados no dicionário que adotamos para a nossa análise, logo, situações como essa nos levam a compreender o vocábulo ‘coisa’ como “assunto”, pois é a partir do que se diz sobre o objeto de referência que passamos a identificar esse mesmo objeto.

Dessa maneira, a referência é aqui estabelecida no domínio exofórico, uma vez que a situação comunicativa medeia, nesse caso, a relação entre o elemento “coisa”, presente na superfície textual, e aqueles que estão fora do texto. Essa ligação também pode ser compreendida através do emprego que o entrevistado faz do pronome “alguma”, que antecede a unidade lexical “coisa”, pois seu caráter indefinido normalmente gera uma adequação à informação subsequente (KOCH, 2012, p. 36). No caso da presente ocorrência, o emprego dessa forma remissiva gramatical presa instrui o sentido de “coisa” para fora do texto, numa possível e posterior textualização de sua referência.

Como dissemos na seção 2.2 e em conformidade com Antunes (2012, p. 12), essa “continuidade referencial é conseguida no eixo da referenciação”, sendo instaurada pela coesão ao estabelecer relações semânticas entre os segmentos do texto, explícitos ou não. De início, parece que estamos diante de uma relação hiponímica, de modo que o EO suscita (mas não diz) uma entre várias referências que podem ser alvo de depreciação nas músicas dos forrós atuais – “falando mal de alguma coisa”. Assim, “forró” seria o hiperônimo e “músicas”, no sentido de “letras” (as aceitáveis e as não aceitáveis), seriam os hipônimos.

Analizando mais nitidamente, “coisa” não se refere a uma das músicas, mas ao assunto delas. Mesmo o referente não estando na superfície textual, é possível considerar que ele mantém, nessa análise, uma relação sinonímica com a forma remissiva “coisa”. Isto porque o entrevistado interpreta a equivalência de sentido baseando-se não apenas nos conhecimentos linguísticos compartilhados com o entrevistador, mas, sobretudo, nos conhecimentos não-linguísticos. Portanto, podemos considerar que o procedimento da substituição de que fala Antunes (2005) ocorre através do recurso da sinonímia, compreendida aqui como uma relação de hiponímia simétrica, em virtude de sua implicação semântica.

4.1.3 Análise do trecho 01 da entrevista BS

ER1: Ahn, eu queria que você falasse aqui pra gente sobre, o que é que você sabe aqui de Sousa, assim, uma, uma, um panaroma geral // de Sousa?
 ER2: Panaroma geral?
 EO: Assim, a cidade de Sousa é uma cidade tranquila, né.
 EO: Cidade onde todo mundo se conhece, cidade pequena, né...
 EO: ...interior da Paraíba, assim.
 EO: Muito pequena, uma, uma cidade que eu gosto muito aqui, mora/ most/ moro aqui durante muito tempo, já.
 EO: Nasci aqui.
 EO: Ahn, a cidade de Sousa, assim, pelo que eu conheço, ela...
 EO: ...tem a maior, ahn, extensão de pegadas, né.
 [...]
 ER: Pegadas de?
 EO: De dinossauros.
 EO: A maior extensão de pegadas de dinossauros tem aqui em Sousa, é uma cidade muit/ muito famosa por causa disso.
 EO: É tanto que tudo que tem aqui na cidade é em relação a dinossauro, né, o time de Sousa, o símbolo é um dinossauro.
 EO: Ahn, um mercado, ahn, os, tem uns mercados, um supermercado, mercado di/ supermercado Dinossauro, entendeu.
 EO: Tudo é relacionado a dinossauro, né, muita **coisa** é relacionado a dinossauro.
 EO: É interessante isso porque...
 EO: ...justamente, por causa da, das pegadas, né.
 EO: Também tem a questão, também, ahn, da igreja da matriz...
 EO: ...que é um patrimônio histórico da nossa cidade.

Nesse trecho 01, o assunto em conversação diz respeito ao que o entrevistador sabe sobre a cidade de Sousa. No curso de sua fala, ele apresenta esse município como tendo a maior extensão de pegadas de dinossauros e que, por isso, essa cidade é muito famosa. Em virtude dessa característica reconhecida, “muita coisa” nessa povoação é relacionada a dinossauro. Notemos que ele não enumera, na superfície textual, as muitas coisas de que fala, deixando sua referência fora do texto.

Sobre isso, convém reiterar o que dissemos na seção 2.3, ao discutir a função da coesão referencial num texto. Koch (2012, p. 31) esclarece que a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. Isso significa dizer que, embora os referentes da expressão referencial em questão não estejam explícitos no texto, eles podem ser interpretados a partir da foricidade que a forma remissiva “coisa” estabelece com outros elementos lexicais presentes no texto.

Notemos que o EO cita três das coisas relacionadas a dinossauro: o “time de Sousa”, o “mercado” e o “supermercado”. Essa tríade contribui para a delimitação da referência exofórica feita pela expressão “muita coisa”, de tal modo que seus referentes passam a ser “entidades”. Com isso, compreende-se que, segundo o dicionário adotado para as análises aqui, “coisa” significa “empreendimento”.

Nesse caso, a referência exofórica ocorre através de uma relação semântica em que a forma correferencial opera uma recategorização do referente, ao estabelecer níveis distintos de generalidade. Com base na interpretação de que o “time de Sousa”, o “mercado” e o “supermercado” delimitam a referência da expressão “muita coisa”, podemos compreender que os referentes de “coisa” são “entidades” que se relacionam por compartilharem dos traços [PERTENCE À CIDADE DE SOUSA], [RELACIONADA A DINOSSAURO] e [EMPREENHIMENTO].

Portanto, o termo “coisa” é hiperônimo dos hipônimos considerados “entidades” que pertencem à cidade de Sousa, estão relacionadas a dinossauro e são empreendimentos, tal como o “time de Sousa”, o “mercado” e o “supermercado” (ambos de Sousa).

4.1.4 Análise do trecho 08 da entrevista BS

ER: Tem muitos acidentes aqui, com fogos de artifício, essas coisas? EO: Tem alguns, tem alguns. EO: Ma/ muitos, não, mais tem alguns, né. EO: Mais com crianças, né, que vão tentar, os pais não orienta, aí, vão soltar fogos de tamanho porte, aí... EO: ...às vez perde um dedo, perde alguma coisa. EO: E fora, também no São João, às vezes tem gente que bebe... EO: ...e vão soltar os fogos de maneira errada. EO: Como um, um, um rapaz soltou um foguete ao contrário, né. EO: Perdeu três dedos.
--

Nesse trecho 08, a conversação se desenvolve a partir da pergunta lançada pelo entrevistador acerca de possíveis acidentes causados por fogos de artifícios na cidade onde reside o entrevistado. Embora sua resposta afirme não haver muitos acometimentos dessa espécie, as crianças são as que mais sofrem esse tipo de acidente, as quais, por descuido dos pais, perdem um dedo ou “alguma coisa”.

Notemos que o termo “coisa” não faz referência a nenhum elemento presente na superfície textual, mas isso não quer dizer, nessa situação, que ele seja desprovido de toda propriedade categorial distintiva (TAMBA-MECZ, 2006), pois sua função referencial surge das condições em que esse termo é utilizado. Isso nos leva considerar a assertiva de Koch (2011, p. 84) sobre a atividade de remissão. Ele esclarece que “a noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais”. Logo, a progressão textual que ocorre em virtude da

remissão não necessariamente envolve a retomada, já que esta é um movimento particular de remissão.

Sendo assim, o referente da forma nominal “coisa” é construído a partir daquilo que, na seção 2.3, chamamos de âncora, pois, ao analisar sua ocorrência em vista à interpretação de sua referência, o elemento textual “dedo” se liga por inferência ao termo “coisa”. Para Schonotz & Strohner (1985, p. 08 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 249), “uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação velha num dado contexto”.

De acordo com o dicionário *Michaelis* online, o elemento “dedo” significa “cada um dos cinco prolongamentos articulados que terminam as mãos e os pés do homem²¹”. Sendo assim, inferimos que a forma nominal “coisa” faz referência a algo que se denomina “membros do corpo”, no mundo extralinguístico. Essa articulação foi possível de ser realizada porque, na atividade de remissão, mobiliza-se “conhecimento de vários tipos armazenados na memória dos interlocutores” (KOCH, 2004). Nesse caso, a associação semântica entre “coisa” e “partes do corpo” ocorreu por uma relação de meronímia.

Tamba-Mecz (2006, p. 110) caracteriza essa relação como sendo de *parte-todo*, pois “uma parte está necessariamente incluída em um todo”. Portanto, o elo entre esses termos dá-se por meio de uma relação textual que associa “coisa” enquanto “membros do corpo” tomando por base o elemento “dedo”, que funciona como âncora no contexto situacional. Em virtude dessa foricidade, podemos dizer que essa é uma relação exofórica de função meronímica.

4.1.5 Análise do trecho 02 da entrevista AP

ER: O que o senhor poderia falar sobre a evolução da cidade? [...] EO: Mas, sobre essa relação da, da, do crescimento... EO:...eu não tenho muita coisa pra dizer, porque eu passei muito tempo fora, mas parcelado. [...] EO: Agora, que tá melhorando muito, melhorou muito, muito, muito, muito mesmo. EO: Hoje a atual P/ Pombal é, é, é outra coisa, é, a, a... EO: ...um, e a infraestrutura em termo P/ de Pombal, em relação aos anos antigo tá muito boa. EO: Tá de, de fazer inveja. EO: A água, por exemplo.
--

²¹ <<http://michaelis.uol.com.br>> Disponível em: 14 de jan. 2015.

[...]

EO: No, no inverno, naquela época parece que não tinha, tinha água mineral só em garrafa, não tinha água mineral que tem hoje, né.

Nesse trecho de número 02, o termo “coisa” é empregado duas vezes com a função de designar referentes que se encontram fora do texto. É o contexto situacional que constrói a foridade entre os elementos a que se ligam às formas remissivas “coisa₁” e “coisa₂”. Essas duas ocorrências aparecem após a pergunta do entrevistador a respeito da evolução da cidade onde reside o entrevistado. De início, ele responde que não tem “muita coisa” para dizer, logo mais a frente acrescenta que depois de algum tempo a cidade de Pombal é “outra coisa”.

Nesse primeiro momento, a forma nominal “coisa” faz referência à “noção”, pois a fala do entrevistado indica que ele não tem idéia de onde tirar argumentos que o levem a uma conclusão sobre a evolução da cidade, em virtude do tempo que passou afastado dela. Segundo o Dicionário *Michaelis* online, coisa₁ significa “condição”, de modo que não há uma base de sustentação que o apóie no que dizer acerca do crescimento da cidade. Dessa maneira, é através do recurso da sinonímia que o termo “coisa₁” estabelece uma relação exofórica com o referente que condiz à “noção” do quanto que a cidade evoluiu.

Já na segunda ocorrência, a forma nominal “coisa” só pode ser compreendida a partir da interpretação referencial de coisa₁, pois a referência de “coisa”₂ se opõe à “situação” inicial da cidade. Essa antonímia se dá, sobretudo, por meio do pronome indefinido “outra” que acompanha a forma remissiva “coisa”₂. Por conta disso, o dicionário utilizado para as análises define esse referente textual como “realidade”, já que seus elementos de referência apresentam em comparação com os referentes de coisa₁ estreitas relações com a negação.

Sobre a antonímia, convém esclarecer que há várias espécies de oposição de sentido (LYONS, 1979), a que ocorre nesse trecho em análise denominamos de contradição, quando discutimos mais nitidamente sobre as relações semântico-lexicais. Assim, nessa ocorrência, estamos lidando com sentidos impossíveis de serem verdadeiros ou falsos simultaneamente, como nos pares casado/solteiro, pois se alguém está solteiro, é falso que esse alguém está casado e vice-versa.

Há contradição entre os termos “coisa”₁ e “coisa”₂ porque o primeiro coloca de um lado certa dimensão sobre a evolução da cidade, embora o entrevistado não a explicita, e o segundo define uma realidade contraditória àquela construída pelo

entrevistado 1, de modo que a situação inicial de crescimento da cidade é “outra”, não havendo a possibilidade de considerar ambas verdadeiras ou ambas falsas.

Não obstante a referência em questão ser exofórica, é possível interpretar os referentes dessas formas nominais, pois, embora estas não nomeiem um referente específico, nem mesmo fora do texto, parecem ter a funcionalidade das anáforas rotuladoras, ao nomear referentes abstratos, como “noção” (“coisa”₁) e “situação” (“coisa”₂). Assim sendo, estão elas funcionando como “nomes-núcleos genéricos e inespecíficos” (KOCH, 2013, p. 38).

4.1.6 Análise do trecho 13 da entrevista API

ER: Você já morou em sítio? EO: Já, já, // morei. ER: Como é que era a, a, a vida lá quando você morava no sítio? EO: Bom, no sítio se torna um pouco mais difícil que aqui. EO: Hoje eu moro aqui porque eu estudo e meus pais são muito preocupados com meus estudos, tudo mais. EO: Então, é uma necessidade, porque lá o ensino é melhor, não tem saneamento básico, não tem esgoto, não tem água encanada. EO: Lu/ ao meu sítio, que era um sítio do qual eu morava, há um tempo atrás, ahn, veio chegar luz agora no ano de dois mil e pouco. EO: No caso era um, às escuras. EO: Então, justamente, se torna uma coisa muito mais difícil pra viver, a escola, ela, quando eu estudava lá a escola, você precisava ver, estava em condições deprecáveis.

Nesse trecho de número 13, a conversação entre os interlocutores se desenvolve em torno do relato de experiência do entrevistado acerca da vida que tinha quando morava no sítio. Após o entrevistador (ER) perguntar como foi essa vivência, o entrevistado (EO) inicia sua fala fazendo uma comparação entre o cenário que caracteriza a vida no sítio e o cenário que caracteriza a vida no centro da cidade. Ele justifica sua estada na área urbana da cidade como sendo uma “necessidade, porque o ensino lá é melhor”. Do mesmo modo, ele enumera alguns dos motivos que o levaram a residir fora do sítio: “não tem saneamento básico, não tem esgoto, não tem água encanada”. Além desses, conta que só recentemente, por volta dos anos 2000, chegou a energia elétrica, somado a isso, as escolas viviam em “condições deprecáveis”/precárias.

Notemos que a todo o momento o EO busca evidenciar particularidades tanto da área urbana quanto da área rural da cidade de Princesa Isabel. Ele define que, em virtude das condições habitacionais do sítio, lá “se torna uma coisa muito mais difícil

para viver”. De acordo com o dicionário *Michaelis* online, a palavra “coisa”, nesse trecho em destaque, designa “realidade”. Reconhecemos, portanto, que o termo “coisa” não se refere a qualquer realidade, mas a uma específica, isto é, a do sítio; seu sentido é definido “tanto pelo sistema lexical quanto pelos contextos de atualização discursiva” (ANTUNES, 2012, p. 76). Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p.140) enfatiza que referir é uma atividade discursiva e não uma atividade de etiquetar um mundo preexistente, pois “uma expressão referencial só chega a sua referência concreta quando empregada no discurso”.

Nessa atividade de referenciação, entendemos que o referente da palavra “coisa” se acha no contexto situacional, isto é, no domínio exofórico, pois o seu referente está fora do texto. A interpretação de “coisa” foi possível porque o elo de foricidade que essa forma nominal estabelece com “realidade”, seu referente, é sustentado pelas informações já dadas no discurso, as quais fornecem a base para a inferência de que a falta de saneamento básico, esgoto e água encanada, além da chegada tardia da energia elétrica e do estado precário das escolas, revela a realidade de um povoado, no caso, das pessoas que vivem no sítio. Consideramos, então, que o vocábulo “coisa” funciona como estratégia de coesão referencial que ativa seu elemento de referência por meio de inferência.

As palavras “coisa” e “realidade” são sinônimas entre si porque possuem dois níveis de equivalência, a de sentido e a de referência. Nesse contexto de análise, a equivalência de sentido acontece porque “coisa” e “realidade” apresentam conceitos que partilham as mesmas propriedades semânticas (CAMBRUSSI; HOFFMAN, 2015), logo, a substituição de um termo pelo outro não altera o valor de verdade. Já a equivalência de referência acontece porque “coisa” e “realidade” apontam para o mesmo objeto no mundo. Sendo assim, esse par de sinônimos funciona como recurso de substituição e de retomada exofórica.

4.1.7 Análise do trecho 01 da entrevista BPI

ER: Que tipo de trabalho que, que se encontra aqui? EO: Ahn, mais trabalho, assim, na agricultura. EO: Na agricultura, tem, agora não, esses programa do governo ta gerando uns empreguinho mais dentro da cidade, né. EO: Aí, tá tendo uns emprego mais. EO: Não é muito não, mas é bom, tá bom. ER: Mas tem indústria, alguma coisa assim? EO: São pouca, as indústria são pouca.
--

ER: Aí, na área de quê?

EO: As indústria, ela tá tendo mais, assi/ ahn, ela de um tempo desse pra cá, ela veio...

EO: ...as indústria que vieram pra cá tão crescendo, ahn, tem a granja, né.

EO: Tem a granja, tem umas fábrica de doce, de...

EO: ...umas que produz, ahn, material de construção, ahn, tipo viga, essas **coisa**, mas é pouco.

ER: Uhnrum.

Nesse trecho 01, o entrevistador (ER) inicia a conversa com o entrevistado (EO) perguntando-lhe sobre os tipos de trabalho que se encontram em Princesa Isabel, especialmente, a respeito da presença de indústrias. O EO explica que, se comparadas ao trabalho na agricultura, são poucas as indústrias na cidade, entre elas se acham as fábricas de doce e as de material de construção. Notemos que ele cita a viga como um tipo de material produzido nas fábricas de construção para afirmar que é esse tipo “coisa” (e não outro) que é fabricado nessas indústrias.

Isso pode ser compreendido se considerarmos que as fábricas de construção dividem seus materiais em categorias, propondo uma classificação desses produtos segundo suas características. Com base no catálogo da empresa Projecta²², esses produtos são distribuídos em pelo menos treze categorias, entre elas, a elétrica, a ferragem, a ferramenta, a hidráulica e a construção. Além disso, cada uma dessas recebe uma denominação de acordo com a sua funcionalidade, na categoria da construção, por exemplo, enquadram-se os grampos e os pregos, os fixadores e os parafusos, a madeira e os artefatos. Tendo em vista que viga é uma “trave de madeira ou aço empregada na construção²³”, podemos inferir que, entre outros produtos da categoria da construção, a viga é um dos tipos de materiais produzidos nas fábricas de construção em Princesa Isabel. Isso é efetivado quando o EO diz que, nessas fábricas, são produzidos materiais de construção do “tipo viga, essas coisas”, tornando co-hipônimas todas “essas coisas”, isto é, todos esses materiais da categoria da construção que lá são produzidos.

Sobre essa conectividade, Ilari (2008, p. 87) afirma que “ao falar das mesmas realidades, podemos aplicar a essas realidades palavras que evocam conceitos mais ou menos abrangentes”. Nesse trecho em análise, isso pode ser observado quando o EO diz que a viga e todos os outros materiais de mesma categoria são ao mesmo tempo materiais de construção. Dessa relação, compreendemos que há uma hierarquia entre o

²² <<http://www.projectapb.com.br/catalogo.php>> Disponível em 21 de abr. 2016.

²³ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/viga%20_1065664.html> Disponível em 22 de abr. 2016.

significado o termo “coisas” e a expressão “material de construção”, enquanto que o primeiro é menos abrangente, o segundo é mais abrangente. Embora o termo “coisa” seja comumente considerado como um termo de generalização máxima (TAMBA-MECZ, 2006, p. 106), ele está funcionando, nesse trecho em análise, como o termo mais específico ao agir como hipônimo do hiperônimo “material de construção”.

Se pelo sentido o termo específico contém a informação semântica da expressão mais geral, pela referência o termo mais geral se refere a uma classe mais ampla que reúne os referentes denotados pelo termo mais específico. Assim, podemos dizer que o significado de “coisas” inclui o significado de “material de construção” mais as propriedades semânticas que difere, por exemplo, a viga, que pertence à categoria da construção, dos produtos da categoria dos elétricos, das ferragens e dos hidráulicos. Além disso, a referência da expressão “material de construção” inclui a referência de “viga” e de todos os outros produtos da categoria de construção, como os grampos, os pregos, os fixadores e os parafusos. Nesse trecho em análise, o hipônimo “coisas” serve para diferenciar os componentes categorizados como de construção daqueles pertencentes a outras categorias.

Quanto à coesão referencial, entendemos que a forma nominal “coisa” estabelece uma retomada exofórica de termos que designam, por inferência, produtos da categoria da construção, como a “viga”, a partir do seu hiperônimo “material de construção”. Segundo o Dicionário *Michaelis* online, esse é um caso em que a palavra “coisa” indica “objetos”. Dessa maneira, os objetos referidos pela forma “coisa” são recategorizados de modo a refinar a categorização inicial feita aos referentes a partir do hiperônimo “material de construção”. De acordo com as propriedades da coesão textual apontadas por Antunes (2005), verificamos que o nexos semântico que a forma referencial “coisa” estabelece com seus referentes é expressa por meio da reiteração que resulta do procedimento da substituição e se efetiva através do recurso da hiponímia.

4.2 REFERÊNCIA ENDOFÓRICA

Após as análises dos trechos em que a palavra “coisa” faz remissão a referentes extratextuais, isto é, fora do domínio do texto, temos, a seguir, uma verificação acerca da ocorrência dessa palavra em referência endofórica. Nossa finalidade, aqui, é analisar como se dá a interpretação de um termo que é “desprovido de toda propriedade

categorial distintiva” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 106), mas que numa dada situação comunicativa pode funcionar como um recurso que estabelece relações de sentido, ao fazer remissão a um elemento textual que o antecede ou o sucede.

4.2.1 Análise do trecho 08 da entrevista AP

ER: A população, ahn, assistia muitos, os filmes, como // era?
 EO: Ass// assistia, não, os filme aqui...
 ...era direto, tinha os dias, por exemplo, fim de semana era duas sessões cada filme, passava du/ duas sessões.
 ER: E o senhor chegou a administrar o cinema?
 EO: Cheguei, eu e um irmão meu, tinha n/ eros, nós éramos seis, inclusive eu tenho...
 EO: ...uma irmã que é professora lá na faculdade de enfermagem.
 [...]
 ER: E, ahn, ficamos sabendo que o senhor também teve, ahn, envolvimento com a música aqui na cidade, aqui.
 EO: Quando eu era novo, né, que era rapazinho, eu tinha um saxofone, eu leva/ estudava em Campina, estudei...
 EO: ...Campina e/ eu estudei no, na Prata, primeiro ano científico na Prata, isso em sessenta e um, sessenta e dois.
 EO: Mas o, a, a Prata, o, o, meu estudo aqui não era, não dava pra...
 EO: ...pra chegar lá não, sabe, aí eu fui, fui fazer o técnico em contabilidade, aí fiz o técnico em contabilidade em Campina, terminei por aqui, mas comecei lá.
 EO: Aí, a gente tinha, quando eu voltei, aí eu me casei, a gente não tinha o que fazer, a situação (XX), 'aí, rapaz, vamos'...
 EO: ...'vamos formar um regionalzinho?', 'embora', aliás...
 EO: ...desse, desse pessoal que a gente formou um regionalzinho já morreu uns três ou quatro já.
 EO: E no final, agora foi, ahn, nessa época eu, eu arranhava o cavaquinho.
 EO: Quando foi agora, e/ eu depois a gente formou um regionalzinho, de seresta, quando surgiu...
 EO: ...a seresta, porque foi, todo mundo tava em seresta, a gente fez, formamos um regionalzinho de seresta.
 [...]
 EO: Mas aí, seresta começou a cair também, aí também desistiu, os instrumento tão lá em casa.
 EO: Só não sabe, não tem quem toque, mas tem lá um bocado.
 EO: Eu tenho um regional de seresta lá em casa, mas não tem quem toque.
 EO: Nem eu não pego, faz mais de doze ano que eu não pego em instrumento nenhum.
 ER: Tá tudo parado?
 EO: Parado, às vez aqui a colá eu pego, é muito dif/ eu não tenho tempo.
 EO: Cê vê que já sou aposentado, mas não, não tenho tempo pra essas **coisa**, porque eu trabalho...
 EO: ...ahn, a manhã até uma hora, uma e meia, todo dia, à tarde ainda vou trabalhar ainda, aí, quando é no sábado e no domingo, ahn, aí eu...
 EO: ...eu não vou pegar em instrumento, eu vou, ahn, é brincar com a minha família, com os amigo e tudo.

Nessa ocorrência de número 08, o envolvimento do entrevistado com a música é o assunto da conversação proposta pelo entrevistador. Na sua fala, o EO explica que

criou um “regionalzinho de seresta”, junto com outras pessoas, pois, na época da formação do grupo, a seresta arrastava um público grande. No entanto, com o passar do tempo, essas canções aos moldes da serenata não mais atraíam pessoas, motivo pelo qual seu “regionalzinho” chegou ao fim. Não obstante os instrumentos estarem todos na casa do EO, não há quem os toque, nem mesmo ele, pois não tem mais tempo para “essas coisa”.

A questão referencial que permeia a textualização do termo “coisa”, nesse trecho em análise, ilustra a construção de um referente por meio de uma relação endofórica. Isto porque a forma referencial “coisa” está funcionando como uma representação do referente “regionalzinho de seresta” que se encontra na superfície do texto. Sendo assim, duas estratégias são acionadas nesse fenômeno da referência: a ativação e a reativação (KOCH, 2011).

O EO introduz o objeto textual “regionalzinho de seresta” de modo a colocá-lo em foco na memória discursiva, em seguida, emprega a forma nominal “coisa” para tornar saliente o referente “regionalzinho de seresta”. Através dessas estratégias de referenciação, podemos entender que o referente textual foi construído (ativação) e reconstruído (reativação), ou seja, a remissão textual por meio da forma remissiva “coisa” categorizou um elemento de referência por meio de uma relação por prospecção (CAVALCANTE, 2003).

Tendo em vista que a determinação referencial de “coisa” se deu no acionamento de um elemento de referência que se encontra antes do item coesivo, a foricidade é designada de endofórica anafórica. Além disso, há uma identidade referencial entre a anáfora “coisa” e o seu antecedente “regionalzinho de seresta”, pois esses retomam o mesmo referente no mundo extralinguístico (KOCH, 2005).

De acordo com Marcuschi (2004), as anáforas correferenciais sem recategorização ocorrem através de repetição (total ou parcial) do antecedente e de sinônimos. De fato, no trecho em análise, podemos observar que o procedimento que relaciona os elementos em referência envolve a variação lexical, de modo que um é sinônimo do outro. Isso é possível porque, ao substituir um pelo outro, o sentido não é prejudicado, uma vez que o vocábulo “coisa” agrega, segundo Oliveira (2008), o conjunto de traços semânticos da expressão “regionalzinho de seresta”.

Assim manifestada a continuidade textual nessa ocorrência, Antunes (2005, p. 76) argumenta que “a coesão resulta de uma rede de relações que se cria num texto”. Como verificamos, o elo criado entre os elementos em referência expressa uma relação

que, como diz esse autor, resulta do procedimento da substituição, ao utilizar o recurso da sinonímia para estabelecer a reiteração do elemento inicialmente introduzido e posteriormente anaforizado.

4.2.2 Análise do trecho 10 da entrevista AP

ER: Ahn, e vocês tocavam por partitura // ou...
 EO: Não, não, tocava de ouvido.
 EO: A gente ensaiava bem direitinho, fazia a relações de, de, da seresta...
 [...]
 EO: Eu tenho, eu tenho, ahn, ahn, a última vez que a gente se encontrou fez vinte anos, no batizado de uma menina minha.
 [...]
 EO: Que era, a gente tinha uma, uma espécie, não era sociedade, uma espécie de sociedade de quinze casais.
 EO: Esses quinze casais, a gente festejava os aniversário de quinze em quinze dias...
 EO: ...de cada um, por exemplo, cinco, aniversari/ a/ ficou, aniversariou do dia um ao dia quinze, a gente ia prum clube, ia brincar.
 EO: Não pagava nada a ninguém, ninguém recolhia dinheiro de ninguém, apenas...
 EO: ...você ia e levava o que você podia levar, um tira-gosto ou bebida, bom, a gente passava a noite brincando.
 EO: Nos quinze dia do outro não tinha presente também, e a gente levava o conjunto pra passar a noite todinha brincando, cantando.
 EO: Só ia a gente, não tinha outra...
 EO: Tinha muita gente que queria entrar...
 EO: ...não entrava, não, só entrava, era mesmo que a maçonaria, só entrava se todos concordasse.
 EO: Um ex-prefeito nosso queria entrar, ahn, Atêncio Bezerra Wanderley, um bom prefeito, família muito boa...
 EO: ...mas, e lá outra **coisa**, lá não tinha política, não se fala/ tem...
 EO: ...gente de todos os partidos, mas política, entrou ali dentro acabou-se a política, ninguém fala em política.
 EO: Aí, a gente não, não deixava gente político entrar...
 EO: Agora tinha médico, tinha guarda rodoviário, tinha mecânico, eletricista.
 EO: Médico tinha dois, tinha advogado, fazia parte do, da sociedade... quer dizer que a gente não precisava de chamar outro advogado, agora, quando alguém precisava de um advogado, precisava de um médico eles atendia a gente.
 EO: Sem a gente pagar nada, era uma sociedade.
 EO: Aí, chamava-se Os Amantes da Música...

Nessa ocorrência de número 10, o termo “coisa” aparece num contexto cuja situação é marcada pela lembrança que o entrevistado tem acerca do grupo de casais que participava quando ainda tocava nas serestas. Os “amantes da música”, assim chamado por eles, não aceitavam a entrada de políticos, pois nem mesmo o assunto “política” era bem vindo, já que, em comparação ao grupo dos políticos, o seu era “outra coisa”.

Notemos que o EO faz referência a duas sociedades, isto é, dois grupos distintos, o de “quinze casais” e o dos “políticos”, caracterizados sob realidades

incompatíveis. Os traços definidores do primeiro são, explicitamente, a negação do segundo: “não pagava nada a ninguém”, “ninguém recolhia dinheiro de ninguém”. Assim, o sentido de “coisa” é veiculado da ocasião dessas expressões se relacionarem por meio da negação, tornando-as contraditórias.

Sabendo que o governo enquanto sistema político arrecada dinheiro do povo através de várias fontes, o termo “coisa” associa o governo aos traços acima explicitados, de modo a referir o termo “coisa” a uma sociedade contraditória a essa que tem política e, conseqüentemente, que “não pagava nada a ninguém” e nem “ninguém recolhia dinheiro de ninguém”.

Conforme vimos no capítulo 01, a antonímia de causa contraditória se estabelece numa relação excludente entre os significados de dois antônimos. Dessa maneira, as sociedades de “quinze casais” e dos “políticos” se pressupõem e se excluem mutuamente, de modo que sua complementaridade ocorre quando, segundo Lyons (1979), a negação de um funciona como afirmação do outro.

A ligação feita entre esses elementos da superfície textual – “quinze casais”, “políticos” – se dá também através do emprego do pronome indefinido “outra” que acompanha a forma nominal “coisa”. Isso pode ser comprovado de acordo com a acepção dicionarizada “que não é o mesmo²⁴” atribuída ao termo “outro”, segundo o Dicionário *Michaelis*. Assim, quando a forma nominal “coisa” faz remissão ao antecedente textual “sociedade”, nessa situação, ela designa o referente específico “sociedade de quinze casais”, que não é o mesmo do referente “sociedade dos políticos”, no mundo extralinguístico. Em face disso, é que podemos dizer que a sociedade a que “coisa” faz remissão é contraditória a outra sociedade.

Dito isso, podemos analisar a anáfora “coisa” como não correferencial, pois não há retomada de um mesmo referente, de modo que sua continuidade referencial se dá apenas com remissão a uma âncora no contexto, “lá não tinha política”, ou seja, na sociedade de “quinze casais” não tinha política, contraditoriamente à sociedade dos “políticos”. Como dissemos na seção 2.3, para que um elemento linguístico possa ser compreendido efetivamente, é preciso que recorra a outro, estabelecendo algum tipo de relação de sentido.

Nesse trecho em análise, a antonímia ocorre por meio de uma relação em que o referente – “sociedade de quinze casais” – está anteposto à forma remissiva “coisa”. Vale ressaltar que a expressão linguística “lá não tinha política”, que caracteriza a

²⁴<<http://michaelis.uol.com.br>> Disponível em: 15 de jan. 2015.

oposição, é empregada depois da forma referencial, mas isso não significa que há uma referência catafórica, pois esse não é o seu referente textual. Logo, a referência é endofórica anafórica.

4.2.3 Análise do trecho 01 da entrevista BP

ER: Eu queria conhecer um pouco sobre a cidade aqui de Pombal.
 ER: E mais especialmente essas festividades do Rosário...
 ER: ...né, que eu sei que o senhor é bastante envolvido, né.
 EO: Ahn, ahn, o meu envolvimento sobre a Festa do Rosário foi em setenta e sete, quando criança, muito criança.
 [...]
 EO: ...se apresentamos no, na calçada de Nossa Senhora do Rosário.
 EO: Com relação ao folclore...
 EO: ...ahn, as festividade começou daí.
 ER: E como é que é a festa?
 EO: A festa, ahn, pra mim, ahn, nessa data é uma **coisa** muito importante que a gente tem.
 EO: Pois já vem na família da gente há muitos anos.

Nesse trecho 01, o termo “coisa” ocorre a partir da pergunta do entrevistador sobre a cidade de Pombal, mais especialmente acerca da festa do Rosário. Quando o entrevistado o responde dizendo que essa festa é “uma coisa muito importante” para a cidade onde ela é um “acontecimento”, o termo “coisa” estabelece uma coesão referencial com a entidade festiva do mundo extralinguístico que ele denomina de “Festa do Rosário”.

Nessa perspectiva, a referenciação pode ser entendida como um fenômeno discursivo em virtude de esclarecer enunciativamente os processos de significação que nela estão envolvidos. De acordo com Marcuschi (2008, p. 140), “uma expressão referencial só chega a sua referência concreta quando empregada num discurso”. Nesse contexto situacional, o referente textual “festa” (do Rosário) é reativado por meio da identidade referencial que o termo “coisa” estabelece com ele, uma vez que os elementos em referência retomam o mesmo referente (KOCH, 2005).

Dessa maneira, a estratégia de remissão que constrói a interpretação do termo “coisa” se dá através de uma referência endofórica anafórica, pois o referente textual “festa” se acha antes da forma remissiva “coisa”. Ao realizar essa coesão, podemos verificar que a forma referencial em destaque equivale em sentido ao elemento a que faz referência, uma vez que a substituição desse elemento por aquela forma não causa

prejuízo no que se pretende comunicar. Assim, pode-se dizer que a “Festa do Rosário”, para o entrevistado, é uma festa/coisa muito importante.

A correferência que aqui vimos ocorrer por retrospecção (CAVALCANTE 2003), tem o artigo indefinido “uma” como determinante da foricidade em que o termo “coisa” está envolvido. Segundo Koch (2011, p. 104), o emprego do artigo indefinido normalmente acontece em casos de retomada de referentes que ainda serão introduzidos no texto, porém, o que se observa, nessa ocorrência, é que ele está acompanhando a forma nominal referencial anafórica “coisa” que faz referência a uma informação do contexto precedente.

Em suma, a informação retomada do contexto precedente ocorre de modo que o termo “coisa” funciona textualmente como sinônimo de seu antecedente textual, ao reiterá-lo através do procedimento da substituição de que fala Antunes (2005).

4.2.4 Análise do trecho 02 da entrevista BP

ER: E essa festividade, assim, pra gente, ahn, ahn, descrever a festa, assim, completa...
 ER: ...como é que começa?
 EO: Ahn, a primeira **coisa**, abertura da, na festa é o hasteamento da bandeira.
 EO: Ahn, que é a abertura da festa.
 EO: Depois do estiamento da bandeira vêm nove noite de novenas.
 EO: As nove noite de novenas.
 EO: Ahn, após as nove noite de novenas, aí o domingo do Rosário, que é o encerramento.
 EO: As festividade enc/ ahn, depois do domingo do Rosário tem a procissão de tarde.
 EO: É a última procissão, aí é o encerramento.
 EO: São nove noites.

Nesse trecho de número 02, o contexto situacional em que ocorre o emprego do termo “coisa” tem como assunto de conversação os tipos de entretenimento de uma determinada festa. Quando o entrevistador pergunta sobre como essa festividade pode ser descrita, mais especialmente como ela se inicia, o entrevistado apresenta uma sequência de atrações festivas: o “hasteamento da bandeira”, as “nove noite de novenas”, o “domingo do Rosário” e a “procissão de tarde”.

A dependência textual entre esses entretenimentos citados e o termo “coisa” estabelece uma referência com a entidade “atrações”, isto é, com aquilo que constitui a existência da festa. Em casos como esses, o Dicionário *Michaelis* online designa que o

termo “coisa” funciona como uma espécie de “conjunto” estruturado segundo uma hierarquia que evoca “conceitos mais ou menos abrangentes” (ILARI, 2008, p. 87).

Isso pode ser observado na medida em que o “hasteamento da bandeira”, as “nove noite de novenas”, o “domingo do Rosário” e a “procissão de tarde” funcionam como entidades mais específicas da entidade “atrações”, uma vez que a classe de entidades a que se faz referência através da palavra “atrações” é mais ampla do que a classe de entidades referidas textualmente por “hasteamento da bandeira”, “nove noite de novenas”, “domingo do Rosário” e “procissão de tarde”. Dessa maneira, a relação unilateral que há entre esses elementos postos em referência ordena hierarquicamente, no trecho em análise, os termos mais específicos e os termos mais gerais do campo da festa aludida.

Com essa avaliação, verificamos que a extensão da forma nominal “coisa” é maior do que a dos seus referentes textuais, pois enquanto aquele termo se refere a mais entidades, esses apresentam características mais definidoras das atrações que ocorrem na festa de que o entrevistado fala. De acordo com Lyons (1979, p. 482), “a extensão de um termo é a classe de entidades a que ele é aplicável ou a que ele se refere”. Logo, “coisa” é hiperônimo dos hipônimos “hasteamento da bandeira”, “nove noite de novenas”, “domingo do Rosário” e “procissão de tarde”.

Como pudemos observar nessa análise, os referentes textuais sucedem a forma remissiva “coisa”, o que nos leva a considerar que a referência construída no emprego dessa forma é endofórica catafórica. Além disso, os referentes, inicialmente categorizados por expressões nominais – “hasteamento da bandeira”, “nove noite de novenas”, “domingo do Rosário” e “procissão de tarde” –, são reconstruídos pela forma nominal “coisa”, através de uma retomada correferencial recategorizadora que essa forma opera com os seus referentes textuais.

Segundo Koch (2011), quando a forma nominal é catafórica, “na maioria dos casos, o referente da expressão nominal é apresentado apenas de maneira vaga, inespecífica”. Ele acrescenta que “apenas depois de ‘rebatizado’ lexicalmente, fica claro em que consiste verdadeiramente esse ‘objeto de discurso’”. No entanto, comprovamos, nessa ocorrência, um caso menos típico das formas nominais catafóricas, pois os referentes da forma “coisa” são particularizados ao serem “rebatizados” lexicalmente.

Sobre essa recategorização que se dá por meio de uma correferência catafórica, Antunes (2005, p. 102) explica que os hiperônimos “são palavras que podem substituir grande número de outras; basta que designem entidades do mesmo tipo”. Para

complementar, Marcuschi (2004, p. 248) esclarece que a sequência hiperonímia/hiponímia não é rara, podendo ocorrer nos “contextos em que se faz necessário um refinamento inicial do referente”. Assim como há a anáfora especificadora de que fala esse autor, podemos verificar, portanto, que a catáfora por meio do hiperônimo “coisa” também pode acontecer com função especificadora.

4.2.5 Análise do trecho 05 da entrevista BP

ER: Ahn, essa, ahn, e te/ vocês têm alguma música específica, assim, pra cantar durante a procissão, ou, ou não canta nada? EO: Não, não é cantar, os Congos cantam, né. EO: Mas os Pontões toca, ahn, a música específica pra, pra acompanhar a procissão é dobrado. EO: Ahn, o dobrado acompanha e valsa. EO: Ahn, acompanha a procissão, e pode entrar na igreja também tocando. EO: São músicas, ahn, que não são pra dançar, ahn, acompanhado, eles têm aquela dancinha, mas é uma coisa muito respeitosa, né. EO: Agora, lá fora, na calçada, no patamar da igreja, como chamado... EO: ...aí, eles toca coisa mais quente, e os Pontões dançam.
--

Nesse trecho de número 05, o termo “coisa” ocorre duas vezes na fala do entrevistado, com referentes distintos. Na primeira ocorrência, o vocábulo “coisa”₁ faz referência ao elemento textual “dancinha”, e na segunda ocorrência, o referente textual de “coisa”₂ é o substantivo “música”. Em ambas as situações, a forma nominal “coisa” faz remissão a um termos que a antecede.

Tendo em vista que esses elementos textuais não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas a partir da remissão a outros elementos do discurso, podemos identificar um elo de foricidade entre os elementos postos em referência. No recorte escolhido para a presente análise, a referência que se dá é endofórica anafórica, em virtude de os referentes das formas “coisa”₁ e “coisa”₂ se acharem antes delas na superfície textual. Dessa maneira, através da estratégia referencial anafórica, as expressões referenciais “coisa”₁ e “coisa”₂ recuperam, respectivamente, as âncoras “dancinha” e “música”, no contexto.

Quando acontece de o referente textual ser representado por outra denominação, como é o caso, a expressão referencial opera uma categorização sobre ele, de modo que essa ativação torna saliente o(s) elemento(s) de referência (KOCH, 2004, p. 17). Além disso, verificamos que também ocorre a correferência entre as expressões anáforas “coisa”₁ e “coisa”₂ e seus referentes textuais, pois a variação lexical

de “dancinha” para “coisa₁” e de “música” para “coisa₂” torna ambas as substituições com sentidos aproximados, não prejudicando o que se pretende comunicar.

Essa retrospectiva referencial ocorre por meio de uma relação semântica que torna os vocábulos “coisa”₁ e “coisa”₂ sinônimos, nesta ordem, de “dancinha” e “música”. Portanto, a equivalência de sentido que se estabelece entre as formas remissivas e os seus referentes textuais resulta do procedimento da substituição lexical (ANTUNES, 2005), que reitera os antecedentes textuais por meio de uma referência endofórica anafórica.

4.2.6 Análise do trecho 06 da entrevista AS

ER: Como é que a tua mãe te falava, que era a vida dela quando criança, quando adolescente...
 ER:...e depois se tu pudesse falar como é que é um pouco da tua vida hoje.
 EO: Na maio/ ahn, na maioria das vezes, quando ela era pequena, ela costumava ajudar minha avó...
 EO: ...nos afazeres de casa, nos avarej/ nos afazeres doméstico.
 EO: Ajudar, fazer as **coisa**, assim, arrumar a casa, fazer almoço, cuidar os irmãos, lavar roupa...
 EO: ...e também, ahn, sempre isso era tarefa das meninas.
 Já dos meninos eram ajudar o pai na roça.

Nessa sexta ocorrência, a situação de comunicação que encaminha os interlocutores ao diálogo é instaurada por meio da pergunta do entrevistador sobre como era a vida da mãe do entrevistado quando criança e/ou adolescente, a partir do que ela mesma lhe falava. De início, conta ele que sua mãe ajudava em casa na realização de pelo menos duas atividades: ajudava nos “afazeres de casa”/“afazeres domésticos” e nos “avarej”. Logo em seguida, explica que ela ajudava a “fazer as coisa”: “arrumar a casa”, “fazer o almoço”, “cuidar os irmãos” e “lavar roupa”.

A relação que ocorre entre os elementos do discurso se dá através do que chamamos de *referência*, no início do capítulo 3. O vocábulo “coisa” tem como referente textual a expressão “afazeres domésticos” ou a locução adjetiva “afazeres de casa”. Segundo o Dicionário Michaelis online, esse é um caso em que “coisa” significa “ocupação”.

Ao observar que a forma remissiva “coisa” faz referência a um componente do próprio texto, podemos considerá-la endofórica. Na perspectiva da textualização, o vocábulo “coisa” se liga a outros elementos do texto por meio de relações semânticas que podem ser construídas e reconstruídas no processo de referenciação. Assim, notamos que o termo “coisa” está funcionando textualmente como sinônimo da

expressão “afazeres domésticos”, que o antecede. A interpretação dessa equivalência nos leva a admitir que “afazeres domésticos” e “coisa” são intercambiáveis nessa construção textual. E, em virtude do referente textual anteceder a sua forma referencial, o elo de foricidade entre esses elementos é o anafórico.

Koch (2004, p. 244) chamou de formas nominais referenciais anafóricas as formas remissivas lexicais que, ao fornecer instruções de sentido, fazem referência a algo no mundo extralinguístico, a exemplo a relação sinonímica que “coisa” estabelece com “afazeres domésticos”. Por conseguinte, essa ocorrência se dá com a retomada de referente anteriormente expressos. À vista disso, podemos dizer que há correferência entre a expressão anafórica e o seu antecedente textual.

Logo após a identificação dessa equivalência, o entrevistado utiliza o marcador coesivo “assim”, posicionando-o ao lado do termo “coisa”, numa sequência que inaugura os tipos de “afazeres domésticos” que sua mãe realizava quando criança/adolescente: “arrumar a casa”, “fazer almoço”, “cuidar os irmãos” e “lavar roupa”. Disso percebemos uma classificação hierárquica que esquematiza termos mais gerais e termos mais específicos, a partir da relação de hiperonímia/hiponímia.

Dessa maneira, “coisa”, que funciona como sinônimo de “afazeres domésticos”, é também hiperônimo dos hipônimos “arrumar a casa”, “fazer almoço”, “cuidar os irmãos” e “lavar roupa”. Estes, são co-hipônimos, pois cada uma dessas unidades do léxico estão no mesmo nível hierárquico. Assim como os sinônimos, “os hiperônimos e os hipônimos de uma hierarquia lexical são cambiáveis contra um mesmo objeto de referência, mas em função de um princípio semântico diferente” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 108).

Esse nexos, possibilitado pelo uso do hiperônimo “coisa”, ocorre por meio de uma referência endofórica catafórica, pois o referente sucede o item coesivo. De acordo com Machuschi (2004), a catáfora refere entidades lançadas depois, de modo que sua ocorrência se dá antes da expressão correferida ou não. No trecho em análise, há uma correferência recategorizadora de grau menor, uma vez que, além do termo “coisa”, equivalente a “afazeres domésticos, designar entidades do mesmo tipo – “arrumar a casa”, “fazer almoço”, “cuidar os irmãos” e “lavar roupa” –, ele apresenta uma generalidade maior ao passo que apenas seleciona os traços definidores dos elementos a

que faz referência, assumindo uma carga semântica menor ao se ajustar aos seus hipônimos.

Junto a isso, convém destacar o emprego do artigo definido “as” que antecede a forma remissiva “coisa”. Embora esse artigo não estabeleça concordância de número com a forma a que se liga, ele contribui em gênero com a cataforicidade da forma substantiva “coisa”, fazendo remissão à informação subsequente. Essa ocorrência não é a mais frequente função do artigo definido, que, segundo Koch (2012, p. 36), consiste em fazer “remissão à informação que o precede no texto”.

Nessa ocorrência de fala, portanto, o termo “coisa” desempenha dupla função referencial, ou seja, é simultaneamente anafórico e catafórico. Para Koch (2011, p. 92), essa situação é possível na medida em que se emprega uma forma nominal referencial numa dada construção textual. O que vimos é que quando “coisa” funcionou como anafórico, a relação se deu por sinonímia, e quando funcionou como catafórico, a relação se deu por hiperonímia.

4.2.7 Análise do trecho 04 da entrevista BS

ER: Ahn, o pessoal é jovem e já compra moto ou é alguém que compra // pra eles? EO: Não, são os pais, né. [...] EO: A gente costuma dizer que são os filhos de papai, né... EO: ...que têm uma moto, que pode sair. EO: Saem de noite de moto, vão pra onde quiser, faz o que quiser, né. EO: Pula os quebra-mola. [risos] EO: Querem ser aqueles motociclista, aí. EO: É aquelas coisa , assim.

Nesse quarto trecho, a conversa se inicia com uma pergunta feita pelo entrevistador sobre a utilização de motos por parte dos jovens, isto é, se eles mesmos compram ou ganham de alguém. O entrevistado, ao responder que são os pais que compram e entregam aos filhos, destaca o modo como os jovens usufruem do veículo: “saem de noite de moto”, “vão pra onde quiser”, “faz o que quiser” e “pula os quebra-mola”.

Notemos que o EO denomina essas ações como “aquelas coisa”, de modo a reuni-las numa categoria que, para ele, somam atitudes negativas. Assim, conforme o

Dicionário *Michaelis* online, o termo “coisa” significa “conjunto”, isto é, um aglomerado de atitudes minimamente perigosas.

Essa relação pode ser feita através de uma referência endofórica, em que os componentes que servem de referentes estão presentes na superfície textual. Em virtude desses referentes – “saem de noite de moto”, “vão pra onde quiser”, “faz o que quiser” e “pula os quebra-mola” – estarem posicionados antes da forma remissiva “coisa”, podemos admitir que estamos diante de um caso de anáfora. Nessa ocorrência, a expressão correferida recategoriza os seus referentes, de modo a estabelecer uma relação de hiperonímia/hiponímia, pois, além de fazer referência a algo no mundo extralinguístico, a forma remissiva “coisa” instrui os sentidos a categorizar os referentes em níveis de generalidade.

A partir disso, o termo “coisa” é o hiperônimo dos hipônimos “saem de noite de moto”, “vão pra onde quiser”, “faz o que quiser” e “pula os quebra-mola”. Segundo Koch (2004, p. 248), “a retomada, por meio de um hiperônimo, de um objeto previamente introduzido por um hipônimo, constitui estratégia referendada pela norma”. Dessa maneira, pode-se considerar que um mínimo de estabilidade informacional é assegurado.

Vale ressaltar a função da unidade gramatical “aquelas” que acompanha o hiperônimo “coisa”, nessa situação, pois, segundo Antunes (2012), os sentidos são

ER: Como é que a, a questão, assim, de vocês, ahn, jovens na cidade, o espaço que vocês têm, como é que você sente isso, você pessoalmente? ER: Espaço, assim, de, de lazer de // cultura. EO: Bom, a gente não tem muitos edifícios pra isso. EO: Temos um, um clube, temos a praça, como você viu, que é povoada toda noite. EO: Mas nós não, não temos acesso a certas coisas que v/ a mídia nos mostra, nós não, não vemos essa, esse tipo de coisa.

construídos por essas duas classes de unidades. Apesar de esse pronome demonstrativo não concordar em número com a sua forma remissiva, ele desempenha a função de “recuperar a informação do cotexto à esquerda” (KOCH, 2011, p. 102), isto é, os referentes retomados por uma forma nominal referencial anafórica.

Em suma, o termo “coisa” é empregado com a função textual de retomar referentes anteriormente expressos por meio de um recurso que procede através da substituição lexical por hiperônimo.

4.2.8 Análise do trecho 01 da entrevista API

Nesse trecho 01, a conversação dos interlocutores se inicia com a pergunta do entrevistador (ER) a respeito do espaço de lazer e/ou de cultura que a cidade proporciona aos seus residentes. O entrevistado (EO) responde que, embora a cidade de Princesa Isabel não disponha de muitos edifícios que ofereçam espaços de lazer e de cultura, é possível enumerar pelo menos dois: o clube e a praça. Todavia, o EO explica que os moradores desse município não têm “acesso a certas coisas” que a mídia os mostra, logo eles não veem “esse tipo de coisa” em Princesa Isabel.

Tendo em vista que o ER, em sua pergunta, delimita o sentido de “espaço” como sendo “de lazer, de cultura”, e não de capacidade e distância, por exemplo, compreendemos, numa primeira leitura, que a referência do termo “coisas” parece ser exofórica, pois seus referentes se acham no contexto situacional. Nesse caso, “coisas” funciona como sinônimo de tudo aquilo que a mídia divulga como entretenimento numa cidade e que o EO e os moradores da cidade de Princesa Isabel não têm acesso. Todavia, numa leitura mais atenta ao trecho em análise, entendemos que a palavra “coisas” não faz referência direta aos elementos linguísticos que denominam cada um dos itens de lazer e/ou de cultura que a mídia mostra, e sim ao referente textual “espaço de lazer, de cultura”. Por conseguinte, “coisa” também tem “espaço de lazer, de cultura” como referente textual, já que ele reitera o referente de “coisas”. Nesse caso, “coisas” e “coisa” significam “empreendimento²⁵”, de acordo com o Dicionário Michaelis online, pois compartilham dos traços [ENTIDADE] e [LOCAL ONDE SE REÚNEM AGREMIACÕES].

Ao considerarmos que os elementos de referência das formas referenciais “coisas” e “coisa” estão presentes no corpo do texto, isto é, nas linhas das falas dos interlocutores, podemos inferir que ambas as formas são endofóricas. Diante desse processo de remissão textual, a conectividade e a referência observadas, no trecho em análise, dão-se por retrospecção. Isto quer dizer que a coesão referencial que “coisas” e “coisa” estabelecem com os seus referentes, “espaço de lazer, de cultura” para ambas as formas, acontece por meio da anáfora, ao referir entidades já introduzidas.

A respeito dessa conectividade, verificamos que as formas “coisas” e “coisa” funcionam como sinônimo da expressão “espaço de lazer, de cultura”, que as antecede. Na primeira ocorrência, há uma correspondência direta a esse referente textual, já na

²⁵ <<http://michaelis.uol.com.br>> Disponível em: 05 de abr. 2016

segunda, o reconhecimento do seu referente se dá a partir da identificação da equivalência semântica que a primeira forma estabelece com “espaço de lazer, de cultura”. Como dissemos, no capítulo 3, “a significação pretendida se determina discursivamente de maneira progressiva até a identificação” (MARCUSCHI, 2004, p. 278). Sendo assim, podemos dizer que a relação semântica da sinonímia é fundamentalmente uma continuidade de sentido.

De acordo com as propriedades da coesão textual apontadas por Antunes (2005), essa continuidade de sentido é expressa por meio da reiteração, uma vez que a forma remissiva “coisas” retoma a expressão referencial “espaço de lazer, de cultura”, que por sua vez é retomada por “coisa”, logo mais adiante, quando esta se liga por equivalência semântica ao referente textual da primeira forma. Dessa maneira, a expressão “espaço de lazer, de cultura” é substituída pelos sinônimos “coisas” e “coisa”.

Pelo procedimento coesivo da reiteração, podemos concluir que a variação lexical que ocorre, nesse trecho em análise, dá-se a partir de formas nominais referenciais anáforas que operam retomadas com a presença de correferência sem recategorização, pois as formas “coisas” e “coisa” designam o mesmo referente textual sem, contudo, propor uma nova categorização.

4.2.9 Análise do trecho 06 da entrevista API

ER: Em outras cidades as pessoas falavam muito, assim, de questão de drogas, né, que tá entrando muito aqui no sertão. EO: Sim, sim. ER: Mas, ahn, aqui, me falaram menos das drogas e mais da prostituição. [...] ER: Mas isso, assim, com pessoas muito jovens? EO: Bom, em maioria das vezes. EO: Você pode sentar, ontem na, ontem mesmo quando estávamos conversando... EO: ...chegou quatro jovens, sentaram na mesa ao nosso lado, estavam tomando cerveja. EO: Todos aparentavam ter mais ou menos a minha idade. EO: Entre quinze e catorze anos. ER: Mas aquilo não era prostituição. EO: Não, aquilo era outro caso, já era bebida, mas a prostituição ocorre. EO: É, em festas, essas coisa, ocasiões ou então, ah, vamos supor os cabarés. EO: Existem aqui. ER: Entendi.
--

Nesse trecho 06, o contexto da situação comunicativa em que ocorre a palavra “coisa” é construído com base no questionamento do entrevistador (ER) acerca da

frequência do uso de drogas no sertão, pois, enquanto que em outras cidades as pessoas lhe falavam mais das drogas como sendo mais frequentes no sertão, em Princesa Isabel, é a prostituição que tem maior repercussão. Diante disso, o entrevistado (EO) explica que há ocasiões específicas que levam a práticas de prostituição, como “as festas” e “os cabarés”. Notemos que o EO utiliza o vocábulo “coisa” para fazer referência não apenas a “ocasiões”, seu equivalente textual, mas também aos tipos de ocasiões que representam o ambiente em que ocorre a prostituição na cidade de Princesa Isabel. De acordo com as acepções indicadas no Dicionário *Michaelis* online, esse é um caso em que o termo “coisa” designa “circunstância²⁶”. Nessa compreensão, o EO utiliza de pelo menos dois recursos ao proceder com a substituição lexical: a sinonímia e a hipo/hiperonímia.

Podemos perceber que a forma referencial “coisa” representa, nesse trecho em análise, o referente textual “ocasiões”, de modo que esse referente fica saliente, num primeiro momento. Entendemos que os vocábulos “coisa” e “ocasiões” são sinônimos, uma vez que eles têm uma particular equivalência de sentido, pois são intercambiáveis especialmente nesse contexto. Sobre essa dependência de contexto da sinonímia, Lyons (1979, p. 480) já havia chamado a atenção para o fato de que “mais do que qualquer outra relação de sentido é a sinonímia dependente do contexto”.

Dentro dessa estratégia de ativação de referente, em que a palavra “coisa” funciona como sinônimo do seu referente, podemos perceber também que ela recebe novos referentes textuais, de modo a instaurar uma desfocagem daquele já presente. Com isso, “coisa” passa a exercer função hiperonímica ao fazer referência aos tipos de ocasiões que levam a práticas de prostituição na cidade de Princesa Isabel, como “as festas” e “os cabarés”. De acordo com Tamba-Mecz (2006, p. 110), esse esquema de categorização desempenha dupla função referencial, pois oferece “uma denominação heteronímica ampla, cambiável com uma denominação hiponímica mais estreita”, ao generalizar e especificar entidades de uma mesma categoria.

Segundo Antunes (2005, p. 96), “a substituição de uma unidade lexical por outra é, também, um recurso coesivo, pelo qual se promove a ligação entre dois ou mais segmentos textuais”. Essa rede de sentidos criada ocorre pela retomada de um segmento prévio do texto e pela antecipação do segmento seguinte. De início, pudemos verificar que a palavra “coisa”, ao funcionar como sinônimo, estabelece referência com o

²⁶<<http://michaelis.uol.com.br>> Disponível em 06 de abr. 2016.

elemento “ocasiões”, presente no próprio texto e lançado depois da forma referencial, logo, a referência é endofórica catafórica. Em seguida, observamos que essa mesma forma nominal “coisa” funciona como hiperônimo, uma vez que, equivalente a “ocasiões”, empresta os mesmos hipônimos: “as festas” e “os cabarés”, que antecede e sucede, respectivamente, a palavra “coisa”, sendo assim, essa forma referencial é, ao mesmo tempo, anafórica e catafórica.

Como vimos no capítulo 03, as formas nominais referenciais constituem recursos coesivos dos mais produtivos na construção da textualidade, podendo funcionar tanto como anafóricas quanto como catafóricas. Koch (2011, p. 92) lembra que há casos, como esse do trecho 06, em que essas formas podem ser simultaneamente anafóricas e catafóricas. A autora acrescenta ainda que “quando catafóricas, na maioria dos casos, o referente da expressão nominal é apresentado apenas de maneira vaga”. De fato, o referente “ocasiões”, sinônimo da forma referencial “coisa”, não tem um sentido específico, só depois fica claro em que consiste esse referente, a partir dos hipônimos “as festas” e “os cabarés”.

Nessa ocorrência de fala, portanto, a forma remissiva “coisa”, enquanto sinônimo de “ocasiões”, efetua a retomada referencial ao funcionar como catáfora que correferencia sem recategorização o seu referente textual, e, enquanto hiperônimo, retoma, por anáfora e catáfora, respectivamente, os referentes “as festas” e “os cabarés”, por meio da correferência com recategorização.

4.2.10 Análise do trecho 05 da entrevista BPI

ER: E, e, como é que era o trabalho, assim, do corte de cana?
 EO: Era sofrido.
 EO: E/ era e é.
 EO: Hoje não, hoje o governo tá mais oferecendo mais, ahn, como é que fala, ahn, acobertando mais a gente, né.
 EO: Os trabalhador de corte de cana tá acobertando mais, e ta tendo mais...
 EO: ...cobertura, mais tranquilo, mais conforto.
 EO: Mas, aquele, o tempo que eu fui era sofrido.
 EO: Era cada um por si e Deus por nós todo.
 ER: E a rotina, era o quê, levantava a que horas?
 EO: Me levantava quatro e meia da manhã pra ajeitar as **coisa**, comida, roupa.
 EO: E, ia trabalhar o dia todinho, chegava em casa cinco e meia, seis da tarde.
 EO: Era bem sofrido.

Nessa ocorrência de número 05, o termo “coisa” aparece num contexto marcado pela temática sobre o trabalho realizado no corte da cana-de-açúcar. Ao explicar a rotina de quem atua nessa função, o entrevistado (EO) explica que acordava às quatro e meia da manhã para “ajeitar as coisa, comida, roupa”. Ao dizer isso, ele propõe uma espécie de enumeração das atividades que são executadas em casa antes de iniciar o trabalho na colheita da cana. Essas atividades formam um conjunto, de modo que cada uma delas, na sua especificidade, apresenta os traços [SERVIÇO] e [DOMÉSTICO]. De acordo com o Dicionário *Michaelis* online, esse é um caso em que a palavra “coisa”, na expressão “ajeitar as coisa”, designa “ocupação”, uma vez que os termos “comida” e “roupa”, nesse trecho em análise, denotam os atos de “fazer comida” e “lavar roupa”, respectivamente.

Notemos que o EO parece construir uma relação hierárquica entre “coisa”, “comida” e “roupa”. Essa ligação se dá a partir de um esquema de categorização que propõe que os termos “comida” e “roupa” designem as ações de “fazer comida” e “lavar roupa”, respectivamente, como hipônimos intratextuais do hiperônimo extratextual “serviços domésticos”. Por conseguinte, a expressão “ajeitar as coisa” equivale a “fazer comida” e “lavar roupa”, uma vez que “coisa” reitera os referentes textuais “comida” e “roupa” por meio do procedimento da substituição. Logo, a palavra “coisa” funciona como hipônimo do hiperônimo “serviços domésticos”.

De acordo com Koch (2011), as formas nominais referenciais constituem recursos coesivos dos mais produtivos na construção da textualidade. No caso da forma remissiva “coisa”, nesse trecho em análise, a progressão textual se dá por meio da “introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada” (MARCUSCHI, 2008, 141) dos referentes “fazer comida” e “lavar roupa”. Tendo isso em vista, verificamos que o termo “coisa” estabelece a ligação com seus referentes por meio da catáfora, uma vez que ele refere entidades por prospecção, isto é, lançadas depois.

Koch (2012, p. 92) considera que “quando catafóricas, na maioria dos casos, o referente da expressão nominal é apresentado apenas de maneira vaga, inespecífica”, mas nem sempre isso acontece, pois, como vimos aqui, os referentes da forma referencial “coisa” são mais específicos do que a forma que os correferencia. Além disso, observamos que o artigo “as”, que acompanha o vocábulo “coisa”, funciona como catafórico, pois auxilia na informação subsequente.

Como pudemos perceber, a catáfora ocorre com retomada de elementos que sucedem a forma nominal “coisa”, de modo a propor uma recategorização de seus referentes por meio do procedimento da substituição, ao utilizar o recurso da hiperonímia (“coisa”) para estabelecer a reiteração dos hipônimos cataforizados (“comida” e “roupa”).

4.2.11 Análise do trecho 06 da entrevista BPI

ER: E, e o corte da cana, como é que é assim, se você for, assim, explicar pra uma pessoa como é que funciona, estar lá, assim, pra cortar a cana mesmo?
 ER: O que que tem que fazer, como é que é o procedimento?
 EO: O procedimento lá é assim, a gente, a gente sempre trabalha na produção.
 EO: A gente vai trabalhar, quanto mais fizer mais ganha.
 EO: Aí, a gente tem aquele esforço, né, trabalhar mais
 EO: Que quanto mais trabalhar mais ganha.
 EO: E a gente tem aquele esfroço.
 ER: Uhnrum.
 [...]
 ER: E, e tem acidente, assim, com...
 EO: De trabalho?
 ER: É.
 EO: Tem.
 EO: Eu já fiquei, já fui acidentado duas vez.
 EO: É porque eu tenho cuidado, né.
 EO: Acidentado duas vez.
 EO: Caiu um **coisa** no meu olho até uma vez.
 EO: Passei vinte dia parado.
 ER: Uhnrum.
 ER: E o, o acidente como é que foi?
 EO: Aquele, ahn, aqueles, que a cana ela tem aqueles **coisa**, aquele...
 EO: ...um tipo, é o, chama joçal, uns espinho que tem
 EO: Aquilo quando cai no olho da gente, vixe Maria, tem, é um acidente aquilo.

Nesse trecho 06, a conversação se desenvolve em torno da experiência do entrevistado (EO) no trabalho com o corte da cana-de-açúcar, mais especificamente, o entrevistador (ER) levanta a questão do índice de acidentes na realização desse serviço. Ao relatar uma das ocorrências, o EO conta que ele mesmo já sofreu acidentes enquanto cortava a cana, um desses aconteceu quando “um coisa” caiu em seu olho. Na tentativa de explicar o ocorrido e de indicar com mais precisão o que caiu em seu olho, novamente utiliza a palavra “coisa” ao dizer que o que caiu em seu olho foi “aqueles coisa” que a cana tem. Logo mais adiante, ele denomina o referente da palavra “coisa” como “joçal”, que é um espinho presente na cana-de-açúcar. Dessa maneira, “coisa” é sinônimo de “joçal”.

Tamba-Mecz (2006) chama sinônimas as palavras de sentido quase equivalentes ou, de acordo com Lyons (1979), em função de uma implicação recíproca. Podemos dizer, então, que os vocábulos “coisa₁”, “coisa₂” e “joçal”, nesse trecho em análise, são sinônimos entre si, pois possuem dois níveis de equivalência, a de sentido e a de referência. São equivalentes de sentido porque partilham da propriedade semântica [QUE TEM PONTA], e são equivalentes de referência porque apontam para o mesmo objeto no mundo, isto é, um espinho do tipo joçal.

A autora acrescenta ainda que “os dicionários veiculam os sinônimos não diretamente ao item lexical posto como verbete, mas às diferentes acepções registradas no artigo” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 90). Isto nos lembra a observação que Lyons faz a respeito de todas as relações de sentido, mais especificamente a da sinonímia: “mais do que qualquer outra relação de sentido é a sinonímia dependente de contexto”. Em vista disso é que consideramos a palavra “coisa” sinônima de “objeto²⁷”, segundo o contexto apresentado nesse trecho em análise.

Partindo da observação de que “coisa₁” e “coisa₂” são interpretados a partir da remissão ao item “joçal”, o elo de foricidade entre essas formas nominais e seu referente textual se dá por meio de uma referência endofórica, já que seu referente se acha dentro do texto, e catafórica, porque esse mesmo referente é retomado por propecção.

De acordo com Marcuschi (2013, p. 56), as formas remissivas gramaticais “não têm autonomia referencial”, no entanto entendemos que o artigo indefinido “um”, que acompanha o termo “coisa₁”, funciona como catafórico, uma vez que remete a uma entidade subsequente, e o demonstrativo “aqueles”, que acompanha o termo “coisa₂” é empregado porque não seria possível a substituição por um definido, pois a finalidade é a de manter seu valor referencial. Aliado à função textual desses acompanhantes, as formas remissivas lexicais “coisa₁” e “coisa₂” propõem uma correferência do referente “joçal”, reiterando-o por meio do procedimento da substituição sinonímica.

Assim manifestada a continuidade de sentido nessa ocorrência, é possível concluir que as palavras “coisa₁” e “coisa₂” funcionam como sinônimos catafóricos ao estabelecer uma correferência com o referente textual “joçal”.

²⁷<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=coisa>
> Disponível em 23 de abr. 2016.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dedicamos esta seção à discussão dos resultados obtidos com a presente dissertação, tendo em vista a hipótese que lançamos para o problema desta pesquisa. Centramo-nos, portanto, na discussão dos resultados a que chegamos ao examinar a relação textual-discursiva que o termo “coisa” estabelece com outros elementos presentes no texto ou fora dele, num dado discurso. Consideramos como critérios metodológicos para essa discussão duas dimensões linguísticas importantes no momento de análise das entrevistas que compõem o nosso *corpus*: a coesão lexical e a coesão referencial.

Após a seleção e a análise dos 18 trechos de entrevistas, verificamos que a palavra “coisa” foi empregada 22²⁸ vezes, quer numa relação de sinonímia, de antonímia, de hipo/hiperonímia e de meronímia com seus referentes por meio de relações exofóricas e endofóricas. Assim, no que se refere às relações lexicais, verificamos que a sinonímia é a relação mais recorrente nas entrevistas analisadas, totalizando 13 funções sinonímicas.

Quadro X: Quantitativo de ocorrência das relações lexicais

RELAÇÃO LEXICAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Sinonímia	13	54,2%
Antonímia	02	8,3%
Hiponímia	03	12,5%
Hiperonímia	05	20,8%
Meronímia	01	4,2%
TOTAL	24	100%

Fonte: (próprio autor)

²⁸ Há trechos de entrevistadas analisados em que o termo “coisa” aparece mais de uma vez, ou acontece de um só termo estabelecer, no mesmo trecho, relações lexicais e referenciais diferentes, como no trecho 06 da entrevista AS e no trecho 06 da entrevista API, ou ainda de um só termo funcionar, simultaneamente, como anafórico e catafórico, a exemplo também do trecho 06 da entrevista API. Logo, podemos dizer que o termo “coisa” foi empregado 22 vezes. No entanto, considerando que um mesmo emprego pode ter funções distintas e designar relações diferentes, podemos dizer que 24 foram por estabelecer relações semânticas – sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia – com outros itens do léxico e 25 vezes foi por estabelecer relações referenciais – exofórica e endofórica – com seus referentes textuais. Isso nos leva a afirmar que, nos trechos analisados, o número que quantifica a ocorrência das relações, seja lexical ou referencial, não corresponde ao número de ocorrência da palavra “coisa”.

E no que tange à relação referencial que o termo “coisa” estabelece com seus referentes, observamos que a mais frequente é a endofórica, com 68% dos casos analisados:

Quadro XI: Quantitativo de ocorrência das relações referenciais

RELAÇÃO REFERENCIAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Exofórica	08	32%
Endofórica	17	68%
TOTAL	25	100%

Fonte: (próprio autor)

Com a pretensão de organizar mais claramente essas ocorrências, adotamos também como critério metodológico, não só nesta seção, mas neste capítulo de análise, a divisão entre dois grupos que reúnem ocorrências da palavra “coisa”: i) as de referência exofórica e ii) as de referência endofórica. Nessa disposição, geramos dois quadros que permitem a visualização quantitativa e classificatória das relações lexicais que ocorrem por meio das referências exofóricas e endofóricas. Vejamos o primeiro.

Quadro XII – Número de ocorrência com referência exofórica

REFERÊNCIA	RELAÇÃO LEXICAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Exofórica	Sinonímia	03	37,5%
	Antonímia	01	12,5%
	Hiponímia	02	25%
	Hiperonímia	01	12,5%
	Meronímia	01	12,5%
TOTAL		08	100%

Fonte: (próprio autor)

Das cinco relações consideradas no quadro acima, a sinonímia é a mais regular: num total de 08 empregos do termo “coisa”, ela ocorreu 03 vezes. No segundo quadro, a seguir, que apresenta as ocorrências do termo “coisa” em referência endofórica, a sinonímia continua sendo a mais frequente, funcionando 07 vezes como anáfora e 03 vezes como catáfora, totalizando 10 ocorrências com referência endofórica.

Quadro XIII – Número de ocorrência com referência endofórica

REFERÊNCIA ENDOFÓRICA	RELAÇÃO LEXICAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Anafórica	Sinonímia	07	41,2%
	Antonímia	01	5,9%
	Hiponímia	0	0%
	Hiperonímia	02	11,8%
	Meronímia	0	0%
Catafórica	Sinonímia	03	17,6%
	Antonímia	0	0%
	Hiponímia	01	5,9%
	Hiperonímia	03	17,6%
	Meronímia	0	0%
TOTAL		17	100%

Fonte: (próprio autor)

Mediante as análises e, conseqüentemente, os dados percebidos e sintetizados nos quadros desta seção, podemos inferir que a palavra “coisa” está sempre fazendo referência a algum elemento útil a sua interpretação, num dado contexto, por meio de relações lexicais. No que diz respeito à referência exofórica, os dados mostram que não há uma relação lexical específica que oriente o sentido da palavra “coisa”, mas sim relações diversas, como a sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia e meronímia. Por outro lado, quando a referência é endofórica, há usos mais regulares: a palavra “coisa” funciona como termo anafórico ao estabelecer as relações de sinonímia, antonímia e hiperonímia, e quando a referência é catafórica, seu sentido se estabelece por meio da sinonímia, hiponímia e hiperonímia. Não queremos afirmar, contudo, que em outros contextos, para além dos analisados aqui, a interpretação da palavra “coisa” se dá apenas nestas condições, mas sim queremos considerar que, nos trechos analisados, é com essa caracterização que ela é interpretada e serve de elemento referencial para a continuidade do texto.

Capaz de substituir muitos substantivos na língua, senão todos, a palavra “coisa”, se isolada de contexto, pode significar qualquer coisa, mas, quando inserida no discurso real, estabelece relações de acordo com as condições em que ela é utilizada. Dessa maneira, podemos dizer que a significação que normalmente o dicionário dá à palavra “coisa” é apenas uma parte do que se entende com esse item lexical. Isso nos leva a considerar, com mais veemência a partir desta pesquisa, que os dicionários são

úteis na proporção do número e da variedade de contextos em que a palavra “coisa” é empregada, mas é a textualização que parece ser a responsável por firmar a sua interpretação.

Nas análises feitas, esse item do léxico aparece em contextos que o torna semanticamente ligado ao significado de “conjunto”, “assunto”, “empreendimento”, “condição”, “situação”, “acontecimento”, “atração”, “circunstância”, “realidade”, “objeto” e “ocupação”. Se tomarmos a palavra “coisa” isoladamente, tal como se apresenta em um dicionário, ela pode assumir qualquer um desses significados, continuando na vagueza de seu sentido e, provavelmente, prejudicando a continuidade do discurso. É somente no uso concreto, como nas entrevistas que analisamos, que a palavra “coisa” passa a ter um sentido particular, e só assim podemos avaliar qual a ligação que ocorre entre essa forma nominal e seu referente textual.

No âmbito de nossas análises e, consequentemente, dos dados lançados nos quadros, a ligação por sinonímia é a mais prototípica, dos 22 empregos da palavra “coisa” e das 24 vezes em que ela estabeleceu relações semânticas com outros elementos, 13 foi por meio da sinonímia. Isso significa dizer que em mais da metade dos casos analisados, a palavra “coisa” funcionou como sinônimo, o que corresponde a 54,2% dos empregos:

Quadro XIV: Quantitativo das relações textuais

RELAÇÕES TEXTUAIS	RELAÇÃO LEXICAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Reiteração	Sinonímia	13	54,16%
	Hiponímia	03	12,5%
	Hiperonímia	05	20,83%
Associação	Antonímia	02	8,33%
	Meronímia	01	4,2%
	TOTAL	24	100% (valor aproximado)

Fonte: (próprio autor)

Percebemos, então, que as relações que ocorrem por reiteração, através do procedimento da substituição lexical – sinonímia, hiponímia e hiperonímia – é bem mais frequente do que as que ocorrem por associação – antonímia e meronímia. Isso nos leva a considerar que o termo “coisa” atua 87,5% como forma referencial que retoma

segmentos do texto, e 12,5% como elemento de referência que se liga a outras palavras do texto por meio de campos semânticos.

Tendo em vista que o item lexical “coisa” é comumente apreendido como um termo de significação genérica, podendo fazer remissão a elementos que se encontram dentro ou fora do texto e, além disso, apresentar-se como item que pode substituir outros, numa relação de inclusão, poderíamos pensar que o termo “coisa” funciona mais frequentemente como hiperônimo, já que ele, enquanto termo mais geral, inclui outros mais específicos. Todavia, na perspectiva de uso adotada nesta pesquisa, as análises que fizemos revelam que palavra “coisa”, constantemente, passa por uma transformação em suas propriedades semânticas, isto é, deixa de ser hiperônimo e transforma-se em um sinônimo contextual, por meio do enriquecimento de traços especificadores.

Provavelmente isso aconteceu porque o contexto situacional das entrevistas examinadas determinou o hiperônimo “coisa” no sentido de um de seus hipônimos. Dessa maneira, nos casos em que a palavra “coisa” funciona como sinônimo, é possível definir essa relação de equivalência semântica como hiponímia simétrica, porque o hiperônimo passa a estabelecer uma relação de equivalência com seu hipônimo. Nestes casos, o que observamos é uma relação de sinonímia.

Para demonstrar esse dado, na seção 4.2.6, recuperemos o caso específico do trecho 06 da entrevista AS, a palavra “coisa” é interpretada como sinônimo de “afazeres domésticos”. Isto quer dizer que o termo “coisa” não inclui em sua referência outros elementos que não seja “afazeres domésticos”, e passa a ser tão específico no que tange aos seus componentes de significado, que o entrevistador (ER) não entende outro sentido que não seja o de “afazeres domésticos”. Se compreendida num contexto neutro, a palavra “coisa” pode referir-se a “afazeres domésticos” e, também, a muitas outras ocupações. Todavia, se pensarmos na referência efetiva da palavra “coisa”, no trecho 06 AS, percebemos que ela perde seu caráter superordenado para fazer referência a apenas um de seus possíveis hipônimos, isto é, “afazeres domésticos”. Também percebemos que a propriedade de implicação unilateral não mais se aplica, e o que vemos é uma implicação bilateral ou simétrica. Nesse sentido, além de “coisa” implicar “afazeres domésticos”, “coisa” também implica exclusivamente “afazeres domésticos”. Logo, se a unidade lexical “coisa” se substitui a si mesma, ela é sinônima de si mesma, no mesmo contexto. O que queremos dizer é que o hiperônimo “coisa” incorpora os traços especificadores do seu hipônimo “afazeres domésticos”, pois transmite as mesmas informações ao ER e, portanto, equivale a ele em sentido. Logo, a transformação de

relação hiperonímica para uma relação de sinonímia ocorre à medida que o entrevistado (EO) enfatiza certas propriedades semânticas que são definidas no contexto.

Por outro lado, nesse mesmo trecho de entrevista, é possível observarmos uma típica relação de hiperonímia/hiponímia, a partir das seguintes proposições:

- a) **Arrumar a casa** é um tipo de **afazer doméstico**;
- b) **Fazer o almoço** é um tipo de **afazer doméstico**;
- c) **Cuidar dos irmãos** é um tipo de **afazer doméstico**;
- d) **Lavar a roupa** é um tipo de **afazer doméstico**.

Conforme avaliamos, nesse trecho 06 da entrevista AS, a palavra “coisa” é interpretada como sendo equivalente a “afazeres domésticos”, logo, o fato de aceitarmos as afirmações acima como verdadeiras demonstra que a principal propriedade da relação hiperônimo/hipônimo está preservada, pois os hipônimos **arrumar a casa**, **fazer o almoço**, **cuidar dos irmãos** e **lavar a roupa** implicam o seu hiperônimo “coisa”, que é sinônimo de “afazeres domésticos”. Verdadeiramente entendemos que a propriedade preservada é a da implicação unilateral, isto é, o hipônimo deve implicar seu hiperônimo, mas não o contrário. Dessa maneira, podemos dizer que **arrumar a casa** é um tipo de **afazer doméstico**, ou seja, um tipo de “coisa”, mas afazer doméstico/coisa não implica arrumar a casa, pois pode implicar também **fazer o almoço**, **cuidar dos irmãos** e **lavar roupa**.

Essas informações que vimos discutindo, nesta seção, são geradas a partir da interpretação do sentido que as palavras assumem quando combinadas da forma que foram em cada discurso. Além da combinação entre as unidades do léxico, por meio de relações lexicais diversas, podemos perceber que das 22 vezes em que a palavra “coisa” foi empregada, 21 ocorreu junto a determinantes, isto é, acompanhada de unidades gramaticais. A exceção se encontra na segunda ocorrência do termo “coisa” no trecho 05 da entrevista BP, em que “coisa” sucede a forma verbal “toca”. Mas esse dado não suscita um novo olhar quanto ao emprego da palavra “coisa”, no nosso *corpus*. Além disso, também não temos a pretensão de atribuir unicamente às formas gramaticais a função de delimitar o sentido da palavra “coisa”, uma vez que, mesmo quando elas não aparecem, é possível interpretar o sentido de “coisa”. Contudo, entendemos as formas gramaticais como sendo relevantes para a indicação do objeto a que o termo “coisa” faz referência, contribuindo, pois, na determinação do sentido da palavra “coisa”.

No tocante à vagueza do termo “coisa”, concluímos que, sendo “coisa” um termo muito genérico, ou ainda, de generalização máxima, ele é textualmente usado como sinônimo porque seu sentido é essencialmente construído no contexto. Em princípio, todas as relações de sentido são dependentes do contexto, mas a sinonímia determinada pelo contexto é de particular importância.

Tendo em vista a prototipicidade da relação de sinonímia, que aparece em 54,2% dos casos analisados, entendemos que ela se efetiva como consequência da hiponímia. Talvez o fato de ela ocorrer como consequência dessa relação simétrica sirva de justificativa para a relação hipo/hiperonímia aparecer como a segunda de maior frequência no nosso *corpus*, totalizando 33,3% dos casos analisados. Assim, a sinonímia é a mais recorrente devido a sua maior dependência contextual e a relação hipo/hiperonímia é a segunda mais recorrente porque ela, retomando Lyons (1979), dá origem à sinonímia contextual, uma vez que o contexto situacional do termo hiperônimo o termina no sentido de um dos seus hipônimos. Com isso, a proximidade semântica entre essas relações é menor. Por outro lado, em virtude da concepção de que a palavra “coisa” enquanto termo mais geral inclui outros mais específicos, a relação lexical que menos ocorreu foi a meronímia, totalizando 4,2%, apenas, já que na relação parte/todo há menos hierarquia do que na hiponímia; e a antonímia, que ocorreu 8,3%, consiste na terceira relação mais frequente, cuja ocorrência pode estar ligada ao fato de que a sinonímia e a antonímia são relações bastante diversas.

Concernente a tudo isso, os resultados apontaram que, embora o termo “coisa”, extremamente comum na língua falada, seja frequentemente compreendido como desprovido de toda propriedade categorial distintiva, tem seus sentidos determinados pelas relações que ele estabelece com outros itens do léxico empregados nos discursos que compõem as entrevistas analisadas para esta pesquisa. Nas ocorrências examinadas, as relações lexicais, sobretudo, a sinonímia, agem fazendo com que a palavra “coisa”, ao ser usada numa certa situação comunicativa, deixe de lado o seu caráter vago e passe a ter seus sentidos determinados discursivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciarmos as nossas considerações a respeito dos resultados das análises feitas até o momento, retomamos aqui, algumas informações sobre a realização desta pesquisa. Preliminarmente, lembramos que nosso objeto de investigação é o emprego da palavra “coisa” no *corpus* “O Linguajar do Sertão Paraibano”, que reúne entrevistas orais marcadas por uma organização que geralmente obedece à estrutura ‘perguntas e respostas’. Como recorte desse material, analisamos 18 ocorrências do item lexical “coisa” na fala de 06 entrevistados (EO) que residem na área urbana dos municípios de Sousa, Pombal e Princesa Isabel, sendo 02 entrevistados de cada uma dessas três cidades.

Dado que a palavra “coisa” é considerada como sendo capaz de substituir substantivos da língua, em virtude de sua condição genérica, a nossa questão de pesquisa centra-se na observação do que motiva a interpretação dessa palavra numa dada situação comunicativa. Partimos da hipótese de que os processos de referenciação, mais especificamente o da coesão referencial, envolvidos no emprego da palavra “coisa”, constroem relações semânticas capazes de permitir a sua interpretação.

No tocante à construção dos objetivos desta pesquisa, elaboramos um objetivo geral: investigar a função textual que a palavra “coisa” exerce, na fala dos entrevistados de Sousa, Pombal e Princesa Isabel, quando faz referência a elementos do discurso. Desdobramos, contudo, esse objetivo em outros mais específicos: i) identificar as ocorrências da palavra “coisa” nas entrevistas fornecidas pelo material que adotamos para investigação do nosso objeto de estudo; ii) investigar se a palavra “coisa” faz referência a elementos do discurso; iii) descrever e analisar os sentidos gerados pela

ocorrência da referência (endofórica e/ou exofórica) a outros elementos discursivos por meio da sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia; iv) verificar como tais relações semânticas se constituem em uma característica das ocorrências da palavra “coisa” nas entrevistas do *corpus* selecionado.

Após as análises, foi possível demonstrar que as relações semânticas tornam possível a interpretação da palavra “coisa”, por meio das referências exofórica e endofórica. Trata-se de uma coesão referencial que resulta de uma rede de relações que se criam no texto através de procedimentos que se desdobram em diferentes recursos. De modo geral, a construção de sentido da palavra “coisa” se deve às ligações referenciais que ela estabelece com outros elementos, dentro (endofórica) ou fora (exofórica) do texto, as quais permitem que itens do léxico criem entre si relações de sinonímia, antonímia, hipo/hiperonímia e meronímia. Dessa maneira, o termo “coisa”, ao estabelecer relações semânticas com outras palavras por meio de estratégias referenciais, tem seus sentidos gerados e orientados no discurso. Os entrevistados, ao empregá-lo, numa dada situação discursiva, ora optam por designar ou reiterar algo, pela referência ao mesmo objeto de discurso, ora por definir um objeto a partir do que ele não é, ora por indicar características mais gerais ou abstratas ou mais específicas e concretas, ora por indicar uma percepção de parte-todo.

Dos casos de entrevista analisados, pudemos verificar que a relação lexical mais prototípica que ocorre no emprego da palavra “coisa” é a sinonímia. Isso se efetiva porque as propriedades semânticas da palavra “coisa” passam por uma transformação através do enriquecimento de traços especificadores. Com isso, deixa de funcionar como hiperônimo para funcionar como sinônimo. Em virtude de essas propriedades semânticas serem enfatizadas no contexto, entendemos que a palavra “coisa” é prototipicamente um sinônimo contextual. Por conseguinte, ela é textualmente usada como sinônimo porque seu sentido é essencialmente construído no contexto.

Mais frequentemente, a sinonímia acontece por meio da referência do tipo endofórica, correspondendo a 58,8% dos casos analisados. Desse total, 41,2% é por anáfora e 17,6% é por catáfora. Podemos inferir que o sentido da palavra “coisa” é regularmente construído através da remissão a componentes que aparecem explícitos antes dessa forma nominal. Essa configuração da palavra “coisa” nos apresenta um novo olhar sobre o nosso objeto de estudo: o *status* de vagueza, que lhe é comumente atribuído devido ao seu alto grau de generalização, dá lugar à concepção de que a palavra “coisa” nem sempre significa qualquer coisa e de que é o contexto que

determina a sua significação, uma vez que só podemos julgar o seu sentido quando usada concretamente ao estabelecer relação com outra unidade lexical.

Essas considerações tornam evidente que as relações lexicais estão ‘copresentes’ no discurso, pois, considerando, aqui, o léxico em seu funcionamento discursivo, o estudo do sentido do termo “coisa” ganha relevância porque desmistifica a idéia de que a substituição de qualquer nome pela palavra “coisa” torna vaga a sua informação. O que queremos dizer é que essa substituição não é um simples expediente que os entrevistados usam para evitar a repetição de palavras nem constitui uma simples troca de termos, ainda que a palavra “coisa” funcione como sinônimo. Substituir uma palavra provida de um sentido particular por outra que tem o grau máximo de generalização, como “coisa”, supõe um ato de interpretação, de análise, com o objetivo de expandir ou até mesmo de restringir uma informação anteriormente fornecida ou que ainda será projetada no discurso.

Ao considerar tal análise, os referentes da palavra “coisa” podem ser entendidos como unidades da língua e unidades do discurso. As relações que ocorrem entre a unidade lexical “coisa” e os seus referentes operam de modo que o seu sentido não só é “dependente do conjunto de relações que ele mantém com outros elementos do mesmo sistema lexical mas também como idêntico ao conjunto dessas relações” (LYONS, 1979, p. 471). Assim, podemos inferir que o(s) sentido(s) dos referentes da palavra “coisa” se deve à conjunção dessas duas classes, isto é, do sistema lexical e dos contextos de atualização discursiva.

O exame do CP permitiu-nos entrever que as relações semânticas da antonímia, hipo/hiperonímia, meronímia e, sobretudo, da sinonímia, assumem duas grandes funções na promoção do sentido da palavra “coisa”: i) operam como estratégias referenciais e ii) mobilizam nosso conhecimento de mundo. Chegamos a essa conclusão dado que verificamos que a palavra “coisa” faz remissão a outra(s), anterior ou posterior, próxima ou distante, ou ainda a palavras que não se encontram explícitas no texto. Além disso, essa ligação referencial traz informações sobre variação de ponto de vista (sinonímia), de polaridade (antonímia), de grau hierárquico (hipo/hiperonímia) e de totalidade (meronímia). Em vista disso, comprovamos que a palavra “coisa” atua como elemento de coesão lexical ao funcionar como componente da superfície do texto que faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes a partir do universo textual.

As considerações apresentadas, além de contribuir para uma (re)definição de termos genéricos, como “coisa”, também torna manifesto o valor das relações lexicais

como recursos coesivos que operam concretamente no tocante à continuidade de sentido no percurso do texto. No caso das ocorrências da palavra “coisa” na fala de entrevistados das cidades de Sousa, Pombal e Princesa Isabel, a interpretação de “coisa” surge da coesão referencial que ocorre quando ela funciona como sinônimo, antônimo, hipônimo, hiperônimo e merônimo.

Concluimos que o conjunto das relações lexicais que se estabelecem por meio da palavra “coisa”, em especial, no domínio de nossas análises, promove a continuidade semântica que caracteriza a atividade textual. Cria-se, portanto, uma rede de sentidos que confere uma unidade semântica à palavra “coisa” a partir de seu emprego como estratégia referencial numa situação concreta de comunicação.

Esperamos contribuir para as discussões dentro da semântica lexical e da linguística textual, através da análise que fizemos dos textos que compõem o nosso *corpus* de pesquisa (CP) e das considerações teórico-metodológicas feitas ao longo deste trabalho, tendo em vista o nosso foco nas relações semântico-lexicais e na referenciação na atividade de interpretação textual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BORGES NETO, José. Semântica de modelos. In: MULLER, Ana Lúcia; V. NEGRÃO & FOLTRAN, Maria José (orgs.). **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-46.

BRÉAL, Michel. **Essai de sémantique**. Paris: Hanchette, 1987.

CASTILHO, A. T. (org.). **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CAMBRUSSI, Morgana Fabiola; HOFFMANN, Adriana. Relações lexicais e o efeito de produção de sentido a partir do texto: a sinonímia e a hiperonímia em retomadas anafóricas. In: **Semântica & Ensino**. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2015.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; MORATO, E. M. **Referenciação e discurso**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Expressões referenciais – Uma proposta classificatória**. Campinas, 2003.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas-SP & Londrina-PR: EdUnicamp & EdUEL, 2003.

CRUSE, D. A. **Lexical Semantics**. New York: Cambridge University Press, 1986.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2010.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: BEZERRA, M. A; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais e ensino**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ILARI, RODOLFO. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. – 4ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. – 11. ed. – São Paulo: Ática, 2006.

KATZ, Jerrold (1992). **Semantic theory**. Nova Iorque: Harper & Row.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguagem e cognição**: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. VEREDAS - Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora - MG, v. 6, n.1, p. 29-42, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 7ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011, 168p .

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia, FOLTRAN, Maria José e OLIVEIRA, Roberta Pires (orgs). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. – Editora Contexto, 2004.

_____. **A coesão textual**. 22ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; MORATO, E. M. **Referenciação e discurso**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial; O léxico: lista, rede ou cognição social? In: **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

HALLIDAY, K. & HASSAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, Edusp, 1979.

_____. **Semântica**. In. Língua(gem) e Linguística: uma introdução. Trad. Marilda Winkler Averborg et al. Rio de Janeiro: LTC, 1981, p. 104-133.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia, FOLTRAN, Maria José e OLIVEIRA, Roberta Pires (orgs). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. – Editora Contexto, 2004.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; MORATO, E. M. **Referenciação e discurso**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **A linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 1986.

MONDADA, Lorenza. Gestion du topic et organization de la converstion. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: Unicamp, 2001, pp. 7-36.

_____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; MORATO, E. M. **Referenciação e discurso**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**: approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

MURPHY, M. L. **Semantic Relations and the Lexicon**: Antonymy, Synonymy, and Other Paradigms. Cambridge, 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PIETROFORTE, A.V.S; LOPES, Ivã Carlos. Semântica lexical. In: José Luiz Fiorin (org.). **Introdução à Linguística II – Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2008, 110-135.

POTTIER, Bernard. **Sémantique général**. Paris: PUF, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini et al. – 34ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

STEIN, C. C.; ARAUJO, E. M.; CRUZ, F. C.; SILVA, L. H. P. **O Linguajar do Sertão Paraibano**: Pombal, Princesa Isabel e Sousa - Corpus Urbano. 1. ed. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2013. v. 5.

TAMBA, Mecz Irène. **A semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TRINDADE, Mônica Mano. **Um estudo léxico-conceitual da metonímia**. 2006. 134 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Santa Catarina, Florianópolis.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução a ciência do significado. Trad. J. A. Osório Mateus. – 3ª ed. – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

ANEXOS

ANEXO A: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AS e BS da área urbana de Sousa

Trecho 01 da entrevista AS

ER: Eu queria que você falasse um pouco da cidade, o que é que você sabe da cidade tanto pra apresentar pra gente.

EO: Assim, a cidade de Sousa, no sertão, é conhecida como a cidade sorriso.

EO: Ahn, ela abrange vários monumentos turísticos, como o Vale dos Dinossauros...

EO: ...ahn, também tem o açude de São Gonçalo, que é o, o açude que abastece a cidade...

EO: ...e Cajazeiras e as re/ e as cidades da região, Aparecida, Marisópolis.

EO: Ahn, também tem a igreja da matriz, Bom Jesus...

EO: ...e também, ahn, todo mês de setembro tem a festa da padroeira da cidade, que tá acontecendo agora, é dia oito também.

EO: E, ahn, entre outras **coisas**.

Trecho 02 da entrevista AS

EO: E o povo que é protestante não pode ir por causa da igreja.

EO: Aí fica, 'ah, não sei o quê, eu, eu não posso ir pra festa, porque eu sou crente'.

EO: Aí o outro diz, 'homem, pois então deixa', aí fica um jogando pro lado, pro outro.

EO: E s/ a maioria dos protestantes não, não seguem, assim, faz as **coisas** por baixo dos pano.

Trecho 03 entrevista AS

EO: E o povo que é protestante não pode ir por causa da igreja.

EO: Aí fica, 'ah, não sei o quê, eu, eu não posso ir pra festa, porque eu sou crente'.

EO: Aí o outro diz, 'homem, pois então deixa', aí fica um jogando pro lado, pro outro.

EO: E s/ a maioria dos protestantes não, não seguem, assim, faz as **coisas** por baixo dos pano.

Trecho 04 da entrevista AS

ER: Aí quer dizer que não se escuta mais aquele forró //antigamente, que é o forró pé de serra?

[...]

EO: Não escuta mais. Só Garota Safada, Aviões, Forró dos Plays, essas **coisa**.

Trecho 05 da entrevista AS

ER: Qual, o que é que tu acha desse forró de hoje?

EO: Assim, eu acho muito pejorativo.

EO: Tem algumas músicas, assim, que dá pra escapar, mas a maioria delas é f/...
 EO: ...falando mal de alguma **coisa**...
 EO: Isso eu acho ridículo.
 EO: Tem música que eu não gosto.

Trecho 06 da entrevista AS

ER: Como é que a tua mãe te falava, que era a vida dela quando criança, quando adolescente...
 ER: ...e depois se tu pudesse falar como é que é um pouco da tua vida hoje.
 EO: Na maio/ ahn, na maioria das vezes, quando ela era pequena, ela costumava ajudar minha avó...
 EO: ...nos afazeres de casa, nos avarej/ nos afazeres doméstico.
 EO: Ajudar, fazer as **coisa**, assim, arrumar a casa, fazer almoço, cuidar os irmãos, lavar roupa...
 EO: ...e também, ahn, sempre isso era tarefa das meninas.
 EO: Já dos meninos eram ajudar o pai na roça.

Trecho 07 da entrevista AS

EO: A mesma **coisa** que minha avó passou pra minha mãe, ela passou pra mim.
 EO: Sim, ela, ela diz que a, ahn, com estudo a gente consegue tudo que a gente quer.
 EO: Igual a ela, ela conseguiu s/ ser alguém...
 EO: ...ter um emprego dela, cuidar da vida dela, cuidar da casa dela, da família dela sem precisar de passar por necessidade.

Trecho 08 da entrevista AS

ER: E hoje, como é que, como é que é a tua vida?
 Não só a tua, como das tuas amigas, tal, essa coisa de ajudar em casa, de mulher mesmo?
 EO: Não, assim, ahn, toda vez quando eu chego da escola, sempre tem as **coisa** pra fazer, porque como meu pai e minha mãe trabalha, quem cuida da casa sou eu.
 EO: Aí, eu faço as **coisas** assim quando eu chego da escola já pra dar tempo pra eu ir fa/ pro cursinho...
 EO: ...e na, e pela noite eu vou pra calçada, converso com minhas amigas um pedaço, aí volto, vou estudar...
 EO: ...pra depois dormir pra vir na escola todo dia, assim vai.

Trecho 09 da entrevista AS

ER: Quando a gente tá fazendo aí entrevistas por aí, o pessoal fala muito de família, né.
 ER: E aí a gente percebe que a família é como se fosse uma espécie de brasão, assim...
 ER: ...'ah, Fulano de tal, da família, família Castro', né, por exemplo.
 ER: E como é que é isso aqui em Sousa, ainda tem essa, essa, essa questão?

EO: Tem, tem, assim, porque, ahn, os pais hoje em dia têm muito medo.
 EO: Aí, eles acham, assim, que sabendo de onde eles ve/ ahn...
 EO: ...eles vieram, é melhor a pessoa saber que tipo de pessoa ele tava lidando.
 EO: Se vier duma família ruim, é lógico que eles vão pensar o quê?
 EO: 'Ah, vai desviar minha filha pro lugar ruim'.
 EO: E se n/ é uma **coisa** que nenhum pai quer pra pessoa.
 EO: Aí, sempre eles buscam saber de que família é, de onde é, se estuda, se trabalha.

Trecho 10 da entrevista AS

EO: Porque nenhum pai quer que sua filha sofra.
 EO: Aí, então, eles vão atrás de saber tudo, onde é, onde mora.
 EO: Apesar de não ser um, um namoro, assim, de chegar o, o namorado e pedir ao pai...
 EO: ...mas ele sempre quer saber de onde eles são, de que família é, de, essas **coisas**.

Trecho 11 da entrevista AS

EO: Porque o tipo de roupa que se usa hoje, que a gente nota uma diferença enorme, né.
 EO: É, que ante era nos pés.
 ER: Pois é.
 EO: Usava roupa nos pés, porque não podia mostrar o corpo pra não acontecer as **coisas** que hoje acontece muito.
 EO: Que é, aqui em Sousa, antes não existia negócio de estupro, essas **coisas** assim, não, tipo não.
 ER: Sei.
 EO: Eu acho que isso começou por causa disso mesmo.
 EO: Por usar mai/ roupa mais curtas...
 EO: ...e andar por aí, porque ninguém anda assim de ônibus, de moto, não, a maioria anda a pé aqui pra todo canto.
 EO: Aí sempre tem aquela pessoa que tem a le/ a mente maliciosa.
 EO: Aí isso acaba com que, ahn, aquilo...
 EO: ...ele vendo aquela menina passando com aquela roupa, ele vai idealizar alguma **coisa** com ela.
 EO: Aí eu acho que isso acarretou trazer mais esses tipo de **coisa**, de estupro, de...

Trecho 12 da entrevista AS

ER: O que é que tu acha do, da, dessas roupas, do tipo de roupa que essa mulherada usa, o que é que tu pensa a respeito disso?
 EO: Assim, isso depende de cada um.
 EO: Eu acho assim, porque se um pensa assim, tem outro que pensa já outra **coisa**.

Trecho 13 da entrevista AS

EO: Assim, eu acho que mudou muito, mas, não assim, no modo de, porque antes res/ era muito respeito...
 EO: ...se entrasse num canto pedia licença...
 EO: ...pedia a bênção à mãe na hora de dormir, tinha que rezar, essas **coisas**, assim, antigamente.

Trecho 01 da entrevista BS

ER1: Ahn, eu queria que você falasse aqui pra gente sobre, o que é que você sabe aqui de Sousa, assim, uma, uma, um panaroma geral // de Sousa?
 ER2: Panaroma geral?
 EO: Assim, a cidade de Sousa é uma cidade tranquila, né.
 EO: Cidade onde todo mundo se conhece, cidade pequena, né...
 EO: ...interior da Paraíba, assim.
 EO: Muito pequena, uma, uma cidade que eu gosto muito aqui, mora/ most/ moro aqui durante muito tempo, já.
 EO: Nasci aqui.
 EO: Ahn, a cidade de Sousa, assim, pelo que eu conheço, ela...
 EO: ...tem a maior, ahn, extensão de pegadas, né.
 [...]
 ER: Pegadas de?
 EO: De dinossauros.
 EO: A maior extensão de pegadas de dinossauros tem aqui em Sousa, é uma cidade muit/ muito famosa por causa disso.
 EO: É tanto que tudo que tem aqui na cidade é em relação a dinossauro, né, o time de Sousa, o símbolo é um dinossauro.
 EO: Ahn, um mercado, ahn, os, tem uns mercados, um supermercado, mercado di/ supermercado Dinossauro, entendeu.
 EO: Tudo é relacionado a dinossauro, né, muita **coisa** é relacionado a dinossauro.
 EO: É interessante isso porque...
 EO: ...justamente, por causa da, das pegadas, né.
 EO: Também tem a questão, também, ahn, da igreja da matriz...
 EO: ...que é um patrimônio histórico da nossa cidade.

Trecho 02 da entrevista BS

ER: Cê já f/ foi lá no // no vale?
 EO: Já.
 ER: Você foi em que época?
 EO: Eu fui muito, eu já fui esse ano, já fui esse ano lá.
 EO: Né, e lá agora tá muito, não tá muito preservado, tá um pouco desgastado lá, as **coisa**, as pontes que você passa lá pra o // outro lado.
 ER: Aí, assim, você foi na, na época...
 ER: ...assim, se você foi nas duas épocas, na época que tava tudo // organizado...
 E: Fui.
 EO: Fui na época que tava organizado e fui há pouco tempo, agora.

EO: Na época que tava organizado, foi logo quando começaram a trabalhar lá, começar a investir lá no vale dinossauro.
 EO: Tava muito bom, era muito bonito, né.
 EO: Muito visitado.
 EO: Todas as famílias, final de semana, 'ih, vamos no vale do dinossauro?', aí, todo mundo ia no fin/ lá no final de semana, achava muito bonito, que lá é muito...
 EO: ...natureza lá, florestas, assim, lá, ahn, perto, lá, assim.
 EO: Muito bonito lá, é um lugar muito bonito.
 EO: Cheio de animais, assim.
 EO: S/ os macaquinho que o povo chama de sal/ sagui, né.
 EO: Muito bonito lá, o lugar.
 EO: Mas, agora tá, tá um pouco menos, tá um pouco mais...
 EO: ...desgastado, até as pegadas em si mesmo...

Trecho 03 da entrevista BS

ER: Quem é que toma conta de lá, do, do vale, é o governo?
 EO: Bem, é.
 EO: É a prefeitura que dá uma ajuda, o governo também dá uma ajuda, também, mas, aquele negócio...
 EO: ...é um querendo, né, passar por cima do outro, aí, no final das conta, ninguém ajuda em nada, né, fica aquela **coisa**, aquela competição e no final ninguém ajuda em nada.
 ER: Como é que é um, o, o dia a dia, assim, de um jovem, como é que é a rotina de um jovem, assim, o dia do, do jovem aqui?
 EO: Ahn, eu pelo menos, eu...
 EO: ...moro muito longe, a escola é um, muito longa pra mim.
 EO: Acordo cedo, tem que acordar cedo pra dar tempo vir pra escola, eu venho pra escola, termino a escola...
 EO: ...umas atividades, alguma **coisa**, depois vou na casa do meus amigos, tal, mas...

Trecho 04 da entrevista BS

ER: Ahn, o pessoal é jovem e já compra moto ou é alguém que compra // pra eles?
 EO: Não, são os pais, né.
 [...]
 EO: A gente costuma dizer que são os filhos de papai, né...
 EO: ...que têm uma moto, que pode sair.
 EO: Saem de noite de moto, vão pra onde quiser, faz o que quiser, né.
 EO: Pula os quebra-mola. [risos]
 EO: Querem ser aqueles motociclista, aí.
 EO: É aquelas **coisa**, assim.

Trecho 05 da entrevista BS

ER: ...e ele disse que aqui tem muito, assim, de muito engenho, rapadura, o pessoal faz muito, essas // coisas.
 EO: É.
 EO: Olhe, aqui, aqui tem muitos, muitos engenho de rapa/ de p/ ahn...
 EO: ...rapadura, de, [estalo] como é que chama, quebra-queixo, o pessoal chama.
 EO: Tem muito vendedor de quebra-queixo.
 ER: Quebra-queixo?
 EO: Quebra-queixo é um docinho feito com coco e com...
 [...]
 EO: Aí, tem também, ahn, muitos docinho que se fabrica aqui, que vende muito aqui, sabe.
 EO: Tem um outro chamado, ahn...
 EO: ...esqueci agora, carolina.
 EO: Já ouviu falar em carolina?
 EO: Um docinho chamado carolina...
 EO: ...o pessoal faz muito por aqui.
 [...]
 ER: E // o pessoal tem mania, assim, de comer muita rapadura aqui?
 EO: Mas agora... Tem, rapadura, alfenim também, rapadura, alfenim, ahn...
 ER: Alfenim?
 EO: Alfenim é outro tipo de, de, é um ou/ é como fosse um, ahn, é feito com...
 EO: ...parece que é com, com massa d/ é com a massa de trigo, parece, uma **coisa** assim.
 EO: Você f/ aproveita, não sei bem exatamente como é, mas é bem gostoso, assim, o alfenim, ahn, eu a/ eu ainda gosto mais do alfenim do que da rapadura.
 EO: Mas o pessoal tem muito costume de comer esses doce por aqui.

Trecho 06 da entrevista BS

EO: Mas a escola é muito boa.
 EO: A educação aqui que, ahn, a escola transmite é muito boa.
 EO: Os professores são maravilhosos, né.
 EO: Aí, vai depender de quem quiser aprender, né, alguma **coisa**.
 EO: A escola é muito boa, ahn, a escola oferece muita educação, aí, vai bastar...
 EO: ...vai que/ vai que/ vai, ahn, depender de quem quiser aprender, né, a, essa educação, né.

Trecho 07 da entrevista BS

ER: ...aí, você vê diferença, por exemplo, no passado, como era pro pessoal da zona rural?
 EO: Vejo, muita diferença, a dificuldade era imensas.
 EO: É tanto que aconteceu um acidente aqui, um pau de arara, que mata/ se eu não tou enganado, mato/ ma/ ahn...
 EO: ...ocorreu que de matarem treze crianças.
 EO: Treze jovens, né.

EO: Decaparam a cabeça, braços e membros, nesses acidente.
 EO: Tavam num pau-de-arara, veio um ônibus e colidiu com eles.
 EO: É tanto que, n/ nisso foi que foi inves/ ahn, já tava sendo investido muito, muito nessa área de transporte para os alunos.
 EO: Mas, depois desses acidente, essas **coisa** que forem, foram acontecendo...
 EO: ...aí eles começaram a investir mais e ter mais, né, cuidado, né.
 EO: Porque treze jovens morrerem assim, né, não é pouca **coisa**.

Trecho 08 da entrevista BS

ER: Tem muitos acidentes aqui, com fogos de artifício, essas coisas?
 EO: Tem alguns, tem alguns.
 EO: Ma/ muitos, não, mais tem alguns, né.
 EO: Mais com crianças, né, que vão tentar, os pais não orienta, aí, vão soltar fogos de tamanho porte, aí...
 EO: ...às vez perde um dedo, perde alguma **coisa**.
 EO: E fora, também no São João, às vezes tem gente que bebe...
 EO: ...e vão soltar os fogos de maneira errada.
 EO: Como um, um, um rapaz soltou um foguete ao contrário, né.
 EO: Perdeu três dedos.

Trecho 09 da entrevista BS

ER: ...e co/ o que acontece com quem entra na universidade, se forma, se o pessoal continua aqui, se o pessoal viaja.
 Bem, aqui tem emprego, assim, ma/ não é muito, mas tem emprego pra alguns, né, o, agora os empregos que tem são mais bicos, né, assim, que chamados bicos, né.
 [...]
 EO: ...vai trabalhar mais de bicos, assim, ajudando, assim, alguma, um mercado, alguma loja de venda de roupas, alguma **coisa**, assim.

Trecho 10 da entrevista BS

ER: Você que quer fazer psicologia, quais os seus planos?
 EO: Eu queria que eu, se pudesse, né...
 EO: ...eu queria ficar por aqui por perto.
 EO: Queria, não queria sair daqui da região, até porque eu não tenho muitas condições de ir pra lá, né.
 EO: Queria ficar por aqui...
 EO: ...porque cê sabe, tem muitas despesas de, quero, às vezes você quer visitar sua mãe, ou final de semana, alguma **coisa** e tem muitas despesas das viagens, né, de cá pra lá.
 EO: Aí, eu queria tentar, tivesse psicologia por aqui por perto, mas infelizmente só tem particular, né.
 EO: Eu não tenho condições particular, pagar particular, então...
 EO: ...é muito complicado.

EO: Eu penso em fazer psicologia, mas, ahn
 EO: tem **coisas** que, [risos] m/ n/ na minha mente que eu fico pensando que fazem com que...
 EO: ...eu esqueça de fazer psicologia, assim...
 EO: ...não tento mais fazer, por causa justamente, por causa da distância, né.

Trecho 11 da entrevista BS

E: Algumas bairros que são muito violentos, assim.
 EO: Não é mui/ a cidade não é muita violenta, mas esses bairros...
 EO: ...geralmente ta/ ocasionam muita, muita violência, o pessoal...
 EO: ...muita droga, né, muita **coisa**, assim, ocorre, sim.
 EO: Como toda cidade tem sempre um pouco de violência, e de droga, ou a/ algo parecido, né.
 EO: Então, a cidade de Sousa, ela...
 EO: ...não é em todo lugar, né, é dividida, essa violência ela é mais na/ nessas áreas, assim.
 EO: Como se fosse, é como se fossem favelas, né, mas não é fa/ é tipo uma favela, assim, né.
 EO: Aí, lá se concentram bem mais violência e bem mais uso de drogas, assim.
 ER: Ahn, questão de assalto?
 ER: Porque, assim, lá em João Pessoa
 EO: ...ahn, celular, você não pode deixar na rua à mostra.
 ER: Ahn, naquela tensão de a qualquer momento ser assaltado, como é que é aqui em // Sousa isso?
 EO: Aqui também, aqui, assim, em questão de celular, você tá posando com celular, então...
 EO: ...ahn, é só pra querer que roubem, né, o seu celular.
 EO: Geralmente, tem o costume também, a gente tem o costume de se sentar, assim...
 EO: ...ficar na calçada mais os colegas conversando...
 EO: ...e se você ficar com celular na mão, é m/ é, é até chamando os ladrões, né...
 EO: ...eles chegam lá, de bicicleta, lá e geralmente vêm armados, né.
 EO: Ou de faca, ou de alguma, revólver ou alguma **coisa**.

Trecho 12 da entrevista BS

EO: Agora, o interessante é que a droga, na/ aqui na cidade...
 EO: ...ela se tornou uma, ahn, se tornou uma **coisa** para, mais pra pessoa que tem dinheiro, né.
 EO: Interessante porque não vai f/ mais variar, não vai ser mais aquela **coisa**...
 EO: ...do pobre, que só o pobre usa droga, só os são dogra/drogados, né.
 EO: Mas, ahn, agora já v/ a gente já vê também que tem muitos, ahn, riquinhos, aí, filhinhos de papai, como se diz...
 EO: ...que já tão usando droga, aí, e já tão se perdendo, também.
 EO: Antes não existia isso, né, o pessoal já costumava discriminar quem era pobre, 'então, usa drogas, né'...
 EO: ...favela, alguma **coisa** parecida...
 EO: ...já é da violência, né.

ANEXO B: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas AP e BP da área urbana de Pombal

Trecho 01 da entrevista AP

ER: E outra história também que eu fiquei sabendo aqui da cidade é sobre a Cruz da Menina.

EO: Bem, sobre a Cruz da Menina eu não vou dizer muita **coisa**, porque eu não conheço a história, sabe.

EO: Não sei se é porque eu não me interessei, mas, e, eu não conheço a história da Cruz da Menina, não.

EO: Apenas diz que era uma criança que a, a madrasta maltratava muito ela, né, e...

EO: ...e aconteceu essas **coisa** lá no vale do, do, do, do, dos Pereiro.

EO: Eu não sei contar muita **coisa**, não, apenas isso.

EO: Mas tem gente, muita gente que sabe contar a história.

EO: Agora, pra cê contar uma história cê tem que contar uma his/ uma história verídica, né...

EO: ...verdadeira, porque sem emendar...

EO: ...como a história, você conta uma **coisa** aqui e vai, vai saindo na última, ninguém sabe nem qual foi o da primeira.

EO: Aí não compensa nem cê falar.

Trecho 02 da entrevista AP

ER: O que o senhor poderia falar sobre a evolução da cidade?

[...]

EO: Mas, sobre essa relação da, da, do crescimento...

EO: ...eu não tenho muita **coisa** pra dizer, porque eu passei muito tempo fora, mas parcelado.

[...]

EO: Agora, que tá melhorando muito, melhorou muito, muito, muito, muito mesmo.

EO: Hoje a atual P/ Pombal é, é, é outra **coisa**, é, a, a...

EO: ...um, e a infraestrutura em termo P/ de Pombal, em relação aos anos antigo tá muito boa.

EO: Tá de, de fazer inveja.

EO: A água, por exemplo.

[...]

EO: No, no inverno, naquela época parece que não tinha, tinha água mineral só em garrafa, não tinha água mineral que tem hoje, né.

Trecho 03 da entrevista AP

ER: ...ahn, ahn, como é que se diz, incentivo das autoridade pra botar a fábrica de Coca-Cola aqui.

EO: Eles queriam botar.

EO: Faz tempo isso, isso é **coisa** velha que adianta mais nem falar.

Trecho 04 da entrevista AP

ER: E o senhor chegou a administrar o cinema?

EO: Cheguei, eu e um irmão meu, tinha n/ eros, nós éramos seis, inclusive eu tenho...

EO: ...uma irmã que é professora lá na faculdade de enfermagem.

EO: Agora, ela faz parte enf/ ela é convidada pra muitas **coisa** por aí, não sei nem dizer o que é, que é tanta **coisa** que ela diz que vai, que eu não sei nem o que é.

Trecho 05 da entrevista AP

EO: ...eu tava administrando o cinema já se/ pela segunda vez, tava assistin/ a gente pela televisão...

EO: ...e começou a passar a propagando do filme, ahn, do, como é...

EO: ...segunda-feira, não, na segunda, que é, como é o nome do programa, ahn...

EO: ...ahn, ahn, um filme que fil/ e passa, Tela Quente.

EO: Aí, passando um filme que nós íamos passar à noite no mesmo horário, eu digo, pelo amor de Deus, aí liguei pra firma.

EO: Não, não tem condição, 'não, mas não sei o quê, o filme já tá aí, tem, é diferente de, de, de televisão pra ci/', é...

EO: ...pra quem, pra quem não tem, nã/ pra quem tem dinheiro, mas pra quem não tem, ahn, a diferença é grande.

EO: Que cê vai pagar, o outro cê não vai pagar, cê vai assistir em casa do...

EO: ...da maneira (XX), aí veio, continuou, aí veio outras **coisa**, pronto.

Trecho 06 da entrevista AP

EO: Pois é, aq/ cinemascopo é daquele jeito.

EO: Você colocando um televisor...

EO: ...antigo, aqui, e um televisor no/ antigo não, televisor comum, mas sendo só quadrado, aí coloca o outro, não dá diferença?

EO: A tela, a tela comprida, aberta?

EO: Pois é, era assim, cinema também é do mesmo jeito, eles faziam assim, mas dividiu em lentes.

EO: Hoje não, eles divide em outras cois/ deve ter outras **coisa** aí pra dividir.

Trecho 07 da entrevista AP

EO: E no final, agora foi, ahn, nessa época eu, eu arranhava o cavaquinho.

EO: Quando foi agora, e/ eu depois a gente formou um regionalzinho, de seresta, quando surgiu...

EO: ...a seresta, porque foi, todo mundo tava em seresta, a gente fez, formamos um regionalzinho de seresta.

EO: Mas não era essas **coisa** toda, não, somente brincava, e...

EO: ...tocava na sexta-feira só pra ver se ganhava um dinheirinho pra ajudar na...

EO: ...no almoço do sábado, no fim de semana, [pigarro] sabe.

Trecho 08 da entrevista AP

ER: A população, ahn, assistia muitos, os filmes, como // era?

EO: Ass// assistia, não, os filme aqui...

EO: ...era direto, tinha os dias, por exemplo, fim de semana era duas sessões cada filme, passava du/ duas sessões.

ER: E o senhor chegou a administrar o cinema?

EO: Cheguei, eu e um irmão meu, tinha n/ eros, nós éramos seis, inclusive eu tenho...

EO: ...uma irmã que é professora lá na faculdade de enfermagem.

[...]

ER: E, ahn, ficamos sabendo que o senhor também teve, ahn, envolvimento com a música aqui na cidade, aqui.

EO: Quando eu era novo, né, que era rapazinho, eu tinha um saxofone, eu leva/ estudava em Campina, estudei...

EO: ...Campina e/ eu estudei no, na Prata, primeiro ano científico na Prata, isso em sessenta e um, sessenta e dois.

EO: Mas o, a, a Prata, o, o, meu estudo aqui não era, não dava pra...

EO: ...pra chegar lá não, sabe, aí eu fui, fui fazer o técnico em contabilidade, aí fiz o técnico em contabilidade em Campina, terminei por aqui, mas comecei lá.

EO: Aí, a gente tinha, quando eu voltei, aí eu me casei, a gente não tinha o que fazer, a situação (XX), 'aí, rapaz, vamos'...

EO: ...'vamos formar um regionalzinho?', 'embora', aliás...

EO: ...desse, desse pessoal que a gente formou um regionalzinho já morreu uns três ou quatro já.

EO: E no final, agora foi, ahn, nessa época eu, eu arranhava o cavaquinho.

EO: Quando foi agora, e/ eu depois a gente formou um regionalzinho, de seresta, quando surgiu...

EO: ...a seresta, porque foi, todo mundo tava em seresta, a gente fez, formamos um regionalzinho de seresta.

[...]

EO: Mas aí, seresta começou a cair também, aí também desistiu, os instrumento tão lá em casa.

EO: Só não sabe, não tem quem toque, mas tem lá um bocado.

EO: Eu tenho um regional de seresta lá em casa, mas não tem quem toque.

EO: Nem eu não pego, faz mais de doze ano que eu não pego em instrumento nenhum.

ER: Tá tudo parado?

EO: Parado, às vez aqui a colá eu pego, é muito dif/ eu não tenho tempo.

EO: Cê vê que já sou aposentado, mas não, não tenho tempo pra essas **coisa**, porque eu trabalho...

EO: ...ahn, a manhã até uma hora, uma e meia, todo dia, à tarde ainda vou trabalhar ainda, aí, quando é no sábado e no domingo, ahn, aí eu...

EO: ...eu não vou pegar em instrumento, eu vou, ahn, é brincar com a minha família, com os amigo e tudo.

Trecho 09 da entrevista AP

EO: Porque o clarinete, ele é lindo demais, inclusive o sax é bom, muito bom, bom, depois do clarinete vem o sax.

EO: Não é instrumento difícil, difícil é o violão, o instrumento mais difícil do mundo é o violão...

EO: ...quanto mais você aprende, mais tem **coisa** pra cê aprender.

Trecho 10 da entrevista AP

ER: Ahn, e vocês tocavam por partitura // ou...

EO: Não, não, tocava de ouvido.

EO: A gente ensaiava bem direitinho, fazia a relações de, de, da seresta...

[...]

EO: Eu tenho, eu tenho, ahn, ahn, a última vez que a gente se encontrou fez vinte anos, no batizado de uma menina minha.

[...]

EO: Que era, a gente tinha uma, uma espécie, não era sociedade, uma espécie de sociedade de quinze casais.

EO: Esses quinze casais, a gente festejava os aniversário de quinze em quinze dias...

EO: ...de cada um, por exemplo, cinco, aniversari/ a/ ficou, aniversariou do dia um ao dia quinze, a gente ia prum clube, ia brincar.

EO: Não pagava nada a ninguém, ninguém recolhia dinheiro de ninguém, apenas...

EO: ...você ia e levava o que você podia levar, um tira-gosto ou bebida, bom, a gente passava a noite brincando.

EO: Nos quinze dia do outro não tinha presente também, e a gente levava o conjunto pra passar a noite todinha brincando, cantando.

EO: Só ia a gente, não tinha outra...

EO: Tinha muita gente que queria entrar...

EO: ...não entrava, não, só entrava, era mesmo que a maçonaria, só entrava se todos concordasse.

EO: Um ex-prefeito nosso queria entrar, ahn, Atêncio Bezerra Wanderley, um bom prefeito, família muito boa...

EO: ...mas, e lá outra **coisa**, lá não tinha política, não se fala/ tem...

EO: ...gente de todos os partidos, mas política, entrou ali dentro acabou-se a política, ninguém fala em política.

EO: Aí, a gente não, não deixava gente político entrar...

EO: Agora tinha médico, tinha guarda rodoviário, tinha mecânico, eletricista.

EO: Médico tinha dois, tinha advogado, fazia parte do, da sociedade... quer dizer que a gente não precisava de chamar outro advogado, agora, quando alguém precisava de um advogado, precisava de um médico eles atendia a gente.

EO: Sem a gente pagar nada, era uma sociedade.

EO: Aí, chamava-se Os Amantes da Música...

Trecho 01 da entrevista BP

ER: Eu queria conhecer um pouco sobre a cidade aqui de Pombal.

ER: E mais especialmente essas festividades do Rosário...

ER: ...né, que eu sei que o senhor é bastante envolvido, né.

EO: Ahn, ahn, o meu envolvimento sobre a Festa do Rosário foi em setenta e sete, quando criança, muito criança.

[...]

EO: ...se apresentamos no, na calçada de Nossa Senhora do Rosário.
 EO: Com relação ao folclore...
 EO: ...ahn, as festividade começou daí.
 ER: E como é que é a festa?
 EO: A festa, ahh, pra mim, ahh, nessa data é uma **coisa** muito importante que a gente tem.
 EO: Pois já vem na família da gente há muitos anos.

Trecho 02 da entrevista BP

ER: E essa festividade, assim, pra gente, ahh, ahh, descrever a festa, assim, completa...
 ER: ...como é que começa?
 EO: Ahh, a primeira **coisa**, abertura da, na festa é o hasteamento da bandeira.
 EO: Ahh, que é a abertura da festa.
 EO: Depois do estriamento da bandeira vêm nove noite de novenas.
 EO: As nove noite de novenas.
 EO: Ahh, após as nove noite de novenas, aí o domingo do Rosário, que é o encerramento.
 EO: As festividades enc/ ahh, depois do domingo do Rosário tem a procissão de tarde.
 EO: É a última procissão, aí é o encerramento.
 EO: São nove noites.

Trecho 03 da entrevista BP

ER: Aí, no domingo de manhã, que horas que começa?
 EO: Ahh, varia um pouco, ahh, um pouco, e até mais tarde, né, mas a hora de sair s/ de, de sete a oito horas tá saindo da casa do rosário pra vir à igreja de Nossa Senhora do Rosário...
 EO: ...por causa da quentura...
 EO: ...aí, o padre fez com que viesse sair mais cedo.
 EO: Procissão fosse mais cedo, mas ia até, o tempo de padre Solón, ia até...
 EO: ...até nove, dez, onze horas, até ultrapassava os limites.
 ER: Uhnrum.
 EO: A **coisa**, o pessoal ia porque a fé muito grande, o pessoal tem.

Trecho 04 da entrevista BP

ER: Aí, vem um, também uma banda cabaçal?
 EO: É a banda que toca para os Pontões.
 ER: Como é que é essa banda, que tipo de instrumento que ela tem?
 EO: Ela é um fole de oito baixo...
 EO: ...ahn, um zabumba...
 EO: ...uma caixa, um taró, um triângulo e os pratos, pra ficar assim.
 EO: Antigo, os mais antigo...
 EO: ...não eram assim, eu imagino que fosse **coisa** mais simples, né.
 EO: Mas aí com a modificação, pois so/ ahh, porque era tudo pele de, de animais, né,

de pele de animais.

EO: Hoje é nylon, porque...

EO: ...durante o tempo as, as **coisa** se modifica um pouco, né.

EO: Ahn, são esses instrumentos.

ER: Certo.

ER: E pífano, que eu esqueci.

EO: Um pífano também.

Trecho 05 da entrevista BP

ER: Ahn, essa, ahn, e te/ vocês têm alguma música específica, assim, pra cantar durante a procissão, ou, ou não canta nada?

EO: Não, não é cantar, os Congos cantam, né.

EO: Mas os Pontões toca, ahn, a música específica pra, pra acompanhar a procissão é dobrado.

EO: Ahn, o dobrado acompanha e valsa.

EO: Ahn, acompanha a procissão, e pode entrar na igreja também tocando.

EO: São músicas, ahn, que não são pra dançar, ahn, acompanhado, eles têm aquela dancinha, mas é uma **coisa** muito respeitosa, né.

EO: Agora, lá fora, na calçada, no patamar da igreja, como chamado...

EO: ...aí, eles toca **coisa** mais quente, e os Pontões dançam.

Trecho 06 da entrevista BP

EO: ...a band/ que tocam a bandinha, eles não se veste com o mesmo traje, com a saia, com a saia.

EO: E os Pontões é tudo calça e camisa, os Congo, não, os dançadores são de saia, né.

EO: O, o tocador já se veste de calça, se veste, faz aquele papangu, aquelas **coisa** diferente, né.

Trecho 07 da entrevista BP

EO: ...começou a angariar recurso pra vestir os Pontões, e começou a vestir, fardar os Pontões, mas eles se vestiam, assim, de qualquer **coisa**, qualquer jeito.

EO: E apresentava.

EO: Porque se fosse depender de um fardamento específico, aí, era muito difícil na época. Eles não podia nem entrar na igreja.

EO: Os senhores, segundo o, o que falam, depois, de, de, de um certo tempo começou a vestir aqueles negro por achar bonito aquela maneira deles dançar.

Trecho 08 da entrevista BP

ER:...ahn, existe, assim, alguma, vocês percebem, assim, alguma influência das religiões af/ africanas, dos ancestrais, alguma coisa assim?

ER: Como que é essa situação?

EO: eu, eu não, eu percebo a maneira em que todos são negros.

EO: É claro que tem raízes africanas.

EO: Ahn, agora o fato de, de, de, de, de existir influência hoje...

EO: ...é difícil, até porque são pessoas daqui.

EO: Pessoas que faz, a gente não sabe quem trouxe, específico, a pessoa que trouxe pra aqui, mas sabe que é cria/ foi criado por negro e se mantém até hoje...

EO: ...né.

EO: Tem alguma **coisa** a ver...

EO: ...com afro...

EO: ...né, a dança, mas conhecimento, dizer assim, 'não'...

EO: ...tá se, se ajudando, um, alguém da África tá ajudando, tá fazendo alguma **coisa**, assim, a gente não tem'.

EO: Né, só entre e/ por exemplo, na minha família vem esse tempo todo, eu não tenho conhecimento que tenha...

EO: ...algum apoio, alguma **coisa** diferente, né.

EO: Mas que já vem nesse tempo do meu bisavô...

EO: ...eu tenho conhecimento que foi escravo.

ANEXO C: Recortes textuais – A palavra “coisa” nas entrevistas API e BPI da área urbana de Princesa Isabel.

Trecho 01 da entrevista API

ER: Como é que a, a questão, assim, de vocês, ahn, jovens na cidade, o espaço que vocês têm, como é que você sente isso, você pessoalmente?
 ER: Espaço, assim, de, de lazer de // cultura.
 EO: Bom, a gente não tem muitos edifícios pra isso.
 EO: Temos um, um clube, temos a praça, como você viu, que é povoada toda noite.
 EO: Mas nós não, não temos acesso a certas **coisas** que v/ a mídia nos mostra, nós não, não vemos essa, esse tipo de **coisa**.

Trecho 02 da entrevista API

ER: E a, a questão, assim, ahn, cultural, você faz parte, né, de um // grupo?
 EO: Faço parte de um grupo de dança, o Grupo de Cultura Abolição.
 ER: Certo.
 ER: Eu queria que você falasse, contasse um pouquinho da, da história desse grupo pra // gente.
 EO: Bom, primeiro, o Grupo de Cultura Abolição, ele não nasceu da ideia, 'vamos criar um grupo', vamos fazer um grupo de dança e vamos dançar.
 EO: Não.
 EO: O Grupo de Cultura Abolição, ele tem como uma característica forte, é uma acentuada tendência de resgate à cultura que está sucumbindo.
 EO: Tá tanto a nordestina, quanto a brasileira, nós dançamos até danças...
 EO: ...apenas uma dança estrangeira, que é o retumbão, que é uma espécie de lundum, sabe.
 EO: Menos requebrado, que os homens com o seu requebrado tentam conquistar suas damas.
 EO: E então, ahn, há um tempo atrás, acho que mil novecentos e vinte e oito...
 EO: ...tem um sítio aqui próximo que pertence à nossa região, a Princesa Isabel, ahn, que é...
 EO: ...o sítio Guaribas, mais conhecido como Serra do Gavião.
 EO: Lá existiu um camponês simples, ahn, Sebastião Pastoro, foi ele quem criou o reisado.
 EO: Isso em mil novecentos e vinte oito, o gri/ o grupo surgiu em mil novec/ mil novecentos e, e alguma **coisa**.
 EO: Em mil novecentos e setenta e cinco, por aí.

Trecho 03 da entrevista API

EO: O grupo começou a ter finalidades acadêmicas, no caso, nós dançávamos por dinheiro, até porque não tinha como sustentar logo depois do mandato dele.
 EO: Então, viramos o Grupo de Cultura Abolição, aí, não nos dedicamos somente ao

reisado.

EO: O reisado é a dan/ o carro chefe do grupo, ahn, essa história toda e é, exclusivamente, as/ único, daqui dessa região de Princesa é único.

EO: E, também nos dedicamos ao xaxado.

EO: O xaxado foi muito jovem também que ele aprendeu.

EO: Foram a uma apresentação em Lagoa Seca, onde uma amiga de seu João Mandu, ahn, Sílvia...

EO: ...naquele tempo o reisado tava chegando por aqui, que até existia a superstição que diziam que era dançado entre os cangaceiros e tudo mais, mas documentários comprovaram outras **coisas**.

Trecho 04 da entrevista API

EO: Aí, nós primamos também por, por xaxado, pelo reisado, que é o carro chefe do grupo...

EO: ...retumbão, dança da boneca e a sequência nordestina, que são várias danças incluídas, você precisa ver, é lindo.

EO: E, entre outras **coisas**, tudo que tiver a/ aspectos culturais, também temos, está no estatuto do grupo...

EO: ...que foi criado um estatuto que o Grupo de Cultura Abolição tem que participar, tem que vivenciar, interagir com o social.

Trecho 05 da entrevista API

ER: E as apresentações, normalmente, ocorrem em que lugares?

EO: Bom, nós no/ a/ nos apresentamos aqui, em ocasiões como festas ou em, em, em celebrações.

EO: E também somos chamados muitas vezes pra fora.

EO: Também buscamos concursos de danças, essas **coisas**, pra participar.

EO: Levando o nome da cidade, a cultura e tudo mais.

EO: E: Uhnrum.

Trecho 06 da entrevista API

ER: Em outras cidades as pessoas falavam muito, assim, de questão de drogas, né, que tá entrando muito aqui no sertão.

EO: Sim, sim.

ER: Mas, ahn, aqui, me falaram menos das drogas e mais da prostituição.

[...]

ER: Mas isso, assim, com pessoas muito jovens?

EO: Bom, em maioria das vezes.

EO: Você pode sentar, ontem na, ontem mesmo quando estávamos conversando...

EO: ...chegou quatro jovens, sentaram na mesa ao nosso lado, estavam tomando cerveja.

EO: Todos aparentavam ter mais ou menos a minha idade.

EO: Entre quinze e catorze anos.

ER: Mas aquilo não era prostituição.
 EO: Não, aquilo era outro caso, já era bebida, mas a prostituição ocorre.
 EO: É, em festas, essas **coisa**, ocasiões ou então, ah, vamos supor os cabarés.
 EO: Existem aqui.
 ER: Entendi.

Trecho 07 da entrevista API

ER: Ahn, e a questão, assim, na, aqui na cidade de oportunidades de trabalho pra juventude?
 EO: Olha, isso, a vaga no mercado de trabalho, e principalmente para nós jovens...
 EO: ...é um pouco, vamos supor, que apertada.
 EO: Porque além deles não, vamos supor, 'ah, eu não quero ninguém jovem'.
 EO: E muitas vezes, ahn, requer experiência, e também somos uma cidade com pouco comércio, pouco...
 EO: ...essas **coisas** que a/ que atraem mais a mídia trabalhista.

Trecho 08 da entrevista API

EO: Eu sou filho de um homem que foi preciso sair daqui por dificuldades, tenho um tio, e muitas outras pessoas, é muito comum.
 ER: E como é, você, assim, como filho de uma pessoa que tem a necessidade de fazer isso, né, como é que você sente isso?
 EO: Bom, ahn, justamente é uma **coisa** que, você por não se ver todo dia e ainda mais, não devia ser dessa forma.
 EO: Porque, ele deixa a família e vai pra fora procurar um emprego.
 EO: Aqui ele ganhava um salário, mas um salário hoje em dia não dá pra suprir, suprir uma família.
 EO: Então, é uma necessidade, então, você se vê num buraco.
 ER: Uhnrum.

Trecho 09 da entrevista API

ER: Ahn, a questão de preconceito na cidade?
 ER: Preconceito, // bullying, essas **coisas** homossexualistas, homofobia?
 ER: Como é que é? Qualquer tipo de preconceito.
 EO: Bom, como eu disse que eu faço parte de um grupo...
 ER: Uhnrum.
 EO: ...ahn, no grupo há homossexuais, como você conhece, como em qualquer grupo de dança.
 EO: E, entrar nesse grupo se torna para uma pessoa, mesmo em busca dela querer se situar na cultura, dançar, tudo mais...
 EO: ...em busca de um bem-estar melhor, ahn, se torna mútuo.
 EO: Porque, você vai sofrer calúnias.
 EO: Ahn, como eu já disse, sendo uma, uma cidade pouco desenvolvida, mas há preconceito.
 EO: Há preconceito com, com a homofobia, e outras **coisas** que levam, o bullying.

Trecho 10 da entrevista API

ER: Você sente, assim, ahn, ahn, a questão de preconceito em relação a, ahn, quando, pensando assim, s/ nordestino e outros lugares do país?

ER: Ah...

ER: Você acha que há muito preconceito?

EO: Ah, isso eu acho que sim.

EO: Até, até porque também eu sou uma pessoa um pouco interligada com redes sociais, internet, essas **coisas**.

EO: Certo dia eu estava na internet, abri um blog lá, do nada, lá tinha, 'Paulistinha não sei o quê'.

EO: É um blog, onde uma menina esculhamba com paraibanos, ela quer pisar em cima, diz **coisas** horrendas.

EO: E acontece, por causa do sotaque, por causa q/...

EO: ...que nós somos uns, um, uma região menos desenvolvida, não temos acessos a outras **coisas**.

Trecho 11 da entrevista API

ER: Ahn, quando vocês pegam aqui, por exemplo, no final de semana, né, ahn, os momentos de lazer, né...

ER: ...quando, tirando assim, (sei) lá, você tá um, tem um envolvimento direto com o grupo, né...

ER: ...ahn, aí você já tem atividades específicas, mas as pessoas que não têm um grupo, assim, cultural, coisa formada...

ER: ...que que essa, que que se faz normalmente, assim?

EO: Normalmente as pessoas saem, às, na sexta-feira e no domingo.

EO: Porque, vamos dizer, eu vou usar a expressão, são os dias mais badalados.

EO: Ahn, na sexta-feira, porque há boate, e no domingo também, a boate vai até meia-noite.

EO: E no domingo à tarde, uma opção de lazer é o, o clube aquático que tem aqui.

EO: E, ou vão beber.

EO: Porque nós não temos muita op/ não temos muita opção de lazer.

EO: São apenas mais em festa que vem, vamos supor, um parque pra cá, essas **coisas**.

Trecho 12 da entrevista API

ER: Ahn, e a, a, a questão, por exemplo, do, da relação das pessoas que moram aqui na cidade, com as pessoas que moram nos sítios em volta?

ER: É uma si/ situação normal, tem // preconceito também?

EO: Bom, vamos dizer que é razoável.

EO: Porque, há um pouco de preconceito, até porque, vamos supor, eles são privados de algumas **coisas** que nós, nós vemos diariamente.

EO: Ahn, então, quando veem por motivo de gula, aquela **coisa**, eles chegam a sofrer preconceito.

EO: Por serem privados de certas **coisas**, tudo mais, mas é um pouco razoável, porque, maioria...

EO: ...em, em, ao todo, maioria nós somos vindos do sítio.

ER: Uhnrum.

Trecho 13 da entrevista API

ER: Você já morou em sítio?
 EO: Já, já, // morei.
 ER: Como é que era a, a, a vida lá quando você morava no sítio?
 EO: Bom, no sítio se torna um pouco mais difícil que aqui.
 EO: Hoje eu moro aqui porque eu estudo e meus pais são muito preocupados com meus estudos, tudo mais.
 EO: Então, é uma necessidade, porque lá o ensino é melhor, não tem saneamento básico, não tem esgoto, não tem água encanada.
 EO: Lu/ ao meu sítio, que era um sítio do qual eu morava, há um tempo atrás, ahn, veio chegar luz agora no ano de dois mil e pouco.
 EO: No caso era um, às escuras.
 EO: Então, justamente, se torna uma **coisa** muito mais difícil pra viver, a escola, ela, quando eu estudava lá a escola, você precisava ver, estava em condições de penáreis.

Trecho 14 da entrevista API

ER: Ahn, como é que é a, a, a questão política para os jovens aqui?
 EO: Ah, mo/ os jovens se envolvem muito com política, porque há uma espécie de, vamos su/ vamos dizer...
 EO: ...acho que essa palavra é muito forte para que eu use, mas eu vou usá-la, é su/ um tipo de suborno.
 EO: Porque muitas vezes alguns votam em troca de algo.
 EO: E, no z/ sempre quando tem comício, ahn, aglomerações de pessoas, comemorando essas **coisas**, os jovens sempre estão presentes.
 EO: Ahn, se dedicam a tirar o título mais cedo, aos dezesseis anos que já podem votar.
 EO: E também, aqui na, na nossa cidade ocorre uma **coisa** que é, tipo assim...
 EO: ...a maioria dos políticos, ahn, conseguem seus votos pelo, por causa, porque seu par/ seu partido é de forma populista.
 EO: Sempre em algo, 'ah, eu vou f/ votar em você'...
 EO: ...'porque você me deu um suporte em alguma **coisa**, eu vou votar em você porque, por causa disso', sempre ocorre por causa disso.
 ER: Uhnrum.

Trecho 01 da entrevista BPI

ER: Que tipo de trabalho que, que se encontra aqui?
 EO: Ahn, mais trabalho, assim, na agricultura.
 EO: Na agricultura, tem, agora não, esses programa do governo ta gerando uns empreguinho mais dentro da cidade, né.
 EO: Aí, tá tendo uns emprego mais.
 EO: Não é muito não, mas é bom, tá bom.
 ER: Mas tem indústria, alguma coisa assim?
 EO: São pouca, as indústria são pouca.

ER: Aí, na área de quê?
 EO: As indústria, ela tá tendo mais, assi/ ahn, ela de um tempo desse pra cá, ela veio...
 EO: ...as indústria que vieram pra cá tão crescendo, ahn, tem a granja, né.
 EO: Tem a granja, tem umas fábrica de doce, de...
 EO: ...umas que produz, ahn, material de construção, ahn, tipo viga, essas **coisa**, mas é pouco.
 ER: Uhnrum.

Trecho 02 da entrevista BPI

ER: E, como que é a, a questão, assim, de, da vida cultural da cidade, né, em termos gerais?
 EO: A vi/ ahn, cultural, ela é, ahn, tem muitas apresentação cultural, né, da, da cidade.
 EO: Mas que precisava mais.
 EO: Ter um tipo, um cinema pra apresentar melhor as **coisa**, né, da cidade, eu acho que, tem isso aí, precisava muito disso.
 ER: Uhnrum.

Trecho 03 da entrevista BPI

ER: E, e o movimento, assim, quando você participa do movimento estudantil, o que que vocês fazem?
 ER: Vocês, assim, líderes estudantis, fazem ou faziam?
 EO: A gente faz, a gente leva pra, ahn, o pedido de, de muitas, muitos aluno.
 EO: Eles querem uma **coisa**, a gente leva a maioria pra lá, aquele pedido formal, né...
 ER: Uhnrum.
 EO: ...dos aluno.
 EO: Eles querem uma **coisa**, eles acha que é melhor, a gente sempre leva aquela, aqueles que eles acha melhor.
 ER: E, e, como é que vocês fazem, assim, pra descobrir o que eles querem?
 EO: É porque, por exemplo, ahn, eu já fui representante de turma
 EO: ...a gente é o representante, e ali tudinho chega cobrando aquilo.
 EO: Aí quer que a gente leva aquele, aquele, ahn, que é mais principal.
 EO: Aquele pedido, que eles acha que é melhor, aí eles chega tudo e fala tudo do jeito só.
 EO: Aí, tu vai e apresenta.

Trecho 04 da entrevista BPI

ER: Ahn, você, você, ahn, já ouviu falar ou conhece, assim, pessoas que saem daqui pra ir trabalhar em outros estados?
 EO: Conheço.
 ER: Essas pessoas saem por quê?
 EO: Eles sai, assim, pra, devido aqui não ter, como eu falei, né, emprego.
 EO: Aí, uns querem trabalhar fora, porque lá tem...
 EO: ...tem como trabalhar e conseguir o que eles quer.

ER: Uhnrum.
 EO: E a gente vai também pra lá com o coração, assim, partido, né.
 ER: A gente vai porque às vez a gente quer conseguir uma **coisa** e, e aque/ e obriga a gente ir, né.
 EO: Eu já fui pra lá, eu fui pra lá com catorze ano a primeira vez.
 EO: Eu parei de estudar, fui com catorze ano...
 ER: Uhnrum.
 EO: ...pra lá.
 ER: Aí, você foi trabalhar no corte de cana?
 EO: Fui.
 ER: Uhnrum.

Trecho 05 da entrevista BPI

ER: E, e, como é que era o trabalho, assim, do corte de cana?
 EO: Era sofrido.
 EO: E/ era e é.
 EO: Hoje não, hoje o governo tá mais oferecendo mais, ahn, como é que fala, ahn, acobertando mais a gente, né.
 EO: Os trabalhador de corte de cana tá acobertando mais, e ta tendo mais...
 EO: ...cobertura, mais tranquilo, mais conforto.
 EO: Mas, aquele, o tempo que eu fui era sofrido.
 EO: Era cada um por si e Deus por nós todo.
 ER: E a rotina, era o quê, levantava a que horas?
 EO: Me levantava quatro e meia da manhã pra ajeitar as **coisa**, comida, roupa.
 EO: E, ia trabalhar o dia todinho, chegava em casa cinco e meia, seis da tarde.
 EO: Era bem sofrido.

Trecho 06 da entrevista BPI

ER: E, e o corte da cana, como é que é assim, se você for, assim, explicar pra uma pessoa como é que funciona, estar lá, assim, pra cortar a cana mesmo?
 ER: O que que tem que fazer, como é que é o procedimento?
 EO: O procedimento lá é assim, a gente, a gente sempre trabalha na produção.
 EO: A gente vai trabalhar, quanto mais fizer mais ganha.
 EO: Aí, a gente tem aquele esforço, né, trabalhar mais
 EO: Que quanto mais trabalhar mais ganha.
 EO: E a gente tem aquele esfroço.
 ER: Uhnrum.
 [...]
 ER: E, e tem acidente, assim, com...
 EO: De trabalho?
 ER: É.
 EO: Tem.
 EO: Eu já fiquei, já fui acidentado duas vez.
 EO: É porque eu tenho cuidado, né.
 EO: Acidentado duas vez.
 EO: Caiu um **coisa** no meu olho até uma vez.

EO: Passei vinte dia parado.
 ER: Uhnrum.
 ER: E o, o acidente como é que foi?
 EO: Aquele, ahn, aqueles, que a cana ela tem aqueles **coisa**, aquele...
 EO: ...um tipo, é o, chama joçal, uns espinho que tem
 EO: Aquilo quando cai no olho da gente, vixe Maria, tem, é um acidente aquilo.

Trecho 07 da entrevista BPI

ER: E o, o que, quan/ quando vocês plantavam cana, né, no sítio...
 ER: ...que que cês faziam com ela depois, usava pra quê?
 EO: Não, aqui, assim, quando eu, ahn, até os treze ano eu morei no sítio a/ aqui na, na Paraíba mesmo.
 EO: Eu morei no sítio, a gente não plantava cana, a gente trabalhava em roça, entendeu.
 EO: Aí, como eu falei, com uns treze ano eu vim morar na rua, aqui em Princesa...
 EO: ...e daqui de Princesa é que eu fui trabalhar em São Paulo, no corte da cana.
 ER: E você sentiu muita diferença quando você veio morar aqui?
 EO: Do sítio?
 ER: É.
 EO: Eu achei diferença, assim, porque no sítio a gente produzia as **coisa**, né.
 EO: Criava galinha, essas **coisa**, mãe mesmo criava muita **coisa** assim.
 EO: Porco, galinha, era cento e cinquenta galinha, duzentos.

Trecho 08 da entrevista BPI

ER: Como é, e como é que os pais fazem, por exemplo, assim, quando tem uma quantidade, assim, maior de filhos, né...
 ER: ...e às vezes moram no sítio, tal, com dificuldade...
 ER: ...como é que faz pra cuidar de todo mundo, pra alimentar todo mundo?
 EO: É bem difícil.
 EO: Principalmente naquele tempo lá que não tinha Bolsa Escola, não tinha...
 EO: ...as escola não tinha merenda adequada, era difícil. 1.144.941
 EO: A gente escapava era comendo **coisa** do mato, fruto de palma, batata de ingu, essas **coisa**, era difícil.
 ER: Uhnrum.

Trecho 09 da entrevista BPI

EO: É o bode, ele escapa com tudo, né, qualquer mato, qualquer **coisa** ele, ele come.
 ER: Uhnrum.
 EO: É bom de criar.

Trecho 10 da entrevista BPI

ER: Agora, já me disseram que pra comer a carne do bode tem um, um...
 ER: ...um jeito na hora do trato lá, tem que tirar alguma coisa, cê sabe como é que é isso?
 EO: É, tem uns prot/ procedimento que a gente tem que fazer, é importante.
 EO: E é uma carne boa, carne de bode.
 ER: Que procedimento é esse?
 EO: A gente tem que matar el/ ele...
 EO: ...ahn, sangrar ele, tudo, pra sair aqueles **coisa** que ele tem, né, fedor que ele tem, tudo.
 EO: E: Entendi.

Trecho 11 da entrevista BPI

ER: Ahn, vocês aqui de Princesa têm um contato muito grande aqui com Pernambuco, né?
 EO: Tem, logo a gente mora vizinho, né, aqui, Pernambuco.
 ER: Aí vai muito pra lá?
 EO: A gente resolve muito, muitas **coisa**, negócio n/ no Pernambuco.
 EO: Porque o Pernambuco facilita mais.
 EO: Eu acho que aqui, nós mora na divisa, né, do Pernambuco, Paraíba...
 EO: ...o Pernambuco à vez ele oferece mais vantagem pra gente resolver os negócio.

Trecho 12 da entrevista BPI

ER: E a questão, assim, de saúde, de, de médico, essas coisas, cês são bem servidos aqui?
 EO: Aqui na Paraíba?
 ER: É, aqui em Princesa, né.
 EO: Aqui em Princesa, isso aí é outra **coisa** que precisava muito aqui.
 EO: A gente aqui quase não tem.
 EO: A gente se precisar dum atendimento mais, mais avançado tem que ir pra fora.
 ER: É?
 EO: É tanto que a gente procura muito essa cidade, Serra Talhada.
 ER: Ah, então, hospital lá é bom?
 EO: É bom.
 EO: Porque aqui, se a gente quiser ir pra capital é mais dificultoso, né.
 EO: Eu acho que Princesa era pra ter um, mais, mais atendimento, mais médico, mais, uma **coisa** avançada.
 EO: Um hospital de base, bom, não só pro povo de Princesa, mas pra toda a região aqui, outras cidade vizinha.

Trecho 13 da entrevista BPI

ER: Ahn, a questão de água aqui na cidade, falta água?

EO: Água, ela é ruim.
 EO: Ahn, as encanação d'água que tem s/ aí, ela foi feita, é muito antiga.
 EO: A cidade era pequena
 EO: E hoje a cidade cresceu, tipo mais, ela precisava ter mais...
 EO: ...no mínimo aí umas três caixa d'água grande, e só tem uma.
 ER: Essa água vem de açude, como é que é?
 EO: De açude, açude público.
 ER: Qual, qual o nome do açude?
 EO: É Jatobá.
 ER: Jatobá?
 EO: É.
 EO: O açude é bom, ele se...
 EO: ...tem muita água pra cidade, aí a, a cidade, ela tem um problema que não tem água adequada aqui, né.
 EO: Ela falta muita água.
 ER: Uhnrum.
 EO: Eu acho que os governante, ele devia focar essas **coisa** que precisa aqui, pra cidade.

Trecho 14 da entrevista BPI

ER: E quando falta água, como é que as pessoas fazem?
 EO: É difícil.
 EO: É difícil.
 EO: Tem algum bairro que ela chega normal.
 EO: Ahn, ahn, aí, já tem outros que não chega, aí, aquelas que não chega é difícil.
 ER: E aí, como é que as pessoas se ajeitam?
 EO: Ahn, o sofrimento é total, eles compra água...
 EO: ...água pra ir levar de carro pipa, de tambor, essas **coisa**.
 ER: Tambor é como?
 EO: Tambor é aqueles que, aqueles botijões de doze de...
 EO: ...de doze lata, doze lata de dezoito litro.
 EO: Chama tambor.